



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Helena Yuriko Sakano Fernandes

**Análise da adaptação de um dicionário bilíngue francês-português
europeu para a variante brasileira**

São José do Rio Preto

2012

Fernandes, Helena Yuriko Sakano.

Análise da adaptação de um dicionário bilingue francês-português europeu para a variante brasileira / Helena Yuriko Sakano Fernandes. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2012.

127 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Maria Cristina Parreira da Silva

Co-orientador : Claudia Maria Xatara

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Lexicografia bilingue. 2. Português brasileiro. 3. Português europeu. I. Parreira da Silva, Maria Cristina. II. Xatara, Claudia Maria. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. IV. Título.

CDU – 81'374

HELENA YURIKO SAKANO FERNANDES

**Análise da adaptação de um dicionário bilíngue francês-português europeu para a
variante brasileira**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Linguística, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Parreira da Silva
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Maria Xatara

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Parreira da Silva
Professora Assistente Doutora
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Álvaro David Hwang
Professor Doutor
Universidade Estadual de Maringá

Prof.^a Dr.^a Claudia Zavaglia
Professora Assistente Doutora
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 3 de agosto de 2012

A meus pais e meus irmãos.

Ao Fabio e a sua família.

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelas lições de vida, principalmente por me ensinarem que não se deve desistir na primeira dificuldade encontrada; por me mostrarem que, mesmo que minhas escolhas não sejam as esperadas, sempre terei meu lugar guardado entre eles.

Serei sempre extremamente grata à Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Parreira da Silva e à Prof.^a Dr.^a Claudia Xatara pela confiança ao me convidarem a participar do projeto lexicográfico que levou à realização deste trabalho. Foi uma experiência prática muito enriquecedora. Agradeço-lhes também pela orientação e pelos conselhos ao longo de todos esses meses. À Maria Cristina, especialmente, pelas tantas leituras atentas que fez de meus textos. Sem elas, esta dissertação teria inúmeras outras imperfeições.

Ao Fabio, gostaria de agradecer a paciência, a compreensão e, sobretudo, a assessoria no tratamento dos dados. Não fosse ele, ainda estaria fazendo contas.

Aos professores doutores Álvaro David Hwang, Claudia Zavaglia, Claudia Xatara e Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva, pelas sugestões.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos com quem tive a oportunidade de ter aulas, minha gratidão pelas incontáveis contribuições à minha formação.

Aos funcionários da seção de pós-graduação e da biblioteca, sou grata pela paciência ao responderem às minhas inesgotáveis dúvidas.

Aos colegas do programa, agradeço pela solidariedade, ao me confortarem dizendo para não me preocupar, que é assim com todo mundo mesmo...

Finalmente, gostaria de agradecer também à CAPES, cujo auxílio financeiro permitiu dedicar-me à realização deste trabalho.

A gênese deste dicionário deve ter ocorrido num longínquo dia de 1977, quando, recém-chegado a Lisboa, fui encontrar sobre a tampa da privada os legumes que pedira à empregada portuguesa para deixar sobre a pia.

Mauro de Salles Villar, sobre seu *Dicionário contrastivo luso-brasileiro*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I Lexicografia Pedagógica, Tradução e Crítica Lexicográfica.....	19
1.1 Lexicografia Pedagógica.....	22
1.1.1 Dicionários bilíngues e semibilíngues.....	24
1.1.2 O papel dos dicionários bilíngues na codificação e decodificação de textos em língua estrangeira.....	29
1.2 A tradução em dicionários.....	32
1.3 A crítica lexicográfica.....	38
CAPÍTULO II O dicionário francês-português da <i>K Dictionaries</i>.....	43
CAPÍTULO III Português brasileiro e português europeu.....	60
3.1 Revisão da literatura.....	61
3.2 Classificação das diferenças ou contrastes.....	67
CAPÍTULO IV A adaptação do dicionário bilíngue francês-português europeu para a variante brasileira.....	72
4.1 Procedimentos metodológicos.....	72
4.2 As modificações.....	80
4.2.1 Nível fonético-ortográfico.....	82
4.2.2 Nível morfológico-sintático.....	87
4.2.3 Nível léxico-semântico.....	97
4.2.4 Nível pragmático-cultural.....	105
4.3 Principais dificuldades de tradução.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115
ANEXOS.....	121

Lista de figuras

Figura 1 Resumo esquemático do primeiro nível de classificação das UF's, proposto por Corpas Pastor (1996, p. 52).....	21
Figura 2 Verbete <i>broche</i> , no dicionário <i>Michaelis</i>	27
Figura 3 Verbete <i>déboucher</i> , no dicionário <i>Michaelis on-line</i>	36
Figura 4 Alfabeto ilustrado em que se apresenta a UL <i>zinc</i>	52
Figura 5 Verbete <i>chouette</i> (adj.), no dicionário <i>on-line Larousse</i>	54
Figura 6 Verbete <i>chouette</i> (adj.), no dicionário <i>on-line</i> do site <i>L'Internaute</i>	54
Figura 7 Verbete <i>chouette</i> (adj.), no dicionário <i>on-line TLFi</i>	55
Figura 8 Verbete <i>croire</i> (v.t.i.), no dicionário <i>on-line Larousse</i>	56
Figura 9 Resumo esquemático da proposta de classificação de contrastes de Wittmann, Pêgo e Santos (1995).	68
Figura 10 Subdivisões dos contrastes absolutos (WITTMANN; PÊGO; SANTOS, 1995).....	70
Figura 11 Vista parcial da planilha criada para a organização dos dados.	78
Figura 12 À esquerda, a bala <i>berlingot</i> e, à direita, a embalagem que recebe o mesmo nome.....	111

Lista de gráficos

Gráfico 1 Distribuição das modificações entre os diferentes níveis de análise.....	81
---	----

Lista de quadros

Quadro 1 Verbetes <i>broche</i> , no dicionário FR-PE da <i>K Dictionaries</i>	28
Quadro 2 Verbetes <i>chouette</i> ² , nos arquivos do dicionário FR-PE da <i>K Dictionaries</i>	53
Quadro 3 Verbetes <i>croire</i> , nos arquivos do dicionário FR-PT da <i>K Dictionaries</i>	56

Lista de tabelas

Tabela 1 Lista descritiva dos arquivos traduzidos.....	121
Tabela 2 Lista descritiva dos arquivos analisados.....	123
Tabela 3 Vista parcial da planilha do nível fonético-ortográfico	124
Tabela 4 Vista parcial da planilha do nível morfológico-sintático.....	125
Tabela 5 Vista parcial da planilha do nível léxico-semântico	126
Tabela 6 Vista parcial da planilha do nível pragmático-cultural.....	127

Resumo: O Brasil tem cada vez mais se sobressaído no cenário mundial, fazendo com que a língua aqui falada também receba mais destaque. Considerando essa nova importância conquistada, uma editora internacional especializada na produção de dicionários resolveu investir na elaboração de obras envolvendo nossa variante do português. Esta dissertação baseia suas considerações na adaptação, para o português brasileiro, de um dicionário bidirecional francês-português europeu publicado por essa editora. Neste trabalho, observaram-se e discutiram-se as características desta obra semibilíngue, sobretudo aquelas relacionadas às principais necessidades dos aprendizes brasileiros de francês, partindo-se das considerações já feitas no âmbito da metalexigrafia. Em relação a esse aspecto, vimos que o dicionário analisado apresenta pequenas falhas na microestrutura de alguns verbetes, o que é inerente a qualquer projeto lexicográfico, mas ainda assim constitui um importante reforço ao reduzido grupo dos dicionários francês-português brasileiro para aprendizes. Além desse aspecto de crítica lexicográfica, dentre as cerca de seis mil entradas por nós traduzidas, foram selecionadas aproximadamente duas mil para que, por meio das modificações realizadas durante o processo de adaptação do dicionário, pudéssemos investigar também as diferenças entre as duas grandes variantes do português. Após apresentar a opinião de autores de diferentes áreas da Linguística sobre a questão de ser ou não o português brasileiro outra língua quando comparada ao português europeu, como o é em relação ao espanhol, vimos, em nossos dados, que o maior número de modificações se concentrou no nível léxico-semântico, seguido do nível morfológico-sintático. Os dados observados também demonstram que, embora tenha sido identificada uma quantidade reduzida de alterações classificadas como pragmático-culturais, qualitativamente, este nível foi o que mais apresentou dificuldades de tradução. Embora tenham sido proporcionados indícios para discutir sobre o grau de divergência entre as variantes brasileira e europeia do português, para que se possa chegar a conclusões mais concretas sobre a questão da denominação da língua no Brasil, ainda é preciso que mais pesquisas sejam desenvolvidas simultaneamente dos dois lados do Atlântico, com foco não apenas no sistema mas também nos usos discursivos e pragmáticos da língua.

Palavras-chave: Lexicografia bilíngue, português brasileiro, português europeu

Abstract: Brazil has increasingly distinguished itself on the world scene, what makes that the language spoken here also receives more attention from foreigners. Considering this new growing importance, an international publisher specialized in the production of dictionaries decided to invest in developing works that involve our variety of Portuguese. This dissertation bases its considerations on the adaptation to Brazilian Portuguese of a bi-directional dictionary of French-European Portuguese produced by that publisher. In this study we have observed and discussed the characteristics of this semi-bilingual work, especially those related to the main needs of Brazilian learners of French, according to the considerations made in theoretical lexicography. In this regard, we have considered that, like any other lexicographic project, this dictionary has some minor flaws in the microstructure of some entries, but it still represents a significant enhancement of the small group of French-Brazilian Portuguese learner's dictionaries. Besides this aspect of lexicographical criticism, approximately two thousand entries among the six thousand we have translated were selected so that, through the changes made during the process of adapting the dictionary, we could also investigate the differences between the two major varieties of Portuguese. After presenting the points of view expressed by authors from different areas of Linguistics on the question of whether Brazilian Portuguese is another language when compared to European Portuguese, as it is in relation to Spanish, we have seen in our data that the greatest number of modification was concentrated in lexical-semantic level, followed by morphological-syntactic level. The data also show that, although a reduced amount of alterations classified as pragmatic-cultural has been identified, qualitatively and proportionally, this level has presented the biggest difficulties in translation. Even though we have presented evidence to discuss the degree of divergence between Brazilian and European varieties of Portuguese, in order to arrive at more definite conclusions about the issue of naming the language spoken in Brazil, more research need to be carried out simultaneously on the two sides of the Atlantic, researches not only focused on the system but also on the discursive and pragmatic uses of language.

Key-words: bilingual lexicography, Brazilian Portuguese, European Portuguese

INTRODUÇÃO

As relações entre Brasil e França estão se tornando cada vez mais próximas. A potência europeia e o país expoente no contexto da América Latina têm dialogado constantemente, nos últimos anos, a respeito dos mais diversos interesses, como se pôde verificar nas últimas visitas (inter)presidenciais e também nos Anos do Brasil na França e da França no Brasil, realizados respectivamente em 2005 e 2009. Foram tratados desde a discussão sobre os problemas no Oriente Médio até o apoio à candidatura brasileira a uma vaga como membro permanente no Conselho de Segurança da ONU. E em meio a essa variada gama de assuntos, dois se destacam devido à grande importância para ambos os países: trata-se do intercâmbio de conhecimento científico e do aumento e melhoria das relações comerciais. Dessa forma, levando em consideração a relevância de muitos desses assuntos, parece bastante natural que o crescimento do interesse no campo das relações internacionais gere e, ao mesmo tempo, reflita-se no aumento da visibilidade das línguas envolvidas, isto é, do francês e do português brasileiro (PB).

Provavelmente considerando esse, dentre outros aspectos, uma importante editora internacional especializada na publicação de dicionários – a *K Dictionaries* – decidiu investir na adaptação, para a variante brasileira, de seu dicionário bilíngue bidirecional francês-português europeu (PE), oferecendo a um grupo de lexicógrafos e tradutores brasileiros, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Claudia Xatara, grupo no qual nos incluímos, a oportunidade de participar desse processo de adaptação (especificamente na parte francês-português).

Sobre a importância desse tipo de empreitada internacional, vale mencionar o que nos diz Humblé (2001):

Os dicionários bilíngues são, muito frequentemente, produzidos por editoras “mononacionais” e elas dão tácita preferência ao público de seu país. Daí a comum falta de equilíbrio entre as duas metades deste tipo de dicionário no simples número de páginas. É preciso mencionar que recentes parcerias empresariais, como as de Oxford-Hachette, Oxford-Duden ou Collins-Robert, têm feito muito para mudar essa situação para melhor. (HUMBLÉ, 2001, p. 36, tradução nossa)¹

Assim, podemos afirmar que o trabalho com equipes dos dois países resulta certamente em produtos em melhores condições de atender mais equilibradamente aos dois públicos e não somente àquele do país em que se encontra a editora, como costuma acontecer.

Após a realização do trabalho de adaptação de parte do dicionário bilíngue francês-português europeu para a variante brasileira, realizado em 2010, foram desenvolvidas as reflexões apresentadas nesta pesquisa. Seus objetivos foram a) colaborar para o desenvolvimento da metalexiconografia voltada a esse tipo específico de obra lexicográfica, por meio da observação de alguns aspectos da obra adaptada e b) contribuir para as discussões acerca das diferenças entre as duas variantes do português, por meio da descrição e classificação das alterações necessárias nesse processo de adaptação. Antes, porém, de discutirmos as questões envolvidas em tal processo, refletiremos sobre a relevância desse projeto lexicográfico.

Conforme apresentado em Fernandes e Xatara (2011), ao assumirmos que o português que se fala no Brasil e o que se fala em Portugal são a mesma língua, uma primeira questão que poderíamos nos colocar seria: qual a utilidade de adaptar um dicionário do português para o português? Posto nesses termos, de fato, tal empreendimento parece não fazer muito

¹ “Bilingual dictionaries are most frequently produced by ‘mononational’ publishers and they give tacit preference to the national audience. Hence, the customary lack of balance between the two halves of this kind of dictionary in mere number of pages. It has to be mentioned that recent joint ventures, such as the Oxford-Hachette, Oxford-Duden or Collins-Robert, have done much to change this situation for the better.”

sentido. Entretanto, ele é facilmente justificado quando nos deparamos com verbetes como os que seguem:²

hibou ['ibu] *nm* (*pl -x*) oiseau de nuit
{br} - mocho ['moʃu] *m*

Imaginemos um aprendiz brasileiro, iniciante em língua francesa, que se depara com o substantivo *hibou* em um texto. Supondo que ele passe diretamente ao equivalente, apesar da pouca extensão da definição em francês, ou que ele ainda não tenha aprendido que a palavra *oiseau* significa “pássaro”, “ave”, é pouco provável que ele soubesse dizer o que é “mocho”. Perguntando a um conhecido o que significava essa palavra, como um teste, a resposta obtida foi aproximadamente: “o boi cujo chifre foi cortado”, muito diferente de “coruja”, que seria o equivalente mais comum para *hibou*, em PB.³

Analogamente, imaginemos um estudante brasileiro que faz uma tradução a partir de um texto em francês, no qual encontra o substantivo *chapelure*, cujo significado desconhece. Buscando em seu dicionário francês-português europeu, depara-se com a definição e o equivalente abaixo:

chapelure [ʃaplyʁ] *nf* très petits morceaux de pain sec
{br} - pão ralado ['pẽwʁe'ladu] *f*

Não podemos afirmar, com certeza, que ele saberá que o “pão ralado” português é o que nós, brasileiros, conhecemos por “farinha de rosca”. Sem dúvida, há possibilidades de que

² Todos os verbetes em moldura foram extraídos de nosso *corpus*, composto dos arquivos DOC do dicionário francês-português europeu da Kernerman e de suas versões adaptadas ao português brasileiro. Ressaltamos que a marca {br} aparece antes das traduções, mesmo nos arquivos em PE, pois tinha como finalidade informar o local para a tradução na variante brasileira.

³ Convém mencionar que as observações feitas neste trabalho concernem apenas aos registros padrão das duas grandes variantes do português – provavelmente, se fossem pesquisados os dialetos regionais dos dois países, poderíamos encontrar situações diversas.

isso ocorra, mas não podemos estar tão seguros nos casos de consulentes menos atentos, por exemplo.

Destarte, é possível afirmar que o público brasileiro interessado em decodificar pode, de fato, encontrar dificuldades na compreensão de algumas unidades lexicais em PE e, especialmente ao traduzir, pode ainda empregar equivalentes pouco adequados à variante brasileira.

Num primeiro momento, no que se refere à direção francês-português, também poderia parecer mais vantajoso comercialmente apenas acrescentar uma marca (*Br.*, por exemplo) às unidades lexicais próprias à variante brasileira. Porém, a separação das duas variantes em duas obras presta grande serviço ao consulente, sobretudo ao público francês, por não permitir que misture o português europeu e o brasileiro, produzindo textos inadequados em ambas as variantes. Wittmann, Pêgo e Santos (1995, não paginado) apresentam bons exemplos dessas possíveis frases agramaticais, a que elas chamam de “aberrações”:

**Quando mo deu, ele não tinha se apercebido...*

Segundo as autoras, esse exemplo “não é português correcto, porque mistura dois fenómenos sintácticos de variantes diferentes: ‘mo’ não é usado em português do Brasil, enquanto que a ordem dos clíticos ‘não tinha se apercebido’ não é aceitável em português europeu.” (ibidem). Poderíamos acrescentar ainda que, no Brasil, parece haver uma preferência pelo verbo “perceber”, em vez de “se aperceber”. Em outras palavras, em PB seria mais aceitável uma frase como:

Quando me deu (o livro, o telefone, etc.), ele não tinha percebido...

Já a frase seguinte, igualmente apresentada no texto de Wittmann, Pêgo e Santos (1995), não seria aceitável por questões lexicais.

**Encontrei o banheiro no bonde.*

“Banheiro”, com o sentido de “encarregado de dar assistência a banhistas” (AULETE DIGITAL), parece ser usado apenas em Portugal;⁴ no Brasil, costuma-se dizer “salva-vidas”. Por outro lado, “bonde”, no sentido de “veículo coletivo que se desloca sobre trilhos e é movido à eletricidade” (AULETE DIGITAL), é uma unidade lexical utilizada apenas no Brasil; em Portugal, o nosso “bonde” diz-se “eléctrico” (FERNANDES; XATARA, 2011).

No cotidiano, também se fala com razoável frequência sobre as diferenças entre as duas grandes variantes do português, apresentando-as como curiosidades interessantes da língua. Entretanto, não parece muito comum encontrar pessoas cujo conhecimento sobre o assunto vá além das breves listas de palavras diferentes e curiosas, como o famoso par “fila” – “bicha”, por exemplo. Da mesma forma, no âmbito acadêmico, costuma-se admitir a existência de diferenças entre o português brasileiro e o europeu, mas focando-se frequentemente em aspectos bastante específicos dessas diferenças – o que muito se deve ao caráter particularizante do fazer científico atual. Assim, nos levantamentos bibliográficos realizados, não há muitas pesquisas quantitativas sobre as divergências entre as variantes e tampouco são numerosos os textos científicos que abordam o assunto de uma perspectiva mais global. Nota-se que, no âmbito popular bem como no científico, há muitas discussões sobre o assunto, mas não se conhece de fato até que ponto se dão as divergências dos dois registros.

Não encontramos até o momento pesquisas extensivas realizadas com base em dicionários dos dois países. Acreditamos que tais obras deveriam também ser consideradas, uma vez que, temos de concordar com Biderman (2001a, p. 967), “O dicionário se relaciona com a norma social vigente numa sociedade num dado momento da sua história por ser o

⁴ Aqui fazemos referência apenas às variantes de Portugal e do Brasil, não tendo feito qualquer pesquisa sobre as unidades e estruturas preferidas nos demais países de língua portuguesa.

depositário do acervo lexical da cultura”, registrando a linguagem aceita e valorizada no interior da comunidade de seus falantes. Dessa forma, as obras lexicográficas parecem apropriadas à comparação das normas lexicais vigentes nos dois países, sobretudo as nomenclatura mais reduzida, visto que, em princípio, estas não dispõem de espaço suficiente para arrolar unidades menos frequentes. Some-se a isso o fato de muitos novos dicionários – principalmente os que se dizem de cunho pedagógico – apresentarem exemplos do cotidiano, não necessariamente abonados por escritores, os quais apresentariam uma tendência a se desviar da norma. Isso permite que possamos observar, na própria microestrutura do dicionário, fenômenos que vão além dos limites da unidade lexical isolada, como sua interação com outras unidades em contexto.

O dicionário adaptado que submetemos à análise parece-nos um bom *corpus* para a investigação das diferenças entre as duas grandes variantes da língua portuguesa, pois apresenta as características acima mencionadas – pode ser classificado, pelo número de entradas, como um dicionário “escolar” ou médio (BIDERMAN, 1998) e se dirige a aprendizes, trazendo exemplos forjados pelos lexicógrafos,⁵ exemplos que se pretendem mais eficazes nesse propósito (LAUFER, 1992, apud DURAN, 2004). A descrição e a classificação das modificações realizadas em seu processo de adaptação podem, portanto, contribuir para o desenvolvimento das discussões acerca das semelhanças e diferenças entre o português europeu e o brasileiro, espera-se que tanto quantitativa quanto qualitativamente.

A observação das questões acima permite também que se analise a constituição da macro e microestrutura do dicionário adaptado. A crítica lexicográfica pode colaborar para o desenvolvimento de obras mais adequadas a seus objetivos, pois indica os pontos que não atendem satisfatoriamente às necessidades do consulente, sugerindo medidas para melhorá-

⁵ Na introdução ao dicionário impresso, não há qualquer menção ao uso de *corpus* ou abonações na elaboração dos exemplos, por isso acreditamos que tenham sido elaborados pela equipe de lexicógrafos responsáveis pela redação do francês.

los, e assinala os aspectos positivos, que se recomenda manter. Esse é, portanto, outro resultado que se espera alcançar com a realização deste trabalho.

No primeiro capítulo, “Lexicografia Pedagógica, Tradução e Crítica Lexicográfica”, tratamos dos aspectos teóricos úteis ao desenvolvimento da análise, abordando conceitos e discussões de Lexicologia, Lexicografia e Lexicografia Pedagógica. Discutimos também o papel dos dicionários bilíngues na codificação e decodificação de textos em língua estrangeira, juntamente com a questão da crítica a dicionários e de como ela pode colaborar para o desenvolvimento de obras mais adequadas. Versamos igualmente sobre a questão da tradução nos dicionários bilíngues.

No capítulo seguinte, “O dicionário francês-português da *K Dictionaries*”, descrevemos as principais características dessa obra bilíngue que se pretende pedagógica, assinalando alguns eventuais problemas verificados e apresentando algumas sugestões para saná-los ou amenizá-los.

No terceiro capítulo, “Português brasileiro e português europeu”, abordamos as opiniões de alguns autores que discutem as diferenças entre as duas principais variantes da Língua Portuguesa e a proposta que decidimos adotar, em nossa análise, para a classificação desses contrastes.

No quarto capítulo, intitulado “A adaptação do dicionário bilíngue francês-português europeu para a variante brasileira”, são descritos os passos seguidos no processo prático de tradução e revisão da obra original, assim como os procedimentos criados para a análise dos dados resultantes, mencionando-se ainda os materiais de apoio, utilizados principalmente na primeira etapa, como dicionários monolíngues e bilíngues, por exemplo. Discutimos a divisão das modificações nos diferentes níveis de análise, trazendo alguns exemplos dos resultados obtidos durante a análise dos dados, acompanhados de trechos ilustrativos retirados dos

arquivos do dicionário adaptado. Comentamos ainda o que consideramos como as principais dificuldades encontradas no momento de traduzir entre as variantes.

Nas “Considerações finais”, retomamos brevemente os principais pontos abordados ao longo desta dissertação e comentamos sobre nossas expectativas quanto à utilidade deste trabalho no desenvolvimento de pesquisas em Linguística e, mais especificamente, em Lexicografia.

Por fim, gostaríamos de salientar que, além da remuneração simbólica recebida pelo trabalho de tradução, não recebemos qualquer valor adicional da editora responsável pela obra analisada para o desenvolvimento desta pesquisa. Nossas reflexões e análises ocorreram em momento posterior ao trabalho prático da tradução, sendo, portanto, isentas e completamente desvinculadas dos posicionamentos dos editores.

CAPÍTULO I Lexicografia Pedagógica, Tradução e Crítica Lexicográfica

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi preciso trabalhar com conceitos das áreas de Lexicologia e Lexicografia, com ênfase nas premissas da Lexicografia Pedagógica. Primeiramente, revisitamos alguns conceitos essenciais a qualquer trabalho que se dedique às palavras: os conceitos de unidade lexical, lexema, lema, lexia simples e lexia complexa. Com base na definição dada a esses dois últimos conceitos, apresentamos a definição do termo unidade fraseológica, que julgamos mais apropriado a nossos objetivos, passando, em seguida, a algumas discussões mais específicas do campo da Lexicografia Pedagógica, da Tradução e da crítica lexicográfica.

A definição de palavra é bastante complexa e pode-se basear em diferentes critérios, todavia pode-se afirmar que, geralmente, a palavra é percebida graficamente, isto é, entende-se a palavra como uma série de letras, limitada no início e no fim por espaços em branco (REY, 1970), podendo essa série de letras apresentar um ou mais sentidos. Como uma conceituação nesses termos não é adequada aos propósitos da pesquisa em Linguística, adotamos o conceito de “unidade lexical” (UL), que, ao contrário da palavra, pode ser formada por mais de uma série de letras, mantendo, porém, um único sentido estável (BOGAARDS, 1994).

Dá-se o nome de “lexema” à UL abstrata, elemento da língua e não da fala, e de “lema” à sua representação na entrada do dicionário, ou seja, à sua forma canônica não flexionada. Já o termo “lexia” se refere à UL empregada no discurso, em contexto (BIDERMANN, 2001b). As lexias podem ser classificadas em “simples” ou “complexas”, segundo o número de palavras que as compõem.⁶ As primeiras corresponderiam a uma palavra, enquanto as últimas, a um conjunto de palavras de sentido mais ou menos

⁶ Neste trabalho, optamos por não utilizar o conceito de lexias compostas.

cristalizado. Dependendo do grau de cristalização (e da abordagem teórica), teríamos uma colocação, uma locução ou uma expressão idiomática (PARREIRA DA SILVA, 2006).

No presente trabalho, à denominação de lexias complexas preferimos a de “unidades fraseológicas” (UFs), definidas por Corpas Pastor (1996, p. 20, tradução nossa), após uma revisão da literatura referente ao assunto, como “unidades lexicais formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior e cujo limite superior se situa no nível da oração composta.” Suas principais características, graduais segundo o tipo de unidade, seriam sua alta frequência de uso e de coocorrência de seus elementos integrantes, sua institucionalização, sua idiomaticidade e variação potenciais.⁷

A autora, após ter analisado os critérios de classificação das unidades fraseológicas propostos por autores como Casares, Coseriu, Thun, Zuluaga, Haensch et al., Carneado Moré e Tristá Pérez, sistematiza uma classificação das UFs do espanhol, combinando os critérios de enunciado e fixação. Segundo o primeiro critério, as UFs podem constituir um enunciado completo ou apenas parte de um enunciado. Já de acordo com o segundo, enquanto algumas representam unidades no sistema, na língua, outras, do ponto de vista do sistema, seriam sintagmas livres, formados com base em regras, mas que acabaram fixados pelo uso. Associando o primeiro ao segundo critério, o grupo das UFs que não constituem enunciados completos se dividiria entre sintagmas fixados somente na norma, a que a autora chama de “colocações”, e sintagmas fixados no sistema, a que a autora denomina “locuções”. O outro grupo, composto pelo que a autora chama de “enunciados fraseológicos”, traria “aquelas UFs que pertencem exclusivamente ao acervo sociocultural da comunidade falante” e que,

⁷ “De todo lo anterior se desprende que las unidades fraseológicas (UFS) – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidad y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos.”

consequentemente, são fixadas na fala (CORPAS PASTOR, 1996, p. 51, tradução nossa).⁸

Vejam os o esquema apresentado pela autora:

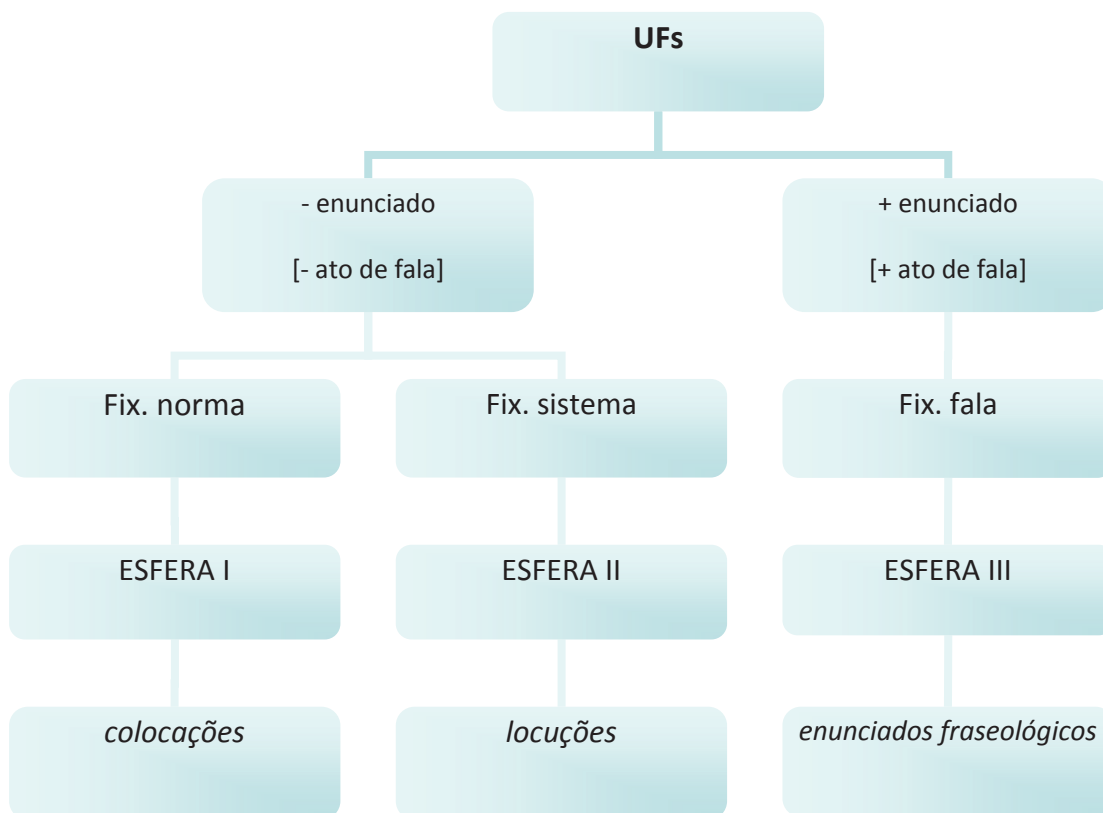


Figura 1 Resumo esquemático do primeiro nível de classificação das UFs, proposto por Corpas Pastor (1996, p. 52)

Como se pôde observar, apesar de a definição de unidade fraseológica ser aparentemente a mesma de lexia complexa, elas se desdobram de maneiras diferentes segundo o autor que as aborda. Preferimos a forma de classificação proposta por Corpas Pastor, pois nos parece apresentar critérios mais definidos e abarca mais unidades com a categoria dos enunciados fraseológicos.

⁸ “Por otro lado, en el segundo grupo se encuadran aquellas UFS que pertenecen exclusivamente al acervo socio-cultural de la comunidad hablante (es decir, son unidades del habla). En esta esfera III de nuestra clasificación tendrían cabida, pues, el resto de UFS, a las cuales denominaremos enunciados fraseológicos. Esta unidades se caracterizan por estar fijadas en el habla y por constituir actos de habla realizados por enunciados completos, dependientes o no de una situación específica.”

Outra questão abordada pela Lexicologia importante à realização deste trabalho foi a criação lexical, ou seja, os processos de formação de novas palavras na língua. Tal necessidade não se deveu tanto à questão dos neologismos propriamente ditos, pouco presentes em obras lexicográficas, ainda mais nas de nomenclatura menos extensa, mas serviu sobretudo à observação dos mecanismos e elementos preferidos nas duas variantes, como podemos verificar no par “amaciador” > “amaciante”. Segundo Alves (1994), é possível formar novas palavras na língua por meio de mecanismos provenientes da própria língua ou por itens lexicais oriundos de outros sistemas linguísticos, sendo que “o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição” (ALVES, 1994, p. 5). Quanto ao desenvolvimento do léxico por meio dos empréstimos a outros idiomas, o nível mais evidente para a comparação das variantes é o estrangeirismo, que ocorre quando “o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua” (ALVES, 1994, p. 72), conforme se observa na UL *hacker*, quando comparada a “pirata informático”, UL usada em PE.

Os conceitos que apresentamos até então fazem parte do campo de estudos da Lexicologia, que contribui em muitos aspectos para o desenvolvimento da Lexicografia. Dado que, neste trabalho, nos ocupamos de um dicionário que se apresenta como destinado a aprendizes, na seção seguinte, serão comentadas algumas questões mais características da Lexicografia Pedagógica, uma nova área dos estudos lexicográficos.

1.1 Lexicografia Pedagógica

Conforme se define na página do Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL (GT LEX), a Lexicografia é uma disciplina que “se ocupa da

descrição do léxico de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, principalmente dicionários, em formato papel ou eletrônico, e bases de dados lexicológicas.” Ao lado desse caráter mais prático, há também o que se chama de Lexicografia teórica ou Metalexicografia, que busca refletir sobre as questões ligadas à prática lexicográfica.

Algumas dessas obras de referência são especializadas, isto é, dirigem-se a um público específico, como é o caso do dicionário que nos propusemos a analisar, que se destinará a um público de aprendizes de francês língua estrangeira. Com o surgimento de obras com essa preocupação explícita de auxiliar no processo de aprendizagem, surgiu também um novo ramo nos estudos lexicográficos: a Lexicografia Pedagógica.

Segundo Schaeffler (2002),

A Lexicografia Pedagógica (para alófonos) é um sub-ramo da Lexicografia, que se ocupa do estudo e da concepção de dicionários cujo objetivo é responder às necessidades dos aprendizes de uma língua que não é sua língua materna. Este ramo particular é bastante complexo, pois se situa no cruzamento de várias disciplinas, como a Lexicografia, a Psicologia, a Didática. É preciso combinar os diferentes campos e levar em consideração as pesquisas efetuadas em cada um. (2002, p. 4, apud BINON; VERLINDE; SELVA, 2005, p. 215, tradução nossa)⁹

Ao longo das próximas subseções, tentaremos apresentar parte das preocupações que concernem à Lexicografia Pedagógica, primeiramente comentando as diferenças entre dicionários bilíngues tradicionais e semibilíngues e, em seguida, tratando do papel dos dicionários bilíngues na codificação e decodificação de textos em língua estrangeira.

⁹ « La lexicographie pédagogique (pour allophones) est une sous-branche de la lexicographie qui s'intéresse à l'étude et à la conception de dictionnaires dont l'objectif est de répondre aux besoins des apprenants d'une langue qui n'est pas leur langue maternelle. Cette branche particulière est assez complexe puisqu'elle se situe au carrefour de plusieurs disciplines comme la lexicologie, la psychologie, la didactique. Il faut combiner des champs différents et tenir compte des recherches effectuées dans chacun. »

1.1.1 Dicionários bilíngues e semibilíngues

As listas que opunham palavras de duas ou mais línguas são quase tão antigas quanto a própria escrita. Embora ainda não exista um verdadeiro consenso em relação a qual tipo de “dicionário” foi o primeiro a ser criado (cf. BOISSON, 1996; BEZERRA; DIAS, 2006), acredita-se que as primeiras listas de palavras conhecidas da história, sejam elas bilíngues ou monolíngues, foram elaboradas na região da Mesopotâmia, entre os séculos XXX e XXIV a.C. (BOISSON, 1996).

Se, no início, as línguas que se contrapunham eram línguas de comunidades próximas geograficamente, a partir da Idade Média e considerando apenas os países ocidentais, as listas bilíngues – já muito mais parecidas aos dicionários que conhecemos atualmente – opunham uma língua de cultura e de doutrinação religiosa, o latim, às línguas vernáculas locais. Segundo Boisson (1996), no Ocidente, o primeiro dicionário bilíngue que não se referia ao latim dataria de 1477, e teria sido um dicionário italiano > alemão.

Passando ao século XVI, Bezerra e Dias (2006) afirmam que o “fato dicionário” teria surgido durante o Renascimento, em grande parte, graças à invenção da imprensa. Os autores nos lembram que, nessa época, o interesse pela elaboração de dicionários já não é mais a doutrinação religiosa, mas uma preocupação cultural de registrar o uso de algumas línguas em extinção, como o próprio latim, de facilitar a aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) e, principalmente, de legitimar, conservar e impor a variedade dita “cultura” da língua.

Dentre esses três interesses listados, o segundo concerne especificamente aos dicionários bilíngues, pois colaborar na aprendizagem de línguas estrangeiras sempre foi uma de suas funções. Como, durante muito tempo, o que se esperava de um aprendiz de um idioma estrangeiro era apenas que se tornasse proficiente em leitura, o dicionário bilíngue tradicional,

que somente lista equivalentes para a entrada, foi considerado suficiente para auxiliar nesse objetivo.

Já no século XX, com a intensificação do fenômeno da globalização e o aumento do interesse e da facilidade de visitar outros países, a habilidade de leitura, isolada, deixou de ser o único foco dos métodos de ensino de línguas estrangeiras. Métodos como o direto e o audiovisual passaram, então, a desaconselhar o uso do dicionário bilíngue, pois acreditavam que a língua estrangeira deveria ser aprendida gradualmente, sem necessidade do apoio da língua materna. Somente nas últimas décadas desse século, alguns autores começaram a defender o retorno da língua materna no ensino de línguas estrangeiras, resgatando parcialmente o papel do dicionário bilíngue no ensino de idiomas (DURAN, 2004).

Contudo, persistia a principal crítica feita ao modelo de dicionário bilíngue tradicional: listas de equivalentes para a mesma entrada, fora de contexto, não facilitariam o trabalho dos aprendizes e, muitas vezes, poderiam confundi-los e induzi-los ao erro. Logo, por muito tempo, discutiu-se qual seria o dicionário mais adequado para auxiliar os estudantes de LE em seu processo de aprendizagem: o monolíngue, que teria a vantagem de deixar o consulente em contato com a língua que estuda, aumentando seu vocabulário passivo, ou o bilíngue, que traria a segurança da língua materna e serviria também para a produção, por ser, na maior parte das vezes, bidirecional. Pensando numa solução para essa discussão, a partir da década de 1980, foram sendo desenvolvidos dicionários bilíngues pedagógicos, como Duran (2004, 2007) prefere denominá-los, ampliando, assim, esse novo ramo dentro dos estudos lexicográficos – a Lexicografia Pedagógica – que surgira na década de 1970, com a criação dos dicionários monolíngues para aprendizes.

Como o dicionário adaptado a que se refere esta pesquisa também tem claramente pretensões de servir principalmente a um público de aprendizes (franceses, na obra impressa

que serviu de apoio a nosso trabalho, e brasileiros, na versão a ser publicada aqui), a análise crítica de sua constituição não poderia deixar de considerar alguns conceitos e discussões desse novo campo.

Os dicionários para fins pedagógicos são, antes, materiais para o ensino do que obras de referência, são tanto ferramentas quanto materiais de estudo (HUMBLÉ, 2001, p. 168). Frequentemente recebem nomes distintos, dentre os quais: dicionário para aprendizagem, dicionário escolar, dicionário didático e, mais especificamente no caso das obras bilíngues, dicionários semibilíngues (PARREIRA DA SILVA, 2008, p. 329). Esta última denominação, a qual preferimos, tampouco é unânime, havendo outras como híbridos, *password* ou bilingualizados (DURAN, 2004, p. 27).

Para muitos, os semibilíngues foram criados em 1986, quando o editor israelense Lionel Kernerman, percebendo as vantagens de associar numa única obra o dicionário monolíngue para aprendizes ao bilíngue, publicou uma adaptação do *Oxford's Students Dictionary of Current English*, em que mantinha toda a estrutura desta última, acrescentando apenas equivalentes em hebraico para cada entrada e subentrada (DURAN, 2004). Nas próprias palavras de Duran (2004, p. 58), “O sucesso desse empreendimento em Israel foi tão grande que Lionel Kernerman registrou sua fórmula, passando a orientar editores de outros países a elaborarem o mesmo dicionário de inglês com tradução para outras línguas.” Mas, embora pareça uma inovação, já em 1967, Quémada (apud MARELLO, 1996) apontava a existência desse formato de semibilíngue em dicionários franceses do século XVI.

Para Humblé (2001, p. 165), os dicionários semibilíngues (ou bilingualizados, como ele os chama) constituem um tipo de dicionário pedagógico que inclui informações em duas línguas, sem ser, no entanto, um dicionário bilíngue no sentido tradicional. Frequentemente, ainda segundo o autor, eles são uma tradução parcial ou total de um dicionário monolíngue

para aprendizes,¹⁰ apresentando duas configurações mais comuns: a definição da palavra estrangeira na língua estrangeira, seguida de um equivalente na língua do aprendiz, ou a definição já escrita na língua do aprendiz. Em outras palavras, os dicionários semibílingues seriam uma mistura de dicionário bilingue e de dicionário monolíngue para aprendizes. A título de comparação, vejamos como se apresentam os verbetes *broche* em um dicionário bilingue tradicional, o Michaelis, e em um dicionário semibílingue, o dicionário francês-português europeu da *K Dictionaries*.



Figura 2 Verbe *broche*, no dicionário *Michaelis*.

¹⁰ Alguns autores, como Marelló (1996), diferenciam dicionários semibílingues de bilingualizados, levando em consideração sua origem. Os últimos seriam aqueles construídos com base em um dicionário monolíngue para aprendizes pré-existente, enquanto os primeiros seriam originalmente concebidos nesse formato.

broche [brɔʃ] *nf* 1 <tige> tige pour griller des aliments

{br} - espeto [əʃ'petu] *m*

◇ *Le poulet rôti sur une broche.*

{br} - *Um frango assado no espeto.*

2 <bijou> bijou qu'on attache au vêtement

{br} - pregadeira [prəʒe'dejɾe] *f*, broche ['brɔʃə] *m*

◇ *attacher une broche au revers de sa veste*

{br} - *pregar um broche na lapela do casaco*

Quadro 1 Verbetes *broche*, no dicionário FR-PE da *K Dictionaries*.

O fato de apresentarem uma definição seguida de uma tradução resolveria o impasse sobre que tipo de informação seria melhor para o aprendiz de uma LE: o registro de uma definição (como no dicionário monolíngue) ou a inserção de um equivalente (como no dicionário bilíngue). Além disso, como muitas dessas novas obras costumam trazer exemplos do uso, podemos considerá-las mais adequadas à aprendizagem (e também à tradução) do que os dicionários bilíngues tradicionais, pois:

[...] o que torna insatisfatórios e inadequados os dicionários bilíngues tradicionais é o fato de estarem presos sobretudo a reunir equivalentes, isto é, a traduzir palavras por outras palavras, enquanto que as palavras aparecem geralmente *entre* outras palavras; tomadas isoladamente, elas podem ter apenas virtualidades de significação. Sem contexto, é geralmente difícil ou claramente impossível interpretá-las com absoluta certeza. A significação pertinente das palavras é engendrada normalmente pela sua interdependência contextual. (SZENDE, 1996, p. 123, grifo nosso, tradução nossa)¹¹

Apesar de todas as vantagens, os semibilíngues também apresentam alguns dos inconvenientes apontados para os dicionários bilíngues e dicionários monolíngues para aprendizes (HUMBLÉ, 2001, p. 37-38):

¹¹ « Paradoxalement, ce qui rend insatisfaisants et inadéquats les dictionnaires bilingues traditionnels c'est qu'ils sont attachés surtout à réunir des équivalents, c'est-à-dire à traduire des mots par d'autres, alors que les mots apparaissent généralement parmi d'autres mots ; pris isolément ils peuvent n'avoir que des virtualités de signification. Sans contexte, il est généralement difficile ou carrément impossible de les interpréter avec une certitude absolue. La signification pertinente des mots est engendrée généralement par leur interdépendance contextuelle. »

- quanto à *decodificação*, não possuem entradas e acepções suficientes para a leitura de textos de maior grau de dificuldade e ninguém pode garantir que, no momento em que precisa consultar o dicionário (isto é, lendo, escrevendo ou ouvindo), o aprendiz leia a definição e só em seguida passe aos equivalentes, o que reduziria os semibilíngues a dicionários bilíngues comuns;
- quanto à *codificação*, como também acontece com os dicionários monolíngues para aprendizes, o consulente ainda precisa saber exatamente o que está procurando, qual palavra deseja empregar na língua estrangeira, e, na microestrutura, às vezes faltam informações sobre o uso.

Dessa forma, é preciso conhecer muito bem esses dois processos para que se possa produzir dicionários mais adequados a um ou a ambos os fins, embora exista uma carência maior de obras para a codificação. Na próxima seção, teceremos mais alguns comentários sobre o que se tem dito quanto a essas duas faces da consulta ao dicionário.

1.1.2 O papel dos dicionários bilíngues na codificação e decodificação de textos em língua estrangeira

Segundo Hartmann (1999), o dicionário é muito mais utilizado para escrever do que para ler. Se considerarmos que, nas leituras, temos o contexto em que a unidade é empregada para nos auxiliar na construção do sentido, de fato, o uso do dicionário deixa de ser tão essencial. Por outro lado, quando escrevemos, somos responsáveis também pela seleção do contexto e, muitas vezes, tentamos nos assegurar de que nossos leitores construam os sentidos na direção que esperamos, verificando no dicionário se tal unidade se emprega realmente no sentido e da forma que imaginamos. Isso é particularmente verdadeiro quando se trata de

produzir textos escritos em língua estrangeira, situação em que se enfrenta ainda outro empecilho: frequentemente, não se sabe sequer que unidade empregar.

Visto que leitura e escritura apresentam suas particularidades, é natural que o dicionário ou as partes do dicionário empregadas nas duas atividades não sejam sempre as mesmas. Focando-nos principalmente no aprendiz de LE de nível iniciante a intermediário, e com base nas observações feitas no parágrafo anterior, podemos afirmar que o dicionário bilíngue tradicional será útil nos seguintes casos:

- Na decodificação (compreensão escrita e oral),¹² quando já se tem uma noção do que possa significar a unidade desconhecida, pois bastaria escolher, dentre os equivalentes propostos, o que melhor se encaixa naquele contexto;
- Na codificação (produção escrita e oral), pois a direção língua materna > língua estrangeira permite ao aprendiz descobrir algumas das ULs do outro idioma que podem produzir o “mesmo” sentido que a ideia pesquisada na língua de partida.

Contudo, apesar de ser particularmente facilitador nas situações descritas acima, é certo que o dicionário bilíngue tradicional não satisfaz totalmente as necessidades dos aprendizes nos momentos de codificar ou decodificar. Começemos considerando a decodificação. Sabemos que nenhum dicionário é completo, nem na macro nem na microestrutura; assim, além dos casos em que a UL buscada não se encontra na macroestrutura, é possível que a tradução para sua acepção naquele determinado contexto não conste entre os equivalentes propostos na microestrutura, o que deixa o aprendiz novamente na estaca zero.

¹² Ainda que o dicionário seja pouco usado durante conversações orais, preferimos usar os termos codificação e decodificação, por serem mais abrangentes.

Quanto à codificação, após verificar no dicionário bilíngue tradicional quais as unidades da língua estrangeira são possíveis traduções para a unidade que ele empregaria em sua língua materna, o aprendiz ainda precisa escolher entre os equivalentes listados, o que vem a ser, em minha opinião, a parte mais trabalhosa do processo de consulta ao dicionário. Se for um consulente cauteloso, verificará os equivalentes propostos na direção inversa, ou seja, conferirá se as traduções dadas na direção língua estrangeira > língua materna se encaixam no que ele pretende transmitir. Excluirá aquelas que não se encaixam e terá de escolher entre as restantes, baseando-se em seu conhecimento da língua ou recorrendo a outros materiais, como as gramáticas ou mesmo os dicionários monolíngues.

Apesar de também estar sujeito aos problemas de macro e microestrutura mencionados para os dicionários bilíngues tradicionais, o dicionário semibilíngue é uma boa alternativa para a decodificação, pois expõe ainda mais o aprendiz à língua estudada e, quando também apresenta exemplos de uso, permite uma verificação mais segura da adequação do equivalente ao contexto pesquisado. No que concerne à codificação, no caso de se tratar de um semibilíngue bidirecional, também pode facilitar parte do processo, pois, tendo as opções na língua estrangeira, é um material de consulta mais acessível linguisticamente do que um dicionário monolíngue e seus exemplos já podem dar pistas de como empregar a unidade em contexto. Entretanto, ainda não é o material ideal para a codificação.

Sem dúvida, para que se consiga tornar as obras lexicográficas mais eficientes, muitas pesquisas sobre o processo de consulta aos dicionários ainda precisam ser feitas, principalmente quanto às atividades de codificação. No momento, podemos apenas concordar com Duran (2004), quando afirma que os

Dicionários temáticos ou onomasiológicos, que agrupam entradas relacionadas a um mesmo conceito, são muito apropriados para a finalidade de codificar, pois facilitam a busca da forma a partir do conceito. Já os dicionários semasiológicos, que dispõem as entradas simplesmente por ordem alfabética,

são mais apropriados para a finalidade de decodificar, pois facilitam a busca no sentido contrário, da forma para o conteúdo. (DURAN, 2004, p. 81)

Visto que os dicionários onomasiológicos não são tão comuns quanto os semasiológicos e que requerem um nível de conhecimento da língua e habilidade de consulta mais avançados, isso significa que os aprendizes, no momento de produzir em LE, ainda não podem se servir de uma única obra lexicográfica. Enquanto não se cria uma solução, o que se pode fazer é analisar as obras já produzidas e, com base em seus erros e acertos, ir elaborando melhores dicionários.

Na seção seguinte, antes de tratarmos, em 1.3, da crítica aos dicionários de modo geral, discutiremos um assunto que concerne especificamente aos dicionários bilíngues: a tradução.

1.2 A tradução em dicionários

Traduzir é uma das atividades mais antigas da história da humanidade; não obstante, ainda persistem muitas discussões teóricas a seu respeito, até mesmo questões como a própria (im)possibilidade da tradução. Fato é, no entanto, que a tradução existe e está cada vez mais presente no mundo globalizado. Um dos lugares mais evidentes, porém menos comentados, em que podemos encontrá-la são os dicionários, bilíngues ou não. Vejamos:

Jakobson (2003, p. 64) classificava a tradução em três tipos:

1. A intralingual ou “reformulação”, em que os signos verbais são interpretados por meio de outros signos da mesma língua;
2. A interlingual ou “tradução propriamente dita”, em que os signos verbais são interpretados por meio de signos de outra língua;

3. A inter-semiótica ou “transmutação”, em que signos verbais são interpretados por meio de sistema de signos não-verbais.

Desse modo, a tradução estaria presente também nos dicionários monolíngues, visto que “a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio” (JAKOBSON, 2003, p. 65), o que se assemelha muito ao papel desempenhado pelas definições nas obras monolíngues semasiológicas.

Nos dicionários bilíngues, encontramos a tradução propriamente dita: o lema é interpretado por meio de signo(s) de outra língua. E da mesma forma como ocorre nas traduções interlinguais de outros tipos de texto, deparamo-nos aqui com a discussão acerca do equivalente. Segundo a primeira definição fornecida pelo dicionário Aulete digital, equivalente seria aquilo “[...] que tem o mesmo valor ou as mesmas dimensões, mesma força, os mesmos atributos, a mesma funcionalidade de (outra coisa)”. Tendo em vista que as diferentes línguas não “recortam” o mundo da mesma forma, para a Ciência da Linguagem, como define o dicionário Aulete, o equivalente é a “unidade linguística que, *num certo contexto*, distribui-se *igualmente*” (grifo nosso).

Embora essa definição leve em consideração a diferença dos contextos, ainda pode ser questionada no que concerne a essa suposta distribuição igual. Tradicionalmente, os teóricos que se dedicavam a refletir sobre o processo tradutório afirmavam que era preciso ser “fiel” ao Original e ao Autor; o tradutor deveria reproduzir, na língua de chegada, aquilo que o Autor teve a intenção de transmitir, recuperando tal intenção no texto em si. Rodrigues (1988) caracteriza bem essa concepção em sua análise de cinco de seus autores mais representativos até então:

Estes cinco autores [Mounin, Catford, Rónai, Theodor e Campos] apresentam uma visão mais ou menos concordante sobre o processo tradutório, apresentado como uma busca de equivalência, como substituição, como

transferência, como passagem de uma língua para outra. Todos consideram a existência de um Texto Original, ou Texto Fonte, como alguns preferem, que fornece, enquanto objeto, enquanto receptáculo de um conteúdo compreensível, as diretrizes para o trabalho do tradutor. Na eventualidade de qualquer impasse, é no Texto Original que se deve procurar a solução para o problema. [...] Mas todos os autores deixam claro que o tradutor tem papel decisivo no processo: a tradução não tem nada de mecânico, traduzir não é transferir a capacidade em litros de um tonel para sua capacidade em galões, nenhum dos autores pensa em termos de transferência de uma mesma quantidade de realidade. (RODRIGUES, 1988, p. 10-11)

Em outras palavras, nessa concepção, considera-se que a tradução deve reproduzir o texto de partida na outra língua, deve ter o mesmo valor que ele. Tal expectativa em muito se deve ao fato de essa concepção, na tentativa de definir a tradução, partir de conceitos como o de equivalência, que remetem à possibilidade de signos de diferentes sistemas linguísticos apresentarem significados iguais.

Com o desenvolvimento de estudos textuais e pós-modernos, surge uma outra visão sobre o processo tradutório, que, no trabalho de Rodrigues (1988), é representada pela então recente obra de Arrojo (1986), “Oficina de Tradução”. Nessa obra, diferentemente dos outros cinco autores mencionados na citação acima, Arrojo (1986) não considera que o significado esteja no texto, na frase ou na palavra, apenas aguardando ser recuperado, mas sim que o tradutor, enquanto leitor, constrói, cria o significado por meio de sua própria interpretação.

Como a própria Rodrigues (1988, p. 193) observa, “é problemático conceber a tradução como resgate, mas é igualmente problemático concebê-la como criação.” Seria necessário buscar um ponto de vista intermediário, em que se considerasse, de um lado, a estabilidade da linguagem, que permite um mínimo de intercompreensão, e, de outro, o trabalho de seus falantes sobre ela, tanto ao produzir quanto ao interpretar. Pode-se considerar que as observações apresentadas por Rodrigues (2000), com base nos trabalhos de autores como Stanley Fish e Jacques Derrida, conseguem chegar a esse ponto de equilíbrio. Esses autores, cada qual à sua maneira, levam-nos a perceber que os significados não são universais, não há um mesmo significado envolto por diferentes significantes em diferentes línguas. O

léxico de uma língua é uma rede de elementos inter-relacionados, cada signo tem suas conexões, que, por sua vez, se ligam a outros signos, numa cadeia sem fim. Ao empregar um signo, toda sua rede de conexões também é evocada, mesmo que não explicitamente. Como afirma Rodrigues (2000), ao discutir as contribuições de Derrida à desconstrução da noção de leitura transcendental,

Um significante não pode remeter a uma presença, pois cada significante sempre remete a outro significante: não há um sentido presente em algum outro lugar, não há parada no movimento diferencial, não há remissão a um ponto fixo e previamente determinável. [...] Os valores são diferenciais, atribuídos ao se considerarem os múltiplos termos e as interconexões entre os elementos, ou seja, não estão fixos nos sistemas. (RODRIGUES, 2000, p. 200)

Dessa forma, “uma vez que a observação do mundo é social e vinculada a esquemas conceituais arbitrários e convencionais, os termos de diferentes línguas não podem ser comparados de forma absoluta, nem a eles se pode atribuir um mesmo valor” (RODRIGUES, 2000, p. 220). Todavia, essas considerações não tornam a tradução uma atividade teoricamente impossível, apenas mostram que não se pode continuar pensando a tradução partindo-se de concepções que esperam uma equivalência perfeita entre os textos, uma repetição do texto original e de seus valores (RODRIGUES, 2000).

Contudo, vale lembrar que o tradutor, como qualquer outro leitor, não é totalmente livre para interpretar as palavras e os textos da maneira que desejar, pois “o significado é comunitário e convencional” (RODRIGUES, 2000, p. 180), e sua leitura estará, portanto, vinculada às leituras possíveis dentro de sua comunidade interpretativa (FISH, 1980). O mesmo pode-se aplicar à tradução em dicionários: o lexicógrafo/tradutor deve se preocupar em utilizar uma norma linguística conhecida pela maioria dos usuários daquele idioma (ou seja, que circule por diferentes comunidades interpretativas falantes daquela língua), mas não pode esquecer que estará empregando unidades ou estruturas que ele acredita serem as melhores opções dentro dessa norma e que tais escolhas estarão sujeitas à interpretação de seu

leitor/consulente e, portanto, poderão ser compreendidas diferentemente ou, às vezes, não serem nem um pouco compreendidas.

Um desdobramento frequente dessa situação são os casos em que, consultando o(s) equivalente(s) proposto(s) pelo lexicógrafo, o consulente consegue interpretar a lexia em seu contexto, mas, mental ou verbalmente, opta por utilizar outra UL. Por exemplo, ao ler o título de um pequeno artigo publicado no jornal *on-line Le Monde*, “Le sommet européen débouchera-t-il sur un compromis?”, o leitor/aprendiz de francês pode não conhecer o(s) significado(s) do verbo *déboucher*. Consultando o dicionário escolar Michaelis *on-line* (AVOLIO; FAURY, 2002), encontrará duas acepções, como se vê na imagem abaixo. Verificará que a segunda acepção parece se encaixar melhor no contexto do artigo, mas mental ou verbalmente poderá traduzir o título do artigo não por “A cúpula europeia desembocará em um acordo?”, mas talvez por “A cúpula europeia levará a um acordo?”.



Figura 3 Verbetes *déboucher*, no dicionário Michaelis *on-line*

Logo, uma das grandes dificuldades que o tradutor/lexicógrafo tem de enfrentar ao trabalhar no desenvolvimento de um dicionário bilíngue tradicional é como escolher “o(s) equivalente(s) adequado(s)” para o lema quando não se tem um contexto explícito, sabendo ainda que o significante do equivalente escolhido pode ser usado com outros significados, em outros contextos, na língua para a qual se traduz. Nesse sentido, assim como o tradutor de outros tipos de texto, o lexicógrafo precisa fazer muitas escolhas e refletir muito durante esses processos, a fim de que o consulente tenha condições de realizar uma leitura do “original”, no caso o lema, como ele, o tradutor/lexicógrafo, planejara.

Por fim, não podemos esquecer que alguns dicionários bilíngues lançados nas últimas décadas, como o próprio dicionário objeto de análise neste trabalho (cf. Capítulo II), não se limitam à listagem de equivalentes, apresentando também definições e/ou exemplos. Quando há definição (ou definições, no caso das palavras polissêmicas), o tradutor/lexicógrafo já tem um ponto de partida de onde começar sua pesquisa por um equivalente adequado, o que não significa que será capaz de encontrar um, já que, com exceção dos termos técnicos de uso muito restrito, mesmo entre línguas próximas, a existência de equivalentes como tradicionalmente definidos estaria ameaçada, pois a maioria dos signos de duas línguas designaria realidades diversas (SZENDE, 1996) e, como vimos acima, manteria relações em uma rede de signos diferente. Já quando há exemplo(s) a traduzir, o lexicógrafo encontra-se em situação semelhante à dos demais tradutores, com a diferença que o contexto que tem como base é consideravelmente mais reduzido.

Assim, dada a discussão acima sobre os “rastros” deixados pelos signos, acreditamos não ser possível pensar o que se convencionou chamar de equivalentes como signos de línguas diferentes com um significado igual, o que não implica que excluamos a tradução, mesmo de lexias simples, do grupo das atividades possíveis. Como Rodrigues (2000), acreditamos que

Quando se traduz, pratica-se a diferença entre significante e significado no mais amplo sentido, pois a tradução é uma operação que interpreta significados nas tramas de um tecido diferencial e os reapresenta como significantes, que fazem parte de um sistema de normas diferente do primeiro sistema e que, por sua vez, interpretar-se-ão na rede de diferenças do significado. O tradutor, ao produzir sua interpretação, não transcende o sistema da linguagem, mas contextualiza os significantes em uma rede de diferenças e de remissões. (RODRIGUES, 2000, p. 192)

No quarto capítulo, poderemos observar um pouco desse processo de escolha por meio de exemplos retirados de nosso *corpus*. Todavia, primeiramente será necessário fazer uma apresentação do dicionário adaptado e analisado (cf. Capítulo II) e dos critérios utilizados para avaliá-lo (cf. próxima seção).

1.3 A crítica lexicográfica

Uma das maneiras mais eficazes de fazer avançar uma técnica ou uma ciência é a avaliação criteriosa dos resultados por ela produzidos. Com a Lexicografia não poderia ser de outra forma. Um bom modo de produzir dicionários mais eficientes é discutir os pontos fortes e os pontos fracos das obras já existentes, atividade a que chamamos de crítica lexicográfica.

Segundo Hernández (1998), foi Herbert Ernst Wiegand o primeiro a incluir a crítica lexicográfica entre os constituintes de uma “teoria geral da Lexicografia”, em trabalho apresentado no Primeiro Congresso da EURALEX (*European Association for Lexicography*), em 1984. Embora o termo já esteja beirando os trinta anos, esta subárea ainda não parece muito sistematizada, pois não existe um único tipo de crítica lexicográfica, visto que suas características variam conforme quem a emite e a maneira como procede para avaliar a obra.

Hernández (1998) divide esse campo da Lexicografia teórica, ou Metalexicografia, em dois grandes blocos: a crítica lexicográfica científica e a crítica lexicográfica ocasional. A

primeira divide-se ainda entre crítica especializada, que seria aquela realizada por “especialistas cujo profundo conhecimento da teoria e da prática lexicográficas os exime da submissão a um método de análise previamente estabelecido” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 7-8, tradução nossa)¹³, e crítica como pesquisa, em que importam tanto os resultados quanto a obediência ao método de análise e sua explicitude. Já o segundo grande bloco, é classificado pelo autor como aquele cuja finalidade seria

determinar se a obra em questão é adequada às necessidades de um usuário concreto, que será quem realiza a análise, ou às de um grupo mais ou menos homogêneo com necessidades linguísticas similares e habilidades parecidas no uso do dicionário (estudantes de determinado nível, profissionais dos meios de comunicação, estudantes de espanhol como língua estrangeira, etc.). (HERNÁNDEZ, 1998, p. 11, tradução nossa)¹⁴

Ele nos lembra ainda que esse tipo de crítica costuma utilizar métodos aproximativos parciais, pois os críticos ocasionais nem sempre apresentam profundos conhecimentos lexicográficos, mas podem se servir das críticas científicas, quando estas existem. Todavia, ainda usando as palavras desse pesquisador, não podemos ignorar que

Sem margem a dúvidas, quem melhor pode averiguar se um dicionário é adequado às necessidades de um determinado usuário é o próprio usuário; porém não atuando como crítico (uma das grandes dificuldades do crítico é ter que realizar uma leitura contínua do que é um discurso fragmentado), mas sim simulando uma situação real em que se ponha à prova a “resistência” de um ou de vários dicionários tentando solucionar os problemas linguísticos que se apresentem em um ou em vários atos concretos de consulta. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 18, tradução nossa)¹⁵

¹³ “Un tipo de valoración de la obra lexicográfica – probablemente la primera crítica en aparecer – es la realizada por especialistas a quienes el profundo conocimiento de la teoría y la práctica lexicográficas les exime del sometimiento a un método de análisis previamente establecido.”

¹⁴ “No se pretende con esta crítica la valoración definitiva de un diccionario; más bien su finalidad es la de determinar si la obra en cuestión se adecua a las necesidades de un usuario en concreto, que será quien realice el análisis, o a las de un grupo más o menos homogêneo con similares necesidades lingüísticas y parecidas destrezas en el uso del diccionario (escolares de determinado nivel, profesionales de los medios de comunicación, estudiantes de español como segunda lengua, etc.).”

¹⁵ “Sin lugar a dudas, quien mejor puede averiguar si un diccionario [sic] es adecuado a las necesidades de un determinado usuario es el propio usuario, pero no actuando como crítico (una de las grandes dificultades del crítico es que tiene que realizar una lectura sostenida de lo que es un discurso fragmentado), sino simulando una situación real en la que se ponga a prueba la “resistencia” de uno o de varios diccionarios intentando solucionar los problemas lingüísticos que se plantean en uno o en varios actos concretos de consulta.”

Apesar de considerar as “provas de resistência”, espelhadas em situações reais de uso, ótimos testes para os dicionários, neste trabalho, almejamos desenvolver uma crítica científica, baseando-nos no método de análise proposto por Hernández (1989, apud HERNÁNDEZ, 1998, p. 8-9), para o estudo dos dicionários escolares do espanhol, que o autor sintetiza da seguinte forma:

1. Classificação da obra no seio de sua família, série ou sistema.
2. Aspectos formais.
 - a. Número de entradas.
 - b. Número de acepções.
 - c. Relação acepção/entrada.
 - d. Instruções de uso.
 - e. Exemplos.
 - f. Ilustrações.
 - g. Quadros e apêndices.
 - h. Formato.
3. Análise dos componentes (em sua pesquisa, o autor toma como base de comparação os grandes dicionários monolíngues do espanhol).
 - a. As definições.
 - b. As acepções.
 - c. O *corpus*.¹⁶
 - d. O tratamento da homonímia.
 - e. Particularidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A vigência cronológica e outras restrições de uso.
 - f. A informação gramatical.
 - g. Os exemplos.
 - h. Quadros, apêndices, ilustrações e outros aspectos.
 - i. Erros.
 - j. Valoração.

Embora seja mais conveniente à análise de dicionários bilíngues tradicionais, para a descrição da microestrutura do dicionário analisado, partimos da ordenação mais usual para o verbete de dicionário bilíngue, conforme descrita por Haensch (1982), quando aquele apresenta uma única acepção: 1) lema; 2) indicação de variantes gráficas, se houver; 3) indicação da pronúncia; 4) indicação da categoria gramatical e outras informações gramaticais (plural, feminino); 5) equivalente (ou definição, nos casos em que não se encontra

¹⁶ Neste artigo, não se explicita o que o autor entende por *corpus*. Consideramos duas possibilidades: a) o *corpus* para a seleção da nomenclatura ou b) ou a nomenclatura em si. Acreditamos ser a segunda hipótese a mais provável.

equivalência), seguido de exemplos de uso; 6) parte sintagmática (lexias complexas [ou UFs, como preferimos]); 7) parte paradigmática (sinônimos, antônimos, parônimos e hiperônimos).

Ultrapassando os limites da microestrutura, Parreira da Silva (2002, 2003) apresenta o que consideramos um modelo adequado a nosso propósito, complementar à descrição de Haensch (1982), e no qual também nos basearemos no momento de analisar a microestrutura do dicionário objeto deste trabalho (acrescentando, evidentemente, as considerações pertinentes às especificidades dos dicionários semibilíngues):

- Equivalência adequada para cada acepção;
- Tratamento coerente das ULs polissêmicas e homonímicas, adotando, preferencialmente, o tratamento homonímico das unidades, ou seja, optando por separar, em verbetes diferentes, sentidos distantes;
- Inclusão de lexias atuais, como aquelas referentes à internet, por exemplo;
- Preocupação em atender os consulentes brasileiros estudantes de língua francesa, por meio da inclusão do vocabulário em uso no português do Brasil;
- Apresentação do equivalente mais adequado a cada contexto, incluindo explicações simples, quando necessário, e pelo menos um exemplo para cada acepção;
- Emprego sistemático das marcas de uso mais gerais, com base em uma classificação bem definida;
- Aspectos tipográficos e formais bem definidos e coerentes em toda a obra (como entrada em negrito, acepção em fonte normal, exemplos e UFs destacados em negrito e itálico, explicações entre parênteses em fonte menor, a marca “♦” usada para identificação de unidades com sentido cristalizado);
- Marcas de uso em português tanto na direção F-P quanto na direção P-F, pensando em uma obra de consulta para usuários brasileiros nas duas partes;

- Todas as UFs inseridas com seu devido equivalente em PB.

Portanto, percebe-se que, para que o dicionário atinja seus objetivos, é preciso que siga um projeto lexicográfico muito coerente. No capítulo seguinte, aplicaremos os modelos de análise descritos aqui à crítica da obra analisada. Gostaríamos de enfatizar, porém, que a presença de falhas é inerente a qualquer projeto lexicográfico (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2005) e que mesmo as obras mais importantes e significativas costumam receber críticas bastante contundentes, basta lembrar as críticas apresentadas por Biderman (2004) aos maiores dicionários monolíngues de nossa variante, o Aurélio e o Houaiss, e que a própria autora não escapou a ter sua obra criticada (cf. ZAVAGLIA, 2002).

CAPÍTULO II – O dicionário francês-português da *K Dictionaries*

O dicionário adaptado que será objeto de análise neste estudo contém aproximadamente 24 mil entradas, somadas as duas direções, português-francês e francês-português.¹⁷ Como trabalhamos apenas na segunda parte, a equipe como um todo modificou apenas cerca de 12 mil dessas entradas, sendo que fomos responsáveis pela tradução de aproximadamente metade desses verbetes, dos quais foram retirados os exemplos que ilustram este trabalho.

A configuração final do dicionário estará sujeita a decisões editoriais que, por sua vez, dependem da editora brasileira que o publicará em parceria com o editor que nos convidou – elementos sobre os quais não temos qualquer controle ou influência. Por isso, as observações que apresentaremos neste capítulo se baseiam nos arquivos com que trabalhamos na adaptação para o PB e no dicionário impresso da versão lusitana, publicado em conjunto com uma editora da França, a Assimil, projeto coordenado por Lanckriet (2009).

A versão impressa em português europeu, que pode ser caracterizada como um dicionário de bolso (aproximadamente 18 x 11 x 4 cm), traz como elementos pré-textuais, além do sumário, uma breve introdução sobre o dicionário, uma descrição das partes que compõem a microestrutura da direção português-francês, seguida da mesma descrição para a outra direção. Esses dois últimos itens fornecem informações sobre:

- O lema: nesta rubrica, além de indicar que as palavras-entrada vêm ordenadas alfabeticamente e estão em negrito, afirma-se também que os sentidos são apresentados do mais ao menos frequente;

bien' [bjẽ] <i>adv</i> 1 <convenablement> d'une manière convenable, satisfaisante {br} - bem [bẽ]
--

¹⁷ O prefácio do dicionário faz menção a “aproximadamente 28 mil palavras e expressões”, mas não sabemos ao certo o número de acepções para relacioná-las ao número de entradas, conforme sugere Hernández (1998).

- Os homógrafos: neste item, o leitor é informado de que as unidades com mesma grafia se encontram em entradas separadas, indicadas por número sobrescrito. Entretanto, observamos que os homônimos gramaticais são tratados como subentradas;

bien¹ [bjɛ̃] <i>adv</i> 1 <convenablement> d'une manière convenable, satisfaisante
{br} - bem [bẽj]
◇ <i>bien travailler</i>
{br} - <i>trabalhar bem</i>
◇ <i>Tu vas bien ?</i>
{br} - <i>Estás bem?</i>
2 [...]
bien² [bjɛ̃] <i>nm</i> 1 <moral> ce qui correspond à la morale
{br} - bem <i>m</i>
◇ <i>le bien et le mal</i>
{br} - <i>o bem e o mal</i>
2 [...]

- A categoria gramatical: afirma-se que são sistematicamente indicadas – o que de fato parece acontecer – e remete-se à lista de abreviaturas;

bien¹ [bjɛ̃] <i>adv</i> 1 <convenablement> d'une manière convenable, satisfaisante
{br} - bem [bẽj]
◇ <i>bien travailler</i>
{br} - <i>trabalhar bem</i>
◇ <i>Tu vas bien ?</i>
{br} - <i>Estás bem?</i>
2 [...]

- As formas flexionadas: nesta rubrica, indica-se que as terminações do feminino são sempre apresentadas no lema, assim como as terminações do plural quando sua flexão não segue a regra geral. Na descrição da direção francês-português, afirma-se que o lema traz as formas flexionadas do feminino *e* do plural (o que não se

verificou em todas as entradas do dicionário que comportariam tais flexões) e que, para os substantivos compostos e palavras monossilábicas, as formas flexionadas são apresentadas integralmente;


bestial (*pl* **-iaux** [-jo]), **-iale** (*pl* **-iales**) [bestjal] *adj* sauvage ou cruel comme un animal
{br} - **bestial** [bəfti'al]

- Os indicadores de sentido (somente na descrição da parte francês-português): neste item, afirma-se que, para que o consulente possa encontrar rapidamente e de forma “segura” o sentido cuja tradução procura, utilizam-se indicadores de sentido nas entradas polissêmicas e nas entradas monossêmicas que possam gerar algum tipo de ambiguidade. De acordo com o texto no dicionário, o indicador pode ser um hiperônimo, um sinônimo, um contexto, uma marca de domínio, um registro, uma indicação de emprego ou, eventualmente, uma curta definição.

besogne [bəzɔŋ] *n* **travail, tâche**
{br} - **tarefa** [te'rɛfɛ] *f*

bermuda [bərmɪda] *nm* **short qui arrive au genou**
{br} - **berмudas** [bə'rмudeʃ] *fpl*

- As marcas de uso: informa-se que as marcas de uso podem se referir ao registro (ex. *arg.*, para gíria), uma indicação de emprego (*fig.*) ou o nome de um domínio (*psychol*);

effondrer : s'effondrer [sefɔ̃dʁe] *vpr* 1 s'écrouler

{br} - desmoronar-se [dɛʒmuru'narsə]

◇ *Le toit s'est effondré.*

{br} - *O telhado desmoronou-se.*

2 *fig* <être fini> ne plus être possible

{br} - desmoronar-se

◇ *des rêves qui s'effondrent*

{br} - *sonhos que se desmoronam*

3 *fig* <se décourager> perdre ses forces, tout courage

{br} - ir-se abaixo [irsɐ'bajʃu]

◇ *Il s'est effondré.*

{br} - *Ele foi-se abaixo.*

- O exemplo: afirma-se aqui que os exemplos de uso servem para ilustrar o emprego corrente da palavra, na acepção definida, ou um ponto gramatical “delicado” (não explicitado pelo autor da introdução). Faz-se menção às diferenças gráficas entre os exemplos constituídos por sintagmas e os formados por frases completas, com verbo conjugado (o uso de minúscula ou maiúscula e a ausência ou presença de pontuação), lembrando que ambas são introduzidas por um losango branco e aparecem em itálico;

effondrer : s'effondrer [sefɔ̃dʁe] *vpr* 1 [...]

◇ *Le toit s'est effondré.*

{br} - *O telhado desmoronou-se.*

2 [...]

◇ *des rêves qui s'effondrent*

{br} - *sonhos que se desmoronam*

3 [...]

- As expressões: nesta rubrica, além da menção às características tipográficas (em negrito e itálico, e introduzidas por um losango preto), afirma-se que podem fazer parte de uma acepção dada ou constituir uma divisão semântica e podem ainda ser acompanhadas ou não de um exemplo. Indica-se também que frequentemente estão

sob a entrada da primeira palavra da expressão, exceto quando ela se inicia por uma preposição, um adjetivo ou verbo como “ser” ou “ter”;

besoin [bəzwɛ̃] *nm* 1 [...]
 2 ♦ **être dans le besoin** manquer d'argent
 {br} - *estar na penúria*

- A tradução: indica-se que as traduções do lema, dos exemplos e das expressões são dadas em azul e que, na tradução de substantivos, o gênero também é indicado. Também se esclarece que, quando a entrada tem vários sentidos cuja tradução é idêntica, esta é apresentada uma única vez, junto ao lema;

bétail [betaj] *nm* groupe de gros animaux élevés dans une ferme
 {br} - **gado** ['gadu] *m*

- A subentrada: neste item, informa-se que as subentradas são introduzidas por um quadrado, aparecem em negrito e correspondem a uma mudança de categoria gramatical, como as formas pronominais ou impessoais de um verbo. Ressalta-se ainda que, quando a forma da subentrada é idêntica à do lema, a palavra não é repetida;¹⁸

bien¹ [bjɛ̃] *adv* 1 [...]
 ■ **bien que** [bjɛ̃kə] *conj* quoique () (*suivi du subj.*)
 {br} - @@@@@
 ♦ *Il viendra bien qu'il soit malade.*
 {br} - *Ele virá mesmo que esteja doente.*
 ■ — *adj* 1 [...]

¹⁸ Algumas entradas apresentavam os símbolos “@@@@@” no lugar do equivalente. Trata-se de um recurso usado no XML para facilitar a busca do local a ser preenchido com a informação nova (neste caso era a tradução). Sobre o uso do XML neste trabalho, ver seção 4.1.

- As variantes e as remissões: afirma-se que as variantes ortográficas são indicadas e que, nas variantes que não são objeto de um verbete desenvolvido, faz-se uma remissão à entrada referente. Na descrição da parte francês-português, indica-se também que outras remissões são feitas partindo-se de formas irregulares de verbos.

épouse <i>see</i> époux

Após essas descrições, há uma lista das abreviações (todas em francês) e um quadro indicando a pronúncia dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional, utilizados na variante europeia do português. Ao final do dicionário, consta um quadro com os nomes geográficos, indicando nomes de países e regiões importantes, os substantivos e adjetivos deles derivados, e as línguas faladas nesses lugares. Não há ilustrações. Parreira da Silva (2000) afirma a importância da presença de um apêndice gramatical da língua tratada, para que a obra de cunho pedagógico possa melhor cumprir sua função; porém, o dicionário em questão não apresenta nada nesse sentido, além das informações gramaticais contidas no próprio verbete.

Quanto à macroestrutura, pode-se dizer que o dicionário em questão apresenta majoritariamente entradas pertencentes à linguagem corrente: nomes dos animais, das árvores e das flores mais comuns, assim como o nome de alguns pratos e bebidas, palavras coloquiais e estrangeirismos mais frequentes, termos encontrados na imprensa e em documentos administrativos e algumas siglas e abreviações mais usuais (FERNANDES; XATARA, 2011). Entretanto, é possível encontrar algumas falhas nessa macroestrutura quando se toma o consulente brasileiro como ponto de partida. Por exemplo, *aérogare* (PB, “aerogare”¹⁹) parece pouco frequente para constar em um dicionário desse porte, enquanto ULs que traduzem

¹⁹ UL não encontrada nos dois dicionários de PB consultados (AURÉLIO e AULETE), apenas em pesquisa na internet (14 200 ocorrências nas páginas brasileiras do *Google*, em consulta realizada em 18/6/2012).

referentes muito mais presentes em nossa cultura, como *caïman* (PB, “jacaré”), não constam em sua macroestrutura. Na introdução do dicionário impresso, não há informações sobre o uso de *corpus* para a seleção da nomenclatura.

Transcrevemos abaixo um verbete típico do dicionário analisado. Como se observa, o lema, em negrito, é acompanhado pela indicação da pronúncia, de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (o que, por si só, já é um grande diferencial em comparação a muitos dicionários bilíngues), seguido da indicação da categoria gramatical. Seguem-se a definição na língua estrangeira, no caso o francês, e a proposta de equivalente, depois da qual costuma haver exemplos de colocações ou outros sintagmas.²⁰

banque [bãk] *nf* <établissement financier> endroit où l'on dépose et retire son argent
 {br} - banco ['bẽku] *m*
 ◇ *compte en banque*
 {br} - *uma conta no banco*

Conforme nos diz Parreira da Silva (2008), “Para que o DB seja funcional, ele deve contemplar apenas um tipo de consulente – por exemplo: no Brasil, deve ser um DB na parte LE-LM para decodificação e na parte LM-LE para codificação, sendo que a metalinguagem da obra deveria estar toda na LM.” O dicionário impresso da versão em PE assume como público-alvo unicamente os franceses que estejam aprendendo o português, com foco nos níveis iniciante e intermediário. Como o dicionário adaptado deve ser publicado também no Brasil, imaginamos que terá uma versão adaptada especialmente para o consulente brasileiro. Entretanto, algumas pequenas “falhas” poderiam ser corrigidas nesse sentido. Por exemplo, como vimos na descrição das partes que compõem o dicionário, na direção francês-português, há indicação de que as entradas que permitem flexão de gênero e número apresentam essas

²⁰ Partimos do princípio de que o dicionário será impresso da maneira como estão os arquivos, o que pode não acontecer, dependendo de decisões editoriais; porém, visto que a versão do dicionário em PE não traz esses itens, é quase certo que a informação semântica entre < > não deve constar no dicionário impresso, sendo utilizada apenas pelo programa específico (XML). O mesmo vale para a marca {br}, em verde.

informações; mas, se considerarmos que esse dicionário se dirige ao público francês, tais informações seriam, teoricamente, desnecessárias, pois como falantes dessa língua, eles já saberiam flexionar tais unidades.²¹ Analogamente, se o dicionário se destina a franceses, as remissões feitas partindo-se de formas irregulares de verbos seriam muito mais úteis na parte contrária àquela em que são apresentadas, ou seja, na direção português-francês, tendo em vista ser muito mais provável um aprendiz de português não saber que “foi” pertence à conjugação do verbo “ir” do que esse mesmo aprendiz desconhecer que *a* faz parte da conjugação do verbo *avoir*.

Pelas características do dicionário impresso descritas acima e conforme as definições do capítulo “Lexicografia Pedagógica, Tradução e Crítica Lexicográfica”, pode-se dizer que essa obra se encontra entre um dicionário bilíngue tradicional e um semibilíngue, já que não traz sistematicamente uma definição seguida do equivalente, mas tampouco é uma simples lista de equivalentes. Convém mencionar, no entanto, que nos arquivos trabalhados, na maioria das entradas, havia o que os editores chamaram de indicadores de sentido, muitas vezes representados por uma definição.

Nesse aspecto, podemos dizer que o dicionário é bastante satisfatório, pois mesmo que nem todas as definições sejam tão completas, já dão pistas que auxiliam o consulente na compreensão dos equivalentes. Porém, evidentemente, o ideal seria que se evitassem definições genéricas demais ou possíveis causadoras de algum tipo de ambiguidade, como nos exemplos abaixo.

aristocrate [aristokrat] *nm/f* personne noble
{br} - aristocrata [eriftu'krate] *m/f*

²¹ Apesar de teoricamente desnecessárias, esse tipo específico de informação pode ser útil aos franceses com dificuldades em sua própria língua materna, cujos plurais irregulares são razoavelmente numerosos. Entretanto, note-se que esse tipo de consulta não seria feito por um aprendiz tentando codificar em LE, o que é a finalidade dessa direção LM-LE.

Nesse exemplo, partindo da perspectiva de um aprendiz brasileiro que, por qualquer motivo, desconheça o significado de “aristocrata”, a definição “pessoa nobre” poderia permitir que o consulente entendesse “nobre” do ponto de vista da “dignidade de caráter” (cf. acepção 5, do verbete “nobre”, AULETE) e não da relação de pertencimento a famílias tradicionais dos regimes monárquicos. Já no caso abaixo, apesar de o indicador de sentido fornecer um indício do campo semântico em que se insere o equivalente, temos de concordar que uma “colher grande” não é a melhor maneira de se caracterizar uma “concha”, por isso foi sugerida a modificação ilustrada logo abaixo da entrada original.

louche¹ [luʃ] *nf* <cuillère> grande cuillère
 {br} - concha ['kõʃe]f

louche¹ [luʃ] *nf* <cuillère> grande cuillère avec laquelle on sert la soupe
 {br} - concha ['kõʃe]f

Nos verbetes de algumas ULs polissêmicas também faltam, às vezes, acepções usuais. É o caso, por exemplo, da entrada *zinc*, em que faltaria a acepção referente aos balcões de bar, a segunda acepção listada no dicionário *Larousse on-line* e sentido apresentado logo na lição introdutória de um método de francês para estrangeiros (AUGÉ, 2005), como se vê na figura abaixo.

zinc [zɛ̃g] *nm* métal blanc et dur
 {br} - zinco ['zĩku] *m*
 ◇ une plaque de zinc
 {br} - uma chapa em zinco
 balcão de bar / bar?

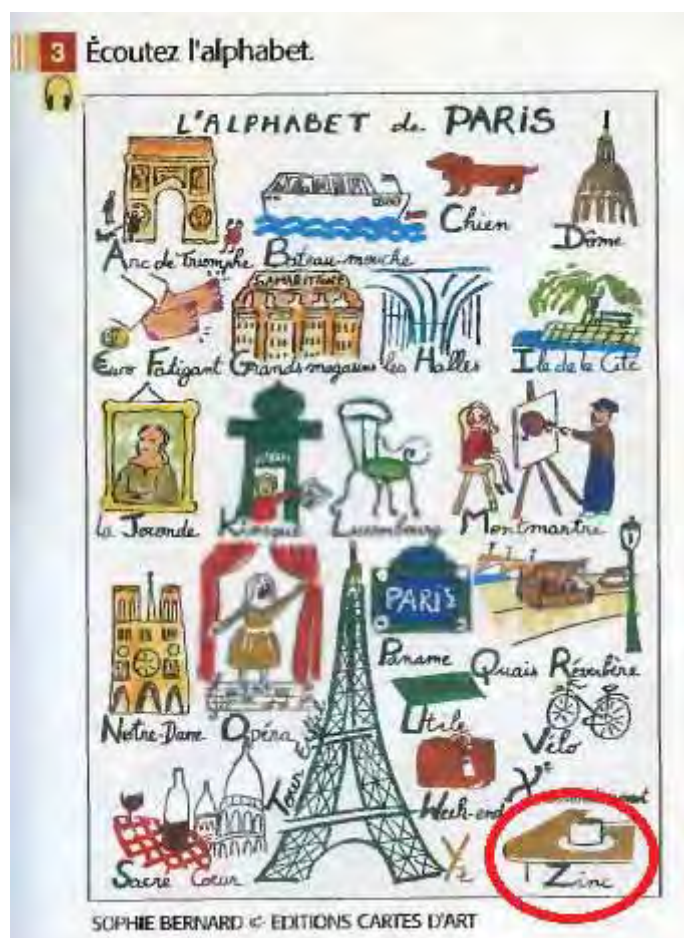


Figura 4 Alfabeto ilustrado em que se apresenta a UL zinc.

Apesar da importância em se coletar esse tipo de falhas para que elas possam ser sanadas, esse é um trabalho bastante árduo, cuja falta o consultante percebe exatamente nos momentos em que precisa encontrar determinada aceção e que torna necessária uma revisão específica nesse sentido e/ou uma série consistente daquelas “provas de resistência” de que fala Hernández (1998) (cf. Seção 1.3).

Uma crítica também deve ser feita ao fato de não haver indicações quanto à parte paradigmática em nenhum dos verbetes analisados, a não ser quando o indicador de sentido é um sinônimo. A presença de informações quanto ao eixo paradigmático, como a indicação de sinônimos, antônimos e parônimos, é bastante útil ao aprendiz, especialmente no trabalhoso

momento de codificar em LE, pois vai fornecendo opções para variação vocabular e pistas sobre possíveis erros que se possa cometer, como no caso dos parônimos, por exemplo.

Talvez mais problemático seja o fato de o dicionário não apresentar sistematicamente marcas de uso, principalmente as diastráticas (*gíria*, por exemplo) e as diafásicas (*coloquial*, *culto*, etc.). Ainda que na introdução se tenha assinalado a presença de tais indicações, usando ferramenta de pesquisa do editor de texto, fizemos uma busca em 23 arquivos pelas marcas *fig.* (*figuré*) e *fam.* (*familier*), que constam na lista de abreviaturas do dicionário, e encontramos resultados somente para a primeira. Dessa forma, ou o dicionário não contempla unidades e acepções que não pertencem ao registro padrão ou, o que seria mais grave, não as marca como deveria. Um exemplo desse último caso seria a entrada *chouette*²², marcada como *familier* (coloquial) em três dicionários monolíngues franceses, mas que não recebeu nenhuma marca no dicionário em análise, como se observa nos verbetes abaixo.²²

chouette² [ʃuɛt] *adj* 1 <chose> beau, qui plaît

{br} - giro/-ra ['ʒiru/-re]

◇ *Il a un chouette appartement.*

{br} - *Ele tem um apartamento giro.*

2 <personne> gentil, agréable

{br} - porreiro/-ra [pu'ʀɛjru/-re]

◇ *une fille très chouette*

{br} - *uma rapariga muito porreira*

■ — *interj* exprime la joie

{br} - porreiro [pu'ʀɛjru]

◇ *Chouette ! Il vient !*

{br} - *Porreiro! Ele vem!*

Quadro 2 Verboete *chouette*², nos arquivos do dicionário FR-PE da *K Dictionaries*.

²² Com exceção dos verbetes *débit*, *développement*, *louche*, *resserrer* e *zinc*, as entradas apresentadas neste capítulo estão em sua versão original, em PE. Para informações sobre as marcações que aparecem nos verbetes em PB, conferir a seção 4.1.

FrANÇAIS | chouette

Articles [2]

- **chouette adj.**
Qui est sympathique, généreux.
- **chouette n.f.**
Rapace nocturne sans aigrettes, ce qui le distingue du hibou.

chouette
adjectif (de [chouette 1](#))

Curtir 0 | +1 1 | Share 6

Définitions
Expressions
Synonymes

Familier

- Qui est sympathique, généreux.
- Qui est joli, élégant, digne d'admiration : *Tu as un chouette costume.*
- Qui est agréable, réussi, très bon : *On a passé de chouettes vacances.*

Posez une question sur cet article

Figura 5 Verbete *chouette* (adj.), no dicionário on-line Larousse.

ENCYCLOPÉDIES

▼ Dictionnaire

Langue française
Synonymes
Les thèmes
Les usages
Types de mots
Recherche
Top recherches

Biographies
Citations
Expressions
Histoire
Musique
Inventions
Noms de famille
Noms propres
Pratique
Prénoms

L'Internaute > Dictionnaire > Langue française > Définition chouette

Dictionnaire de la langue française

Thèmes | Usage | Mot au hasard | Abécédaire | Top recherche | Mettre en favori

chouette
adjectif, interjection, nom féminin

Définition | Synonymes | Citations

Définition chouette

chouette, adjectif

Sens 1 Très agréable, beau (**Familier**) Ex Tu as une cravate très chouette !
Synonyme agréable Anglais great

Sens 2 Sympathique. Ex C'est un garçon chouette, tu verras. Synonyme chic

Figura 6 Verbete *chouette* (adj.), no dicionário on-line do site L'Internaute.

The screenshot shows the TLFi (Trésor de la Langue Française) online dictionary interface. At the top, there are navigation tabs: Aide, Recherche d'un mot, Recherche assistée, Recherche complexe, Listes de mots, Historique, and Préférences. The main header indicates 'Recherche n° 1' and 'Résultat 2/2'. On the left, there are buttons for 'Affichage global' and 'Prononcer', and a section titled 'Peindre les objets suivants :'. Below this, there are six dropdown menus for selecting grammatical features: Définition, Indicateur, and four instances of 'Aucun'. A 'Valider' button is at the bottom of this section. The main content area displays the entry for 'CHOUETTE², adj.'. It includes a red arrow pointing to the word, its classification 'Pop., fam.', and two main definitions (A and B) with example sentences and citations from French literature. Definition A describes it as a person who is agreeable and worthy of praise. Definition B describes it as perfect in one's genre. Examples include 'Elle [la bonne] est vraiment chouette' and 'C'est chouette. C'est bien, c'est agréable'.

Figura 7 Verbete *chouette* (adj.), no dicionário on-line TLFi.

A informação gramatical apresentada não é muito aprofundada e, para os consulentes de nível intermediário, já pode ser insuficiente. Basicamente, o que se apresentam são as classes de palavra, o gênero e o número, e, para os verbos, apenas se são transitivos, intransitivos ou pronominais. Esse último ponto se mostra um pouco problemático no exemplo apresentado abaixo, em que a classificação da transitividade do verbo *croire* é feita de maneira incorreta. Nesse verbete, os usos do verbo são divididos entre transitivos, intransitivos e pronominais, quando, na verdade, os usos marcados como intransitivos se referem às situações em que o verbo é transitivo indireto. Nesse caso, ainda é preciso notar que o verbo *croire*, quando transitivo indireto, pode exigir o uso da preposição *à* ou *en*, a depender de seu sentido. O dicionário em questão não explicita em que situações usar qual preposição, o que sem dúvida pode conduzir o consulente ao erro nas atividades de codificação. Para comparação, mostramos também como a entrada *croire* (vti) é apresentada em outro dicionário, o *Larousse on-line*.

croire [krwar] vt 1 <admettre comme sincère> penser que qqn dit la vérité

{br} - acreditar [əkrədi'tar], crer [krer]

◇ *Il m'a cru.*

{br} - *Ele acreditou em mim.*

2 <accepter comme vrai> penser que qqch est vrai

{br} - acreditar

◇ *Je crois ce qu'il me dit.*

{br} - *Eu acredito no que ele me diz.*

◇ *faire croire qqch à qqn*

{br} - *persuadir alguém de algo*

◆ **croire que** avoir l'idée que

{br} - crer que

◇ *Je crois qu'il est déjà parti.*

{br} - *Creio que ele já partiu.*

■ — vi 1 <penser comme possible> penser que qqch existe ou va se produire

{br} - acreditar

◇ *croire au père Noël*

{br} - *acreditar no pai Natal*

◇ *croire en Dieu*

{br} - *acreditar em Deus*

◇ *croire à la victoire*

{br} - *acreditar na vitória*

2 <penser comme bien> penser que qqch est bien

{br} - acreditar

◇ *croire au progrès*

{br} - *acreditar no progresso*

■ **se croire** [səkrwar] vpr [...]

Quadro 3 Verbete *croire*, nos arquivos do dicionário FR-PT da *K Dictionaries*.

The screenshot shows the Larousse online dictionary interface for the French word "croire". The header includes the French flag and the word "Français". The search bar contains "croire". The main content area is titled "croire" and "verbe transitif indirect". It lists three definitions:

- croire v.t.**: Tenir quelque chose pour vrai, l'admettre comme une certitude, en...
- croire v.t. ind.**: Être certain de l'existence de quelqu'un, de quelque chose, de...
- croire (se) v.pr.**: Avoir telle ou telle impression.

 To the right of the definitions, there are four example sentences:

- Être certain de l'existence de quelqu'un, de quelque chose, de la véracité de quelque chose : *Croire aux revenants.*
- Tenir quelque chose pour véritable, vrai, vraisemblable ou possible : *Tout le monde a cru à un accident.*
- Être persuadé de l'efficacité de quelque chose ; se fier à, s'en rapporter à : *Croire en la médecine.*
- Avoir confiance en quelqu'un, avoir foi en ses actions, son avenir, ses possibilités : *J'ai toujours cru en lui.*

 On the left side, under "Articles [3]", there are links for "croire v.t.", "croire v.t. ind.", and "croire (se) v.pr.". On the right side, there is a sidebar with links for "Définitions", "Expressions", "Synonymes", "Homonymes", "Citations", and "Conjugaison". At the bottom, there is a button that says "Posez une question sur cet article".

Figura 8 Verbete *croire* (v.t.i.), no dicionário on-line Larousse.

No que se refere aos exemplos de uso propriamente ditos, pode-se dizer que são menos frequentes. Normalmente, o que ocupa o lugar deles na microestrutura são colocações, às vezes sintagmas livres, e não frases completas. Já as expressões vêm marcadas em negrito e sempre precedidas do sinal “♦”, conforme indicado pelo próprio dicionário, na descrição de suas partes. Abaixo reproduzimos um dos verbetes em que há, entre os exemplos, uma oração inteira (v. segunda acepção), seguido de um verbete em que há uma expressão (ou “locução”, na terminologia de Corpas Pastor [1996]).

baraque [barak] *nf* 1 <cabane> construction en bois

{br} - barraca [be'rake] *f*

♦ *une baraque de foire*

{br} - *uma barraca de feira*

2 maison

{br} - casa ['kaze] *f*

♦ *Ils sont tous fous, dans cette baraque !* 

{br} - *São todos loucos nesta casa!*

gamme [gam] *nf* 1 [...]

2 <éventail> série de choses

{br} - gama ['gəme]

♦ *une gamme de couleurs*

{br} - *uma gama de cores*

♦ *différentes gammes de prix*

{br} - *diversas gamas de preços*

♦ **haut / bas de gamme** de bonne / mauvaise qualité 

{br} - gama alta/ baixa

♦ *des meubles haut de gamme*

{br} - *móveis de gama alta*

É importante destacar que, mesmo não trazendo muitos exemplos na forma de frases completas, o fato de haver colocações e locuções/expressões já é um diferencial de grande auxílio para o aprendiz, uma vez que

Uma língua não se aprende somente por suas regras e por suas palavras, mas por todos os elementos “pré-codificados” do discurso: locuções, termos complexos e fixos, “modos de dizer” ligados às estratégias da fala, elementos que em sua maioria são dominados espontaneamente pelo locutor nativo, enquanto que o locutor estrangeiro deve aprendê-los como se fossem palavras. (SZENDE, 1996, p. 123, tradução nossa)²³

Contudo, observamos a falta de algumas expressões frequentes, como na entrada *débit*¹, ilustrada abaixo, em que não consta a locução *haut débit*, traduzida em português como “banda larga”, ou na entrada *développement*, também reproduzida em seguida, em que foi deixada de lado a expressão *développement durable*, em PB, “desenvolvimento sustentável”, que nos parece parte dos assuntos mais em voga nos últimos anos.

débit¹ [debi] nm 1 <d'eau> quantité d'eau qui s'écoule

[...]

2 <des paroles> vitesse des paroles

[...]

3 <magasin> endroit où l'on vend qqch

[...]

HAUT DÉBIT [net] = banda larga ?

développement [devəlpmā] nm 1 <croissance> action de grandir, de devenir important

{br} - desenvolvimento [dəzēvolvi'mẽtu] m

◇ le développement d'un pays

{br} - o desenvolvimento de um país

◇ une entreprise en plein développement

{br} - uma empresa em pleno desenvolvimento

2 phot action de faire apparaître des photos

[...]

DÉVELOPPEMENT DURABLE ?

Nos arquivos, havia bastantes erros de grafia e tradução que, no dicionário impresso, já haviam sido corrigidos. Porém alguns poucos ainda constavam na obra publicada. Foram encontrados problemas de grafia, como no verbete *assainir*, em cujo exemplo escreve-se

²³ « Une langue ne s'apprend pas seulement par ses règles et par ses mots, mais par tous les éléments « pré-codés » du discours : locutions, termes complexes et figés, « manières de dire » liées aux stratégies de la parole, éléments qui pour la plupart sont maîtrisés spontanément par le locuteur natif, alors que le locuteur étranger doit les apprendre comme si c'était des mots. »

“sanar” em vez de “sanear”, ou no verbete *station*, em que, em vez de “estação meteorológica”, lemos “estação metereológica”, entre outros (“turvu” > “turvo”; “commissário > comissário”; etc.). Houve também uns poucos problemas de tradução, como em *resserrer*, que seria “tornar mais apertado ou tenso algo solto ou dilatado”,²⁴ ou seja, “apertar”, e que foi traduzido por “desapertar”.

resserrer [ʀəsɛʀe] vt 1 <serrer> rendre moins large

{br} - ~~desapertar~~ **apertar** [dɛzɛpər'tar]

◇ *resserrer sa ceinture*

{br} - ~~desapertar~~ e **apertar seu cinto**

2 [...]

Durante a análise dos dados, percebeu-se que a equipe brasileira também cometeu suas falhas, ao deixar passar alguns equivalentes em PE pouco usuais no PB, mas tais problemas foram corrigidos logo que percebidos.

De modo geral, considerando-se os arquivos e a versão francês-português europeu impressa, pode-se dizer que, como toda obra lexicográfica, o dicionário semibilíngue da *Kernerman* apresenta seus problemas, mas, ainda assim, constitui um reforço importante ao pequeno grupo de dicionários pedagógicos específicos para brasileiros aprendizes de francês.

Nos capítulos seguintes, veremos outro aspecto da adaptação desse dicionário: as diferenças encontradas entre PB e PE.

²⁴ Tradução nossa. « *Rendre plus serre, plus tendu quelque chose de relâché, de dilaté* » (LAROUSSE)

CAPÍTULO III – Português brasileiro e português europeu

Todos nós, brasileiros, sabemos quando teve início a história da língua portuguesa no Brasil. Entretanto, não sabemos ao certo quando e por quais motivos exatamente essa língua portuguesa se diferenciou e distanciou, dos dois lados do Atlântico, a ponto de tal mudança se tornar perceptível. Alguns dirão que foi apenas a distância física, outros que foram os contatos com línguas de outros povos (indígenas, africanos, imigrantes italianos, japoneses, etc.), outros ainda que foi a combinação desses dois fatores. Infelizmente, não temos condições de fornecer as respostas a essas questões, às quais outros importantes pesquisadores já se dedicaram (cf. ROBERTS; KATO, 1996; NARO; SCHERRE, 2007), mas pretendemos trazer, neste capítulo, um pouco do que já se disse sobre as diferenças entre o que se fala aqui e além-mar.

Primeiramente, porém, é importante lembrar que a forma como essa questão do português brasileiro é abordada costuma variar conforme o período histórico e a teoria em que se baseia; nesse sentido, leiam-se as palavras de Castilho (2007):

Ao refletir sobre os diferentes momentos históricos do PB, os pesquisadores espelharam, como é natural, as diferentes teorias sobre a mudança linguística. É possível, em consequência, identificar três reflexos dessas teorias entre os trabalhos voltados para a mudança no PB: a hipótese evolucionista, que defende a existência de uma “língua brasileira”, a hipótese crioulista, que acentua a importância dos contactos linguísticos no Brasil-Colônia, e a hipótese internalista, que acentua a importância da deriva, isto é, das tendências próprias ao sistema, para explicar a dimensão histórica do PB. (CASTILHO, 2007, p. 241)

Acreditamos que todas as hipóteses acima fornecem explicações interessantes para algumas diferenças entre as duas variantes do português; no entanto, no presente trabalho, focaremos mais nas opiniões sobre o fato de falarmos outra língua ou uma variante de uma única língua, como se pode verificar na seção a seguir. Mas antes de qualquer discussão que confronte as duas principais variantes da língua portuguesa, devemos relembrar um pouco de sua história em nosso país.

3.1 Revisão da literatura

As grandes navegações levaram os portugueses não só a “descobrir” o Brasil, mas permitiram que eles estabelecessem contato (e comércio) direto com povos de outros continentes, como africanos e asiáticos. No entanto, entre os séculos XVI e XVIII, a utilização da língua portuguesa se deu de forma bastante desigual nessas diferentes regiões. Enquanto, na Ásia e na África, a língua portuguesa foi um instrumento comunicativo emergencial, que se transformou rapidamente em variados falares crioulos, na América, foi um instrumento linguístico que não manteve relação constante com os usos da metrópole e que, por isso, se desenvolveu gradualmente de forma autônoma e em função da relação entre o colonizador, seus descendentes mestiços e os índios, criando uma nova “realidade lingüística, progressivamente desvinculada dos movimentos internos do instrumento linguístico da metrópole política.” (CASTRO, 1986, apud DIAS, 1996, p. 10).

Desta forma, até parte do século XVIII, a língua que fazia a ponte entre muitos habitantes do Brasil era a “língua geral”, ou *nheengatu*, uma língua de base tupi, criada pelos missionários da Companhia de Jesus. Ao contrário do que possa parecer, a língua geral não era usada apenas para a comunicação entre índios e jesuítas; era língua corrente também em muitas famílias de colonos portugueses que habitavam o litoral brasileiro (DIAS, 1996; TEYSSIER, 2001).

Paralelamente, desde o início dos grandes empreendimentos agrícolas, empregou-se mão de obra escrava negra, porém nenhuma língua de origem africana conseguiu se sobressair em nosso território. Conforme Mattos e Silva (2004) afirma em vários momentos, os responsáveis pela distribuição dos escravos procuravam evitar que muitas pessoas de mesma língua trabalhassem juntas, a fim de que não pudessem se comunicar e se organizar contra seus algozes.

Foi igualmente no século XVIII que a exploração de metais e pedras preciosas, em Minas Gerais, teve seu apogeu. Sem dúvida, a mineração foi uma das grandes responsáveis pelo despertar do interesse da metrópole em relação à então colônia e também pelo incremento do afluxo de portugueses. Até então, nossa maior influência europeia eram os missionários jesuítas, controladores das poucas escolas brasileiras, grandes difusores do *nheengatu* e influentes demais, aos olhos do líder do governo metropolitano, o Marquês de Pombal, outro importante personagem na história dos rumos tomados pela língua portuguesa no Brasil. Entre 1757 e 1759, o primeiro-ministro português expulsou os jesuítas de todo o império lusitano, passou o controle do ensino às mãos do Estado e proibiu a utilização da língua geral, tornando obrigatório o uso do português no Brasil (TEYSSIER, 2001).

Com a expulsão dos membros da Companhia de Jesus e a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa, teoricamente teria sido preciso fazer uma escolha entre qual português ensinar na colônia: o português falado na própria colônia ou o português falado/escrito na metrópole. É patente que essa possibilidade de escolha sequer foi cogitada pelos responsáveis pelo ensino e, nas aulas régias, o português utilizado foi o dos grandes clássicos lusitanos. Assim, surgia a “questão da língua” no Brasil, fruto da “profunda separação entre língua escrita e língua falada, haja vista a ausência completa, durante quase dois séculos e meio, de qualquer tipo de política cultural e educacional por parte da metrópole.” (DIAS, 1996, p. 12). Desde então, houve ondas de discussões sobre a autonomia da língua falada aqui e a forma de denominá-la, como, por exemplo, parte da polêmica entre José de Alencar e o português Pinheiro Chagas, o próprio movimento modernista, projetos políticos de mudança na denominação do idioma nas décadas de 1930 e 1940, entre outros momentos de nossa história.

Atualmente, da segunda metade do século XX até agora, no que se refere à discussão sobre as diferenças entre o PB e o PE, encontramos ainda algumas divergências de opinião

quanto a estarmos ou não diante da mesma língua. No campo da divulgação científica, Bagno (2004) é um dos autores que julgam que as duas grandes variantes do português não são a mesma língua, como se pode verificar no trecho abaixo transcrito:

O que cria a *ilusão* de que lá e cá se fala uma mesma língua é o fato das [sic] duas línguas compartilharem morfologia semelhante e terem um vocabulário (um léxico) comum (embora as palavras nem sempre tenham o mesmo significado em cada um dos países). Mas já vimos que, para conhecer a fundo um enunciado, é preciso ir além da morfologia e do léxico, é preciso se embrenhar no campo da semântica e da pragmática. Os usos que os brasileiros e os portugueses fazem de seus recursos sintáticos e lexicais são muito diferentes, bem como são diferentes as intenções que comandam esses usos. Também existem enormes diferenças no campo da prosódia, no ritmo da fala, na entonação dos enunciados, todo um conjunto de regras de uso dos recursos fônicos. (BAGNO, 2004, p. 171, grifo nosso)

No campo da Análise de Discurso, Orlandi (2005) é mais incisiva. Para a autora, aplicando-se o conceito de movimentos de enunciação, tem-se que

Nessa perspectiva, então, *falamos decididamente a língua brasileira*, pois é isto que atesta a materialidade lingüístico-histórica. Se, empiricamente, podemos dizer que as diferenças são algumas, de sotaque, de contornos sintáticos, de uma lista lexical, no entanto, do ponto de vista discursivo, no modo como a língua se historiciza, as diferenças são incomensuráveis: falamos diferente, produzimos diferentes discursividades. (ORLANDI, 2005, p. 30, grifo nosso)

A analista de discurso acredita que o que faz manter “o imaginário da língua portuguesa” é a ideologia da língua pura e verdadeira (ORLANDI, 2005, p. 29). Ela nos lembra também que, apesar de toda a discussão do início do século XIX, a propósito da língua brasileira, nossa primeira Constituição não foi votada, mas outorgada por D. Pedro, em 1823, e nela se decidiu que a língua que falamos é a língua portuguesa. Para a autora, “os efeitos desse jogo político, que nos acompanha desde a aurora do Brasil, nos faz oscilar sempre entre uma língua outorgada, legado de Portugal, intocável, e uma língua nossa, que falamos em nosso dia-a-dia, a língua brasileira.” (ORLANDI, 2005, p. 29). Por isso, ela faz uma distinção entre língua fluida, o brasileiro, e a língua imaginária, o português, “cuja tensão não pára de produzir os seus efeitos.” (ORLANDI, 2005, p. 29).

Tarallo (1996) observa que o nome dado ao fenômeno é basicamente uma questão ideológica, mas também para ele estamos diante de uma realidade completamente distinta da portuguesa, e, neste caso, não estamos falando apenas de usos discursivos.

Fica claro a partir do retrato oferecido que um novo sistema gramatical – chama-se de gramática brasileira ou de dialeto com sua própria configuração uma vez tratar-se de uma questão meramente ideológica – emergiu ao final do século XIX, estabelecendo *uma nova gramática radicalmente diferente da modalidade lusitana [...]*. (TARALLO, 1996, p. 99, grifo nosso)

Por outro lado, muitos autores são de opinião contrária, afirmando que a língua que se fala no Brasil e a que se fala em Portugal são, na verdade, uma única língua. Assim se posiciona Biderman (2001a):

O Português do Brasil é essencialmente a mesma língua de Portugal. Em 1922 em meio aos grandes debates nacionalistas a respeito da « língua brasileira », o lingüista Antenor Nascentes com grande clarividência já afirmava que o PB não é uma língua distinta do PE como afirmavam nacionalistas como Monteiro Lobato, Mario de Andrade e outros, mas apenas uma variedade da língua-mãe. (BIDERMAN, 2001a, p. 965)

Prossegue a autora na página seguinte (2001a, p. 966, grifo nosso): “De fato, no plano do sistema linguístico o PB e o PE são *a mesma língua com a mesma estrutura e as mesmas oposições funcionais*. As mudanças operadas no PB ocorreram no domínio da norma e não do sistema.”²⁵

Outros pesquisadores, ao tratar das particularidades da língua falada no Brasil, não abordam exatamente a questão, tão ou mais política do que linguística, de falarmos a língua portuguesa ou brasileira, deixando-nos apenas entrever sua posição quanto ao assunto. Kato (1996), por exemplo, não entra diretamente nessa polêmica, mas fala em uma “mudança radical (paramétrica) na língua”, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

²⁵ Claramente a autora baseia-se na distinção entre *sistema, norma e fala*, proposta por Coseriu (1979). Segundo essa divisão, o sistema é o conjunto de possibilidades oferecidas pela língua, que podem ser atualizadas na fala de cada usuário. A repetição das mesmas formas de expressão na fala de muitos usuários pertencentes a uma mesma comunidade linguística dá origem a uma norma, que é geralmente preferida entre os falantes daquele grupo.

os resultados fornecem uma descrição bastante instigante do que vem mudando no português do Brasil, e o conjunto desses resultados é uma evidência de que o que ocorre não é um processo de ‘deterioração da gramática’, como pensam os escolarizados pela ótica da gramática prescritivista, mas uma reorganização interna coerente, uma mudança radical (paramétrica) na língua. (KATO, 1996, p. 19)

Segundo a pesquisadora, que analisa o PB do ponto de vista da gramática gerativa, é necessário termos consciência “dessas mudanças sistemáticas, que desembocam em *uma língua distante de suas irmãs românicas, até mesmo do português de Portugal*” (KATO, 1996, p. 20, grifo nosso), para entendermos as dificuldades dos estudantes em adquirir a escrita segundo a norma padrão e em compreender a linguagem usada nos textos escolares, que, “para as camadas que vêm de pais iletrados, pode parecer tão estranha quanto a de um texto do século XVIII para o lingüista iniciando-se em estudos diacrônicos.” (KATO, 1996, p. 20). Para ela, o Brasil apresentaria “um caso extremo de ‘diglossia’ entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão de escrita que ele deve adquirir.” (KATO, 1996, p. 20).

Uma opinião bastante divergente das que normalmente se encontram na bibliografia sobre o assunto é a de Parkinson (1998, apud INSTITUTO CAMÕES), segundo a qual os processos de convergência e divergência no mundo lusófono estariam se resolvendo. O autor acredita que as variantes brasileira e europeia estariam se aproximando e que a língua portuguesa pode reivindicar “unidade na diversidade”.²⁶

Podemos mencionar ainda a opinião de Cunha (1981), uma opinião em alguns aspectos mais “neutra”, a qual acabamos por seguir neste trabalho. Também esse autor aponta que as conceituações propostas para o *status* de nossa modalidade linguística se baseiam principalmente em razões extralinguísticas. Segundo o filólogo, é preciso descartar

²⁶ Cf. o trecho original em que nos baseamos: “*The processes of convergence and divergence inside the Portuguese speaking world are still working themselves out. While European and Brazilian varieties are drawing closer together, partly through the realisation that Brazilian norms need not be opposed to Portuguese ones, partly through the influence of Brazilian television on Portugal, the former Portuguese colonies in Africa are looking for linguistic independence in the recognition of local standards. Portuguese can nevertheless claim ‘unity in diversity’ and as such can only increase in prominence as a major world language.*” [PARKINSON, S. Portuguese. The romance languages. London: Croom Helm, 1988, p. 168, apud INSTITUTO CAMÕES]

definitivamente o termo “dialeto”, que já foi empregado para caracterizar a língua que falamos no Brasil, pois, além de “subserviente” e “perturbador”, não é cientificamente adequado para designar o espanhol e o português do continente americano, uma vez que evoca a ideia de dependência. Nas palavras do próprio autor,

não se pode negar que as modalidades americanas do português e do espanhol, que forjam e continuam forjando suas próprias normas, inclusive no campo da expressão literária, devem qualificar-se como objetos sociolinguísticos especiais, em certo sentido autônomos, que coexistem nos limites da referida comunidade linguística, sólida, mas não estática, antes de acentuado dinamismo evolutivo. (CUNHA, 1981, p. 16)

A esses objetos sociolinguísticos especiais, subsistemas de arquissistemas, Cunha denomina, seguindo a terminologia de Stepanov (1971, apud CUNHA, 1981), “variantes nacionais”. Dessa forma, o português falado no Brasil e o falado em Portugal são variantes da mesma língua e, como todas as variantes, são paritárias. Entretanto, como observa o autor, ainda com base em Stepanov, “o prestígio da protovariante peninsular condiciona uma situação especial entre as variantes paritárias e leva ao dualismo das normas utilizáveis e à realização assimétrica destas na variante americana.” (CUNHA, 1981, p. 17). Disso decorreria a oscilação da língua culta no Brasil, o que dificulta a determinação de padrões para o ensino, “mesmo depois que certas atitudes radicais dos escritores modernistas conseguiram, em alguns casos, diminuir o vácuo enorme que separava a expressão falada da escrita” (CUNHA, 1981, p. 17).

Embora compartilhemos a opinião de Cunha (1981), para que se possa tentar chegar a qualquer conclusão efetiva sobre o assunto é preciso analisar rigorosamente uma quantidade enorme de textos, produzidos tanto em PB quanto em PE. Por isso, Wittmann, Pêgo e Santos (1995) insistem sobre a necessidade de construção de *corpora* para as variantes do português, considerando a utilidade de três tipos de paralelismo: o *corpus* paralelo de adaptações, que se constitui de textos originais de uma das variantes adaptados para outra; o *corpus* paralelo de

traduções, que consiste em textos originais em outras línguas traduzidos para cada uma das variantes, de forma independente; o *corpus* comparado de originais, composto de “pares de textos originais escritos e publicados em cada variante, de tamanho aproximado, pertencentes à mesma área temática e dirigidos ao mesmo tipo de receptores” (WITTMANN; PÊGO; SANTOS, 1995, não paginado), para a confirmação dos contrastes identificados nos *corpora* precedentes.

Se considerarmos o dicionário bilíngue em cuja adaptação trabalhamos como um pequeno *corpus*, ele parece se constituir em uma mescla dos *corpora* paralelos de adaptações e de traduções, pois, ao mesmo tempo que nos baseávamos no lema e na definição em francês, tivemos igualmente a tradução do PE como apoio. Se, porém, fosse preciso defini-lo categoricamente, diríamos que se trata mais de um *corpus* paralelo de tradução, uma vez que a relação com o original em francês era a determinante.

Na seção a seguir, será apresentada a proposta de classificação dos contrastes de Wittmann, Pêgo e Santos (1995), à qual acrescentaremos algumas reflexões.

3.2 Classificação das diferenças ou contrastes

No artigo já mencionado na seção anterior, Wittmann, Pêgo e Santos (1995) propõem a classificação das diferenças entre as duas variantes (ou contrastes, segundo sua terminologia) quanto ao nível gramatical e quanto à frequência; sendo que, no primeiro caso, os contrastes se dividiriam em morfológicos, sintáticos e lexicais, e no segundo, em absolutos e relativos (essencialmente preferenciais).²⁷

²⁷ As autoras mencionam ainda, entre os contrastes relativos, os contrastes opcionais, que seriam “Palavras de uso exclusivo da sua própria variante, mas cuja palavra equivalente na outra variante também é usada e preferida.” (WITTMANN; PÊGO; SANTOS, 1995, não paginado), porém estes não nos pareceram relevantes para o âmbito deste trabalho.

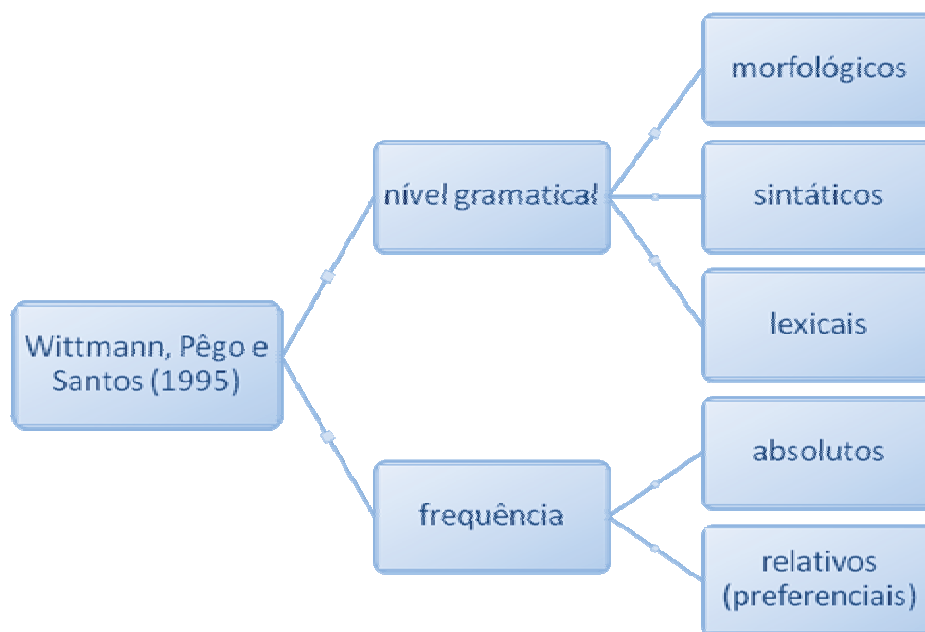


Figura 9 Resumo esquemático da proposta de classificação de contrastes de Wittmann, Pêgo e Santos (1995).

No que se refere à classificação quanto ao nível gramatical, as autoras adotaram alguns critérios diferentes dos nossos. Para que se possa ter uma melhor noção dessas diferenças de classificação no capítulo referente à classificação das modificações, vejamos os critérios adotados por elas.

- *Contrastes no nível sintático*: contrastes correspondentes a diferentes organizações do texto, como a ordem na oração, a existência ou ausência de palavras gramaticais, a diferença quanto à palavra gramatical utilizada, a diferença no uso da flexão.
- *Contrastes no nível morfológico*: apenas os que dizem respeito à flexão ou à classificação morfológica da própria palavra.
- *Contrastes no nível lexical*: todos aqueles associados às palavras sozinhas, compreendendo desde a ortografia até o(s) sentido(s) e as conotações. As informações sintáticas associadas à palavra também são consideradas como pertencentes a este nível, assim como os contrastes devidos à formação por

derivação, pois, segundo as autoras, mesmo originários de um processo morfológico, criariam unidades lexicais distintas (são citados como exemplo os substantivos “doutorado” e “doutoramento”).

Devido às dificuldades em separar os fenômenos exclusivamente sintáticos ou morfológicos, optamos por uma classificação diferente, agrupando esses dois níveis de contrastes e acrescentando alguns outros níveis de modificação, como se verá melhor na seção 4.1, “Procedimentos metodológicos”. Além disso, alguns dos contrastes que as autoras consideram como parte do nível lexical também foram agrupados em outros níveis.

Quanto à classificação em diferenças relativas (preferenciais) e absolutas, há ainda outras subdivisões de nosso interesse. Enquanto as primeiras seriam “Palavras que, embora existam ou estejam atestadas em dicionários de ambas as variantes com o mesmo significado, têm uma frequência de uso diferente” (WITTMANN; PÊGO; SANTOS, 1995, não paginado), as autoras definem as últimas como palavras utilizadas exclusivamente em uma das variantes, distinguindo entre (1) palavras diferentes para o mesmo referente, como “carruagem” e “vagão”; (2) palavras sem equivalência, ou seja, cujo referente não existe na cultura do outro país, como “azinheira” e “sapoti”; e (3) contrastes institucionais, que contemplam as divergências no nível organizacional dos países, como “abono de família” e “bolsa família”.

Wittmann, Pêgo e Santos (1995) fazem ainda uma distinção de nuances entre os contrastes absolutos do primeiro tipo que convém explicitar aqui. De acordo com as pesquisadoras, os pares contrastivos podem ter (i) palavras exclusivas em cada uma das variantes, como o par “autocarro” > “ônibus”; (ii) pelo menos uma palavra usada nas duas variantes, mas com sentidos diferentes, como no caso de “salva-vidas” < “banheiro” > “casa-de-banho”; (iii) palavras com, no mínimo, um significado diferente nas variantes, mas que também compartilham ao menos um significado comum, como em “cartão” > “papelão”; e

(iv) palavras compostas em que pelo menos um dos componentes é contrastivo, como em “gira-discos > toca-disco”.²⁸

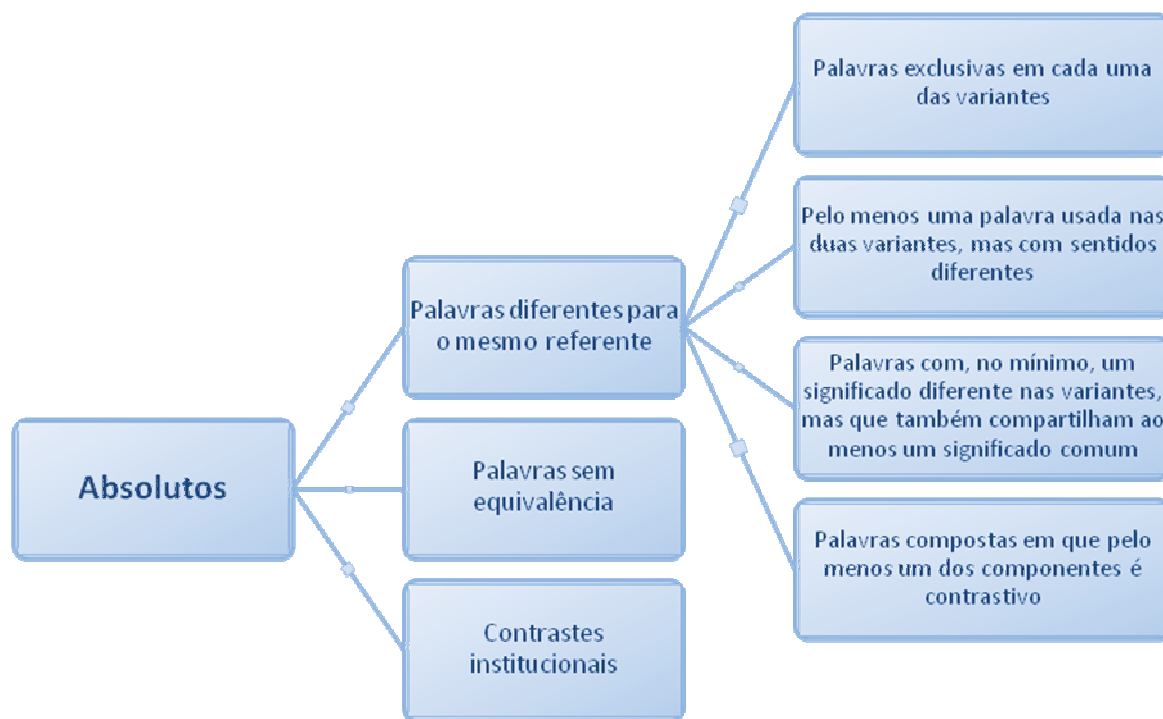


Figura 10 Subdivisões dos contrastes absolutos (WITTMANN; PÊGO; SANTOS, 1995).

No que concerne às palavras sem equivalência no PB, abordadas novamente na seção 4.3, embora não tenham sido alteradas durante a adaptação do dicionário²⁹ e, portanto, não sejam objeto de classificação neste trabalho, vale lembrar o que nos diz Szende (1996):

Todo léxico comporta incoerências, redundâncias e vazios. Mas, ainda que incompletos e assimétricos, os sistemas lexicais coincidem com as necessidades maiores de seus locutores. [...] Toda língua tem lacunas em seu vocabulário e, de uma perspectiva contrastiva, há lacuna sempre que um signo da língua de partida não encontrar equivalente na língua de chegada.

Se toda língua tem suas “lacunas” é porque, na civilização da frente, há particularidades que ela considera menos ou não considera nada. (SZENDE, 1996, p. 113, tradução nossa)³⁰

²⁸ Exemplos retirados do artigo.

²⁹ Tendo em vista que, quando não há equivalente adequado, a solução normalmente encontrada é a elaboração de uma boa definição e que, neste projeto, a nomenclatura e partes da microestrutura que não as traduções não poderiam ser alteradas, os casos de equivalente inexistente em PB não foram considerados na análise apresentada neste trabalho.

No capítulo seguinte, veremos com mais detalhes a forma escolhida para a categorização dos contrastes encontrados e os resultados obtidos com essa classificação.

³⁰ « Tout lexique comporte des incohérences, des redondances et des vides. Mais bien qu'incomplets et dissymétriques, les systèmes lexicaux coïncident avec les besoins majeurs de leurs locuteurs. [...] Toute langue souffre de lacunes dans son vocabulaire et dans une perspective contrastive il y a lacune chaque fois qu'un signe de la langue de départ ne trouve pas d'équivalent dans la langue d'arrivée.

Si chaque langue a ses 'trous' c'est que dans la civilisation d'en face il y a des particularités dont elle tient moins compte, ou pas du tout. »

CAPÍTULO IV – A adaptação do dicionário bilíngue francês-português europeu para a variante brasileira

Iniciamos agora a análise do processo de adaptação do dicionário e dos dados dela resultantes. Para tanto, na seção 4.1., começamos pela descrição dos procedimentos metodológicos adotados. Em seguida, passamos à classificação das modificações, divididas em quatro níveis descritos em subseções separadas (de 4.2.1 a 4.2.4). Finalmente, comentam-se as principais dificuldades de tradução numa seção à parte, em 4.3.

4.1 Procedimentos metodológicos

A editora nos enviou os arquivos a serem trabalhados em XML, formato que tem a vantagem de permitir um controle mais sistemático da informação, mas que exige o uso de um programa específico que requer certo conhecimento prévio. Para nossa conveniência, esses arquivos foram convertidos para a extensão DOC, a fim de tornar o trabalho mais simples, permitindo assim a utilização das ferramentas de programas de edição de texto, presentes em qualquer sistema operacional, ou seja, sem que houvesse a necessidade de aquisição e instalação de programas especiais para a execução da parte prática.

Com os arquivos já convertidos, realizou-se o processo de tradução e de revisão. Convém salientar que as transcrições fonéticas não foram modificadas nessa etapa, ficando a cargo de outra equipe especializada, coordenada pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, na UNESP de Araraquara.

Para facilitar o trabalho de revisão, foram adotadas as seguintes marcações nos arquivos:

- Realce em **pink**: nas entradas em que detectamos falhas na nomenclatura (como unidades lexicais visivelmente menos frequentes e que, portanto, não deveriam constar em um dicionário deste porte) e na microestrutura do francês (como definição incompleta ou ausência de acepção importante). Convém mencionar que qualquer alteração na nomenclatura ou microestrutura do francês não poderia ser realizada por nós sem explícita autorização dos editores. Entretanto, muitas de nossas anotações serviram para subsidiar -a análise, uma vez que não podemos desconsiderar que a obra se apresenta com uma inclinação pedagógica.
- Realce em **azul royal**: nos verbetes cuja dificuldade para encontrar o equivalente adequado foi gerada por questões culturais, sobretudo por falta de correspondência do referente em questão.
- Realce em **amarelo**: receberam o realce nessa cor os problemas de ortografia, incluindo os de acentuação e as eventuais junções acidentais de palavras, mesmo se tratando da microestrutura em língua francesa.
- Realce em **verde**: indica as modificações feitas pelas revisoras.³¹
- **Tachado**: foram tachados os equivalentes menos usuais ou não pertencentes à variante brasileira do português.
- Fonte em **vermelho**: indica as adaptações propostas para a variante brasileira, inseridas ao lado da UL que constava originalmente no arquivo e que tachamos por ser de variante lusitana.
- Fonte em **pink**: para os estrangeirismos.

³¹ Foram responsáveis pela revisão das traduções as Prof.^{as} Dr.^{as} Claudia Maria Xatara e Maria Cristina Parreira da Silva.

Quando surgiam dúvidas ou problemas de outra ordem, durante a tradução, o ponto problemático era destacado por meio de um comentário, a fim de estabelecer um diálogo com as revisoras.

Abaixo, trazemos, como exemplo, partes de um verbete que recebemos, seguido de sua versão modificada, para que se possa visualizar melhor as marcações.

chaîne [ʃɛn] *nf* 1 <anneaux> objet constitué d'anneaux en métal qui sert àattacher
{br} - @@@@
 ◇ *fermer une grille avec une chaîne et un cadenas*
{br} - fechar uma grade com uma corrente e um cadeado
 ♦ **chaînes** objets en métal que l'on met sur les pneus quand le solest glissant
{br} - correntes *pl*
 2 [omitimos aqui as acepções de dois a quatro]
 5 ♦ **chaîne (haute-fidélité / hi-fi)** appareil qui sert à écouter la radio, de lamusique
{br} - aparelhagem [ɛpɛrə'ʎazɛj] *f*
 6 ♦ **travailler à la chaîne** travailler en faisant toujours le mêmegeste
{br} - trabalhar em cadeia

chaîne [ʃɛn] *nf* 1 <anneaux> objet constitué d'anneaux en métal qui sert àattacher
{br} - @@@@@ corrente
 ◇ *fermer une grille avec une chaîne et un cadenas*
{br} - fechar uma grade com uma corrente e um cadeado
 ♦ **chaînes** objets en métal que l'on met sur les pneus quand le solest glissant
{br} - correntes *pl*
 2 [...]
 5 ♦ **chaîne (haute-fidélité / hi-fi)** appareil qui sert à écouter la radio, de lamusique
{br} - aparelhagem micro system, aparelho de som [ɛpɛrə'ʎazɛj] *f*
 6 ♦ **travailler à la chaîne** travailler en faisant toujours le mêmegeste
{br} - trabalhar em cadeia uma linha de produção fazer um trabalho mecânico

Sabe-se que, atualmente, para a realização de um bom projeto lexicográfico, é importante a consideração de dados fornecidos pela análise de *corpora* construídos compativelmente com a língua, registro ou aspecto que se pretende trabalhar. Conscientes disso, tentamos utilizar como uma das bases para nossas decisões tradutórias dicionários de frequência, como o *A Frequency Dictionary of Portuguese* (DAVIES; PRETO-BAY, 2007) e

o *Dicionário de usos do Português do Brasil* (BORBA, 2002), além de consultar o *Corpus Brasileiro*, projeto do GELC – Grupo de Estudos de Linguística de *Corpus*, disponível no endereço <http://corpusbrasileiro.pucsp.br>. No entanto, tal procedimento não se mostrou eficaz em todos os casos, uma vez que a) os *corpora* em que se baseia a nomenclatura do *A Frequency Dictionary of Portuguese* são compostos de material das duas variantes do português; b) o *Dicionário de usos* é uma obra impressa cujo manuseio requer mais tempo do que a consulta a obras eletrônicas, como as mencionadas abaixo, e que, devido à pressão dos prazos, não pôde ser verificada em todas as traduções; e c) o *Corpus Brasileiro* vem apresentando problemas técnicos e não tem retornado as linhas de concordância para que pudéssemos verificar se os contextos de uso eram os mesmos que procurávamos.

Diante disso, no que se refere à escolha de equivalentes mais frequentes, não podemos deixar de considerar também o papel representado pela *Web* como um enorme banco de dados, testemunha da língua utilizada por seus usuários. Sem dúvida, a Rede apresenta alguns pontos negativos quando se pensa em termos de investigação científica, por exemplo, a grande presença de “ruídos”, como idiossincrasias e “erros”. Entretanto, sua grande extensão, sua dinamicidade e sua diversidade de textos podem ser consideradas como pontos positivos quando se precisa de indícios sobre a língua efetivamente utilizada. Como ocorre na análise de qualquer *corpus*, fica a cargo do especialista avaliar a informação disponível.

Nas palavras de Riva (2008, p. 88), a *Web* constitui “um retrato da língua em uso, com possibilidade de análises semântica e pragmática por conta da ampla tipologia textual que apresenta”. Dessa forma, paralelamente às tentativas de uso de *corpora* intencionalmente estruturados, também foram de grande auxílio para nossas decisões os motores de busca como o *Google*, utilizando-se a página brasileira para consulta das frequências de unidades lexicais e colocações e a página francesa como apoio às definições e aos exemplos trazidos pelos

dicionários monolíngues desse idioma.³² Quanto a esses últimos, foram utilizados o eletrônico *Petit Robert* e os *on-line Sensagent*, disponível em www.sensagent.com, e *Trésor de la Langue Française informatisé* (TFLi), disponível em <http://atilf.atilf.fr>.

Como ferramentas de auxílio ao processo de adaptação também foram utilizados dicionários de português em que predomina a variante brasileira, como o *Aurélio Século XXI* eletrônico, o *Houaiss eletrônico* e *Aulete Digital*, disponível em www.auletedigital.com.br, e dicionários em que predomina a variante europeia, como *Infopedia*, disponível em www.infopedia.pt, e *Priberam*, www.priberam.pt/DLPO.

Com relação à ortografia, seguiram-se as novas normas do acordo ortográfico, utilizando, para sanar as eventuais dúvidas, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, disponível no site da Academia Brasileira de Letras, www.academia.org.br, o encarte da quinta edição do referido vocabulário, disponível no mesmo endereço, e ainda o *Guia Prático da Nova Ortografia* (TUFANO, 2008).

É importante lembrar que, apesar de o dicionário ser utilizado, sobretudo, no âmbito da escrita, esse “campo” não é homogêneo. Enquanto sujeitos produtores de linguagem, em nossa língua materna, não escrevemos apenas relatórios ou dissertações escolares, por exemplo, que requerem o emprego de um nível de linguagem mais formal e “elaborado”. Da mesma forma, quando se deseja aprender uma LE, não se deseja aprender um único uso restrito dessa língua, a intenção geralmente é comunicar-se nas mais variadas situações, e, de preferência, como um falante nativo. Sem nos aprofundarmos na oposição entre o PB falado e o PB escrito, que, segundo alguns autores, beiraria a diglossia (BAGNO, 2004; CUNHA, 1981; KATO, 1996), concordamos com a afirmação de Marcuschi (2010, p. 37, grifo do autor) de que “*as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das*

³² Para restringir a pesquisa a *sites* indexados como oriundos de determinado país, selecionamos os links “Páginas de Brasil” e “Pays: France” nas respectivas páginas do *Google*. Entretanto, esse refinamento não garante que as páginas resultantes estejam, de fato, escritas nas variantes desses países.

práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.”

Assim, há textos falados que se aproximam mais do escrito, como as falas nas conferências acadêmicas, e há textos escritos que se aproximam mais da oralidade, como bilhetes e *e-mails*, por exemplo. Dessa forma, fala e escrita se misturam em alguns gêneros e, visto que, no PB, fala e escrita têm normas razoavelmente diferentes, nas traduções dos exemplos tentamos não nos limitar somente à norma culta escrita, de regras às vezes bastante estranhas à fala, utilizando, sempre que o texto em francês nos pareceu coloquial o suficiente, um registro um pouco mais distenso.

Os arquivos modificados eram entregues semanalmente às revisoras, via *e-mail*. Elas conferiam as adaptações propostas, aceitavam-nas ou as modificavam ainda uma vez e, periodicamente, nos enviavam um retorno sobre nosso trabalho.

Coube-nos adaptar 51 arquivos, totalizando 5487 entradas. Para esta pesquisa de mestrado, propusemo-nos a analisar uma amostra representativa de cerca de duas mil entradas. Para tanto, foi selecionado um arquivo a cada três, começando pelo primeiro, o arquivo 1003. Seguindo esse procedimento, ao final foram obtidas 1843 entradas. Para nos aproximarmos mais da quantidade proposta inicialmente, selecionamos mais dois arquivos, 1004 e 1101, o primeiro e o último não escolhidos anteriormente, chegando ao número de 2008 verbetes analisados.

Para a organização dos dados, optou-se por criar um arquivo XLS. Em uma planilha nomeamos as colunas de A a F da seguinte forma: “arquivo n°”, “entrada”, “modificada?”, “acepção”, “acrécimo” e “corte”. Nas colunas de G a J, foram alocados os tipos de modificações: “fonético-ortográfica”, “morfológico-sintática”, “léxico-semântica” e “pragmático-cultural”. Por fim, a coluna K foi destinada às observações sobre as alterações.

	A	B	C	D	E	F	Tipo de modificação			
	Arquivo n°	Entrada	Modificada?	Acepção	Acréscimo	Corte	Fonética-ortográfica	Morfologia-sintática	Léxico-semântica	Pragmática
2	1001	adversant	sim	0	amassante	amassador				
4	1001	advers1	sim	0	habilidade				destreza > habilidade	
5	1001	advers2	não				electrónico > electrónico			
6	1001	adverser	não					dirige-se > se dirige		
7	1001	adverser	não					dirige-se sempre > sempre		
8	1001	adverser	não					se dirige		
9	1001	adverser	não				directamente > directamente			
10	1001	adverser	não						conduta de sr >	
11	1001	adverser	não						uma sala > um cómodo	
12	1001	adverser	não				metro > metrô			
13	1001	adverser	não						tira-nódoas > tira-manchas	

Figura 11 Vista parcial da planilha criada para a organização dos dados.

As colunas “arquivo n°” e “entrada” dispensam explicação. Já a terceira coluna, “modificada?”, justifica-se pelo fato de nem sempre ser o equivalente da palavra-entrada a UL alterada durante o processo de adaptação; muitas vezes as modificações se encontravam apenas nos exemplos. Nesse caso, na coluna “modificada?”, seria inserida a palavra “não” e a coluna seguinte, “acepção”, seria deixada em branco. Caso fosse o equivalente do lema a unidade modificada, mesmo que apenas no exemplo, na célula correspondente, seria inserida a palavra “sim” e, na coluna seguinte, seria indicado em que acepção do verbete foi feita aquela modificação.

Nessa última situação, em que o equivalente da palavra-entrada sofreu alteração, se a tradução proposta ainda não se encontrasse entre os equivalentes já sugeridos, a nova sugestão era anotada na coluna “acréscimo”. Se, além disso, o equivalente anterior não fosse considerado adequado em nenhum outro contexto possível para aquela acepção, ele seria eliminado dos equivalentes e anotado na coluna “corte”.

Todas as modificações encontradas, tanto nos exemplos quanto nos equivalentes, foram anotadas nas colunas correspondentes aos tipos de modificação. Muitos exemplos

apresentaram mais de uma alteração. Nesses casos, os mesmos trechos foram anotados mais de uma vez, de acordo com a modificação em questão.

Com o objetivo de facilitar as revisões e a análise dos dados na planilha, reaproveitamos algumas das marcações usadas no momento da revisão da tradução, mas agora com outra significação:

- Realce em **amarelo**, quando algo ainda precisava ser verificado.
- Realce em **verde**, quando ainda havia dúvidas quanto à classificação da modificação.
- Realce em **azul**, quando a modificação, sobretudo as morfossintáticas encontradas nos exemplos, deve-se mais à tentativa de seguir o original em francês do que a uma diferença marcante entre as duas variantes do português.
- Realce em **rosa**, quando a modificação envolve estrangeirismos, em qualquer uma das variantes.
- Realce em **laranja**, quando se tratava de um exemplo de modificação pouco comum na amostra.

Após a classificação e a primeira revisão das modificações, a planilha foi dividida de acordo os níveis estabelecidos. Para tanto, copiaram-se os dados em abas separadas e utilizou-se a ferramenta “Filtro” para mostrar somente as informações das colunas desejadas. Partindo dessa organização dos dados, foi feita uma análise das alterações, no interior de cada nível, visando a determinar o tipo de fenômeno de que se tratava. Nesta etapa do processo, houve ainda reclassificações quanto aos níveis. Vejamos nas subseções abaixo quais os subtipos de modificações encontrados durante a análise.

4.2 As modificações

Biderman (2001a, p. 970), após examinar os arquivos dos inquéritos e os resultados da pesquisa feita pela Universidade de Lisboa para identificar o Português Fundamental (PF), conclui que, “quanto ao léxico, não são muito grandes e sensíveis os contrastes com a língua falada no Brasil, nível de linguagem onde poderíamos esperar as maiores discrepâncias. De fato, o núcleo central do PB identifica-se em grande parte com o PE.” Se por um lado devemos concordar com a autora, uma vez que, se as duas variantes não compartilhassem uma boa parte de seu léxico e das regras gramaticais em geral, a comunicação entre seus falantes seria praticamente impossível, o que não é o caso; por outro, é preciso ter em mente que “na comparação de duas línguas não interessa tanto o que se pode dizer, mas o que se diz.” (WITTMANN; PÊGO; SANTOS, 1995, não paginado). E foi exatamente esse o primeiro ponto que levamos em consideração ao adaptar e analisar o dicionário objeto deste trabalho.

Antes de iniciar a classificação das modificações, foi realizada uma contagem manual nos arquivos DOC. Quantitativamente, pode-se dizer que das 5487 entradas pelas quais fui responsável, 2812, isto é, 51,2%, sofreram algum tipo de alteração, seja no equivalente da palavra-entrada ou nos exemplos (cf. Anexos, tabela 1). No que concerne especificamente às 2008 entradas analisadas, tem-se que 1029 sofreram pelo menos uma modificação, o que também corresponde a 51,2% do total. Convém observar, contudo, que algumas dessas alterações feitas nos arquivos já haviam sido corrigidas no dicionário impresso e, por isso, foram eliminadas das análises na planilha. Como o controle das entradas modificadas teria de ser feito manualmente, os riscos de erros na contagem seriam elevados, por isso optamos por manter os dados obtidos na análise prévia.

Conforme elucidado na seção “Procedimentos metodológicos”, na planilha, essas modificações foram distribuídas em modificações fonético-ortográficas, morfológico-

sintáticas, léxico-semânticas e pragmático-culturais. Ao todo, foram feitas 1755 alterações, o que indica que algumas entradas foram modificadas em mais de um ponto. Destas 1755, a maioria, 952 ou 54,2%, encontra-se no nível léxico-semântico; 572 (32,6%), no morfológico-sintático; 186 (10,6%), no fonético-ortográfico; e 45 (2,6%), no pragmático-cultural, conforme ilustrado no gráfico abaixo (cf. também Anexos, tabela 2).

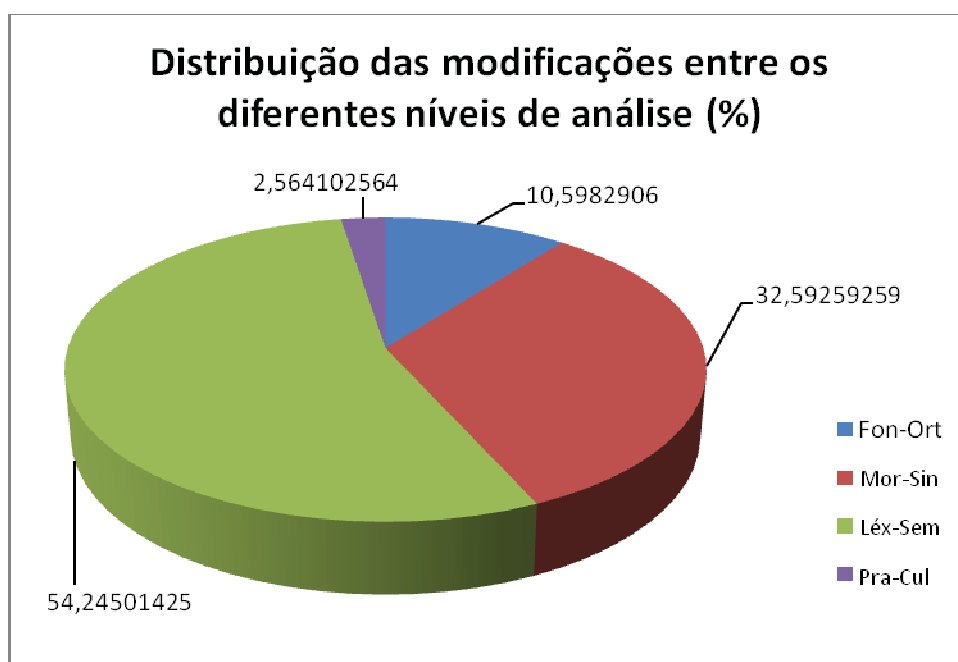


Gráfico 1 Distribuição das modificações entre os diferentes níveis de análise

Como se pode observar pelos dados apresentados acima, os níveis léxico-semântico e morfológico-sintático concentram a maior parte das alterações feitas. No entanto, ainda que quantitativamente pouco significativas, as modificações classificadas como pertencentes ao nível pragmático-cultural, qualitativamente, revelam pontos importantes do trabalho de adaptação do dicionário, pois nesse nível se encontram algumas das principais dificuldades de tradução, como as relacionadas às diferentes realidades encontradas nos países em questão. Assim, embora a análise quantitativa nos dê uma boa percepção dos fenômenos no todo, para

o desenvolvimento de pesquisas significativas, não podemos prescindir das análises qualitativas.

Nas seções a seguir, veremos como se distribuem as ocorrências de modificações em cada nível. A título de comparação, veremos também o que Biderman (2001a, p. 968-969) lista como as principais diferenças entre as variantes do português, acompanhadas de exemplos retirados de nosso *corpus*, quando houver. É importante ressaltar que, no que se refere aos números de ocorrências, as modificações repetidas são contadas mais de uma vez.

4.2.1 Nível fonético-ortográfico

De acordo com Biderman (2001a, p. 968-969), muitas das dificuldades na uniformização da ortografia das duas variantes do português se devem a divergências na pronúncia, das quais ela lembra a diferença de timbre das vogais que antecedem sílabas nasais, sendo fechadas em PB e abertas em PE. De fato, todas as 15 modificações de “ó” para “ô” se deram nesse contexto e a maioria das 11 alterações de “é” para “ê” também. Como exemplo, trazemos a subentrada de *aîné*, cujo equivalente é “primogênito” ou, em PE, “primogénito”.

aîné, -ée [ene] *adj* né le premier **mais velho/-a** ['majʃ'veʎu/-ʎe]
 ◇ *leur fille aînée*
 ✱ *sua filha mais velha*
 ■ —, **-ée** *nmf* {le plus âgé} celui ou celle qui est le plus âgé **primogénito/-ta**
 [primu'ʒɛnitu/-tɛ] *m/f*
 ◇ *Il est l'aîné de cinq enfants.*
 Ele é o **primogénito** de cinco filhos.

Dentre as 11 ocorrências mencionadas de mudanças de “é” em “ê”, temos algumas que não estão relacionadas a sílabas nasais posteriores, mas se encontram em fim de palavra,

como em *bidé* > “bidê” e *bebê* > “bebê”. Poucas alterações na acentuação foram feitas em função da nova reforma ortográfica, apenas “pêra” > “pera” e “jóia” > “joia”.³³

Também houve modificações, pouco numerosas, de “ô” em “o” e de “o” em “ó”, somente três ocorrências: “côr” > “cor”, “sotão” > “sótão” e “orgão” > “órgão”; entretanto, trata-se de casos muito interessantes, visto que as palavras como originalmente escritas poderiam ser consideradas incorretas mesmo em PE, pois não são grafias aceitas nas nomenclaturas de dicionários dessa variante. Mesmo tendo descartado da análise modificações que envolvessem erro no original, o que nos fez considerá-las como modificações válidas, foi o fato de, na página portuguesa do *Google*, haver bastantes ocorrências das grafias em questão, mostrando talvez uma nova “tendência” na variante lusitana ou a manutenção de grafias antigas. Além disso, as diferenças na acentuação de “sotão” > “sótão” e “orgão” > “órgão” podem indicar uma mudança na localização da sílaba tônica dessas palavras, como ocorre em alguns outros casos – desta vez de grafia legitimada em Portugal –, como em: “metro” > “metrô”, “bilingue” > “bilíngue”, “suite” > “suíte”, etc.

Wittmann, Pêgo e Santos (1995) lembram também que grande parte dos contrastes ortográficos acha-se nos encontros consonantais, como “bd”, “bt”, “cc”, “ct”, “pc”, “pç”, “pt”, “mn”, “mm” e “nn”. Desses, não encontramos, em nosso *corpus*, casos de “bd”, “pc”, “pç” e “mn”; dos demais, podemos citar como exemplo os seguintes pares de unidades: “actividade” > “atividade”, “inspeccionar” > “inspecionar”, “injecção” > “injeção”, “connosco” > “conosco”, “óptico” > “ótico” etc. Uma alteração devida a encontro consonantal se mostrou muito mais frequente do que as demais: as palavras com “ct” que, em PB, se escrevem apenas com “t” totalizaram 76 modificações das 187 classificadas como fonético-ortográficas. Para

³³ Convém notar que, na época da publicação da versão em PE do dicionário (2009), o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) ainda não havia entrado em vigor.

que se tenha uma ideia melhor, “cç” > “ç”, o segundo encontro consonantal mais frequente entre as modificações, teve apenas seis ocorrências.

Houve também algumas poucas alterações envolvendo dígrafos. Mudança de “s” para “ss”, como em “verosimilhança” > “verossimilhança”; “l” > “lh”, em “encarrilar” > “encarrilhar”; vogal+lh > vogal+vogal, em “maquilhagem” > “maquiagem” (provavelmente devido às possibilidades de pronúncia do “ll” em francês, língua de que exportamos essa palavra); e semivogal+vogal nasal > vogal+nh, em “camião” > “caminhão”. As vogais nasais ainda nos fornecem três alterações diferentes: “edredão” > “edredom”, “mamã” > “mamãe” e “íman” > “ímã”.

Consideramos 19 ocorrências como relacionadas à manutenção da grafia de palavra estrangeira em uma das variantes. O português europeu, visto por meio das escolhas dos lexicógrafos desse projeto específico, mostrou-se mais resistente à adaptação da grafia estrangeira, em comparação à variante brasileira, que em apenas três casos manteve a grafia de origem: “pistácio” > *pistache*, “piza” > *pizza* e “pizaria” > *pizzaria*.

Quanto às modificações referentes à hifenização de palavras compostas, observamos oito ocorrências, como em “fim-de-semana” > “fim de semana” ou “ziguezague” > “zigue-zague”. Concernentes ao uso de maiúsculas e minúsculas em início de palavra, também encontramos oito ocorrências, como em “Verão” > “verão”, “Maio” > “maio”, “física” > “Física”, etc. Foram três ocorrências referentes ao acréscimo ou ao corte de letra: “rapar” > “raspar”, “rissol” > “rissole” e “xaile” > “xale” (as duas últimas provavelmente relacionadas à pronúncia, respectivamente, do “l” e do “a”); e duas ocorrências relacionadas à troca de letras no radical: “espargos” > “aspargos” e “maioritários” > “majoritários”.

Também verificamos alguns outros casos especiais que optamos por classificar como fonético-ortográficos, mas que, num primeiro momento, geraram certas dúvidas e que, portanto, gostaríamos de comentar mais detalhadamente.

O par “bílís” > “bile”:

Inicialmente, ficamos em dúvida se a troca de “bílís” por “bile” deveria ser classificada como fonético-ortográfica ou morfológico-sintática. No dicionário *Aulete*, “bílís” remete à “bile”, verbete em que se indica sua origem na palavra latina “bilis”. Se pensarmos nos mesmos termos do neologismo por empréstimo (o que supomos não ser bem o caso, por ter o português se originado do latim), esse seria um fenômeno de incorporação ortográfica numa variante e manutenção da grafia original na outra.

bile [bil] *nf* liquide fabriqué par le foie
 {br} - ~~bílís~~ bile ['bili] *f*

O par “álea” > “aleia”:

No dicionário *Aulete*, consta que “álea” é uma variação de “aleia”, que por sua vez veio do francês *allée*. Apesar de “-eia” poder ser um sufixo do português, isso se verifica somente quando se trata do feminino de palavras terminadas em “-eu”; portanto, a modificação aqui não parece estar relacionada a morfemas diferentes, mas a uma variação fonológica. Poderíamos imaginar que, primeiro, partindo de “aleia”, houve um deslocamento da tonicidade para a primeira sílaba, seguido da queda da semivogal.

ratisser [ratise] *vt* 1 <nettoyer> nettoyer en passant un râteau
 {br} - ~~limpar~~ [rãpar] com o ancinho ~~rastelo~~, rastelar
 ◇ ratisser une allée
 {br} - ~~limpar~~ rastelar uma álea aleia
 2 [...]

O par “carroçaria” > “carroceria”:

Embora “-aria” e “-eria” sejam sufixos do português, verifica-se, pela consulta de “-eria” nos dicionários, que se trata de uma variação do primeiro afixo, consistindo a diferença entre eles em apenas uma vogal, o que nos leva, portanto, à classificação dessa modificação como fonético-ortográfica e não como morfológico-sintática.

châssis [ʃasi] *nm* **1** <d'un véhicule> parties en métal d'une voiture
{br} - ~~carroçaria~~ **carroceria** [keruse'rie] *f*
2 [...]

O par “equipa” > “equipe”:

Num primeiro momento, havíamos pensado em classificar essa modificação como morfológico-sintática, pois a havíamos considerado apenas como uma mudança de vogal temática. Contudo, no verbete “equipe” do dicionário *Aulete*, indica-se a origem francesa da palavra. Poderíamos, então, considerar que, enquanto o PB mantém a grafia de origem, em PE, houve uma adequação fonético-ortográfica para uma vogal temática nominal mais comum na língua portuguesa, deixando essa modificação mais próxima deste nível do que do nível morfológico-sintático, como pensado inicialmente.

constitution [kõstitysjõ] *nf* **1** formation
{br} - **constituição** [kõstitwi'sẽw] *f*
 ♦ *la constitution d'une équipe*
{br} - *a constituição de uma* **equipa** *equipe*
2 [...]

4.2.2 Nível morfológico-sintático

Neste nível, foram classificadas as alterações que envolviam divergências na formação de palavras com a mesma base, preferência por palavras gramaticais diferentes, por ordens diversas de construção dos sintagmas ou das frases, divergências nas formas de tratamento, entre outros. Abaixo, seguiremos comparando nossos resultados às observações de Biderman (2001a), quando possível.

Nos planos morfológico e sintático, a linguista brasileira começa citando a preferência pelo uso proclítico dos pronomes oblíquos no PB, enquanto no PE prefere-se a ênclise, como se pode observar na entrada abaixo.

affliger [aflize] vt 1 {accabler} causer une grande peine **afligir** [ɛfli'ʒir]
 ◇ *Cette situation l'afflige.*
 A *Essa situação o aflige*-o.
 2 ♦ **être affligé de** avoir comme défaut, être atteint de **sofrer de**

Realmente, as modificações envolvendo colocação pronominal foram relativamente numerosas. Das 572 alterações feitas no nível morfológico-sintático, 83 (14,5%) referem-se a esse tipo de ocorrência. Além das mais frequentes mudanças de ênclise em próclise, gostaríamos de acrescentar um exemplo de uso de mesóclise, que nos parece inadequado ao público brasileiro e àqueles que desejam aprender nossa variante do português, já que essa possibilidade de colocação pronominal tem-se tornado cada vez mais rara. É preciso lembrar que, embora quase sempre sua função prescritiva tenha mais destaque, o dicionário deve também ser descritivo, refletindo o uso da norma de uma comunidade linguística. Dessa forma, é fato que, no Brasil, o uso da mesóclise vem cada vez mais causando estranhamento

em muitas situações, e, portanto, não deveria ser mantido num dicionário para aprendizes de nível iniciante e intermediário de nossa variante.³⁴

retour [ʁətuʁ] *nm* <fait de revenir> fait de revenir dans le lieu d'où on est parti

[...]

▣ **à mon retour** quand je serai rentré

{br} - no meu regresso, na minha volta

◊ *Je te donnerai des nouvelles à mon retour.*

{br} - *~~Dar-te-ei~~ Eu te darei notícias no meu regresso.*

◊ *à mon retour de vacances*

{br} - *~~no meu regresso de~~ na minha volta das férias*

Biderman (2001a) cita ainda o padrão diverso das formas de tratamento, que foi o motivo de 59 alterações (10,3%) em nosso *corpus*. No PE, quando a relação entre os interlocutores é pouco formal usam-se os pronomes da 2ª pessoa, inclusive o “vós” nos casos de mais de um interlocutor. Já o português brasileiro, nessa situação, principalmente na língua falada, mistura os sistemas (pronominal e verbal) da 2ª e da 3ª pessoas. Como esse uso ainda é condenado pelas gramáticas normativas, fizemos modificações para o sistema da 3ª pessoa, o preferencial em PB, evitando misturá-lo ao sistema da 2ª. Observe-se que o primeiro exemplo (“Estou contente de te ver”) foi modificado (“Estou contente em ver você”) apenas a fim de manter a coerência com relação às demais alterações feitas nesta entrada (“Estou contente que você tenha vindo”):

content [kõtã], **-ente** [-ãt] *adj* heureux

{br} - contente [kõtẽtã]

[...]

◊ *Je suis contente de te voir*

{br} - *Estou contente ~~de te ver~~ em ver você*

◊ *Je suis contente que tu sois venu.*

{br} - *Estou contente que ~~tenhas~~ você tenha vindo.*

³⁴ É importante ressaltar que não acreditamos que as traduções apresentadas aqui sejam a única opção existente no PB; como ocorre em todo processo tradutório, trata-se de escolhas, não necessariamente aceitas por todos os falantes do PB.

retenir [ʁətənir] vt 1 [...]

◇ *Votre annonce a retenu mon attention.*

{br} - O ~~vosso~~ **seu** anúncio reteve a minha atenção.

9 [...]

Em seu artigo, a autora menciona também o uso, no PB, da expressão “a gente” como pronome. Apesar de sua grande frequência na fala, na maioria dos casos de pronome referente à 1ª pessoa do plural, mantivemos o “nós”, que também é bastante usual; contudo, na entrada *on* optamos por “a gente” por se aproximar mais do uso em francês.

on [ɔ̃] pron pers 1 [...]

2 nous

{br} - nós [ˈnɔ̃] **a gente**

◇ *On viendra te rendre visite.*

{br} - Nós ~~visitar-te-emos~~ **viemos** **A gente virá** te visitar.

3 [...]

No referido trabalho (BIDERMAN, 2001a), também é citada a questão da construção aspectual, o uso de verbo auxiliar com gerúndio, em PB, versus o uso de verbo auxiliar com a preposição “a” mais verbo no infinitivo, como no exemplo abaixo:

arriver [arive] vi 1 [...]

◇ *Le printemps arrive.*

{br} - A primavera está ~~a chegar~~ **chegando**.

3 [...]

Na análise das modificações, contabilizamos em um único grupo todas as alterações que envolviam o uso de gerúndio em PB (17 ou 3%), o que nem sempre correspondia

exatamente à estrutura descrita para o PE (verbo auxiliar + preposição “a” + verbo no infinitivo), conforme se verifica nos exemplos que seguem:³⁵

agonie [agɔni] *nf* moment avant la mort

{br} - agonia [ɛgu'niɛ] *f*

◇ être à l'agonie

{br} - estar ~~na~~ ~~agonia~~ agonizando

déranger [derãʒe] *vt* 1 (...)

2 gêner

{br} - incomodar [ɪkumu'dar]

◇ Je vous dérange ?

{br} - ~~Incomodo-a?~~ Estou incomodando?

■ se déranger [səderãʒe] *vpr* (...)

Biderman (2001a) alude também ao uso das preposições, sobretudo “a” versus “em”, e à regência diferente de muitos verbos de modo geral. De fato, esse foi um dos tipos de modificação mais recorrente no nível morfológico-sintático, com 86 ocorrências (15%). Vejam-se alguns exemplos abaixo.

arracher [araʃe] *vt* 1 [...]

2 <obtenir de qqn> obtenir difficilement

{br} - arrancar

◇ arracher des aveux à un criminel

{br} - arrancar a confissão ~~de~~ de um criminoso

lustre [lystrɛ] *nm* <appareil d'éclairage> appareil d'éclairage fixé au plafond

{br} - lustre ['luʃtrɛ] *m*

◇ un lustre en cristal

{br} - um lustre ~~em~~ de cristal

³⁵ Nos exemplos, principalmente naqueles em que nos encontramos diante de colocações, a mudança de categoria gramatical da palavra-entrada foi relevada.

mal' [mal] *nm* (*pl* **maux**, [mo]) **1** [...]

◇ *Elle s'est donné du mal pour terminer à temps.*

{br} - *Ela se esforçou-se ~~por~~ para terminar a tempo.*

3 [...]

A linguista brasileira menciona ainda duas outras situações como pertencentes aos planos morfológico e sintático, mas que classificamos como modificações no nível lexical, a saber: que “no PB, usa-se normalmente o verbo *ter* com o significado de ‘tem alguém ali’, enquanto no PE só se usa o verbo *haver* neste sentido (há alguém ali)” e que há verbos muito usuais e/ou polissêmicos em uma das variantes que são usados apenas dialetalmente na outra, como “botar”, em PB, e “deitar”, em PE.

gens [ʒã] *nmpl* [...]

◇ *Il y a des gens sur la place.*

{br} - *~~Há~~ Tem gente na praça.*

◇ [...]

emballage [ãbalaʒ] *nm* **1** [...]

◇ *jeter l'emballage*

{br} - *~~deitar~~ jogar fora a embalagem*

Por fim, o último item citado pela autora, também para os níveis morfológico e sintático, é o uso do diminutivo, segundo ela, mais expandido em PB, havendo ainda uma diferença no sufixo preferido: “-inho”, em PB, e “-ito”, em PE. No entanto, tais alterações não foram frequentes em nosso *corpus*. Convém acrescentar ainda a possibilidade de classificar essa diferença específica (uso supostamente mais frequente do diminutivo em PB) também no nível pragmático-cultural.

gentil [ʒãti], **-ille** [-ij] *adj* 1 [...]

2 sage

{br} - ~~bom~~/boa [bõ/bœ], **bonzinho/-nha**

◇ *Si tu es gentil, on ira au cirque.*

{br} - *Se fores ~~você for bom~~, levo te ~~você~~ ao circo. Se você for bonzinho, iremos ao circo.*

Nos planos morfológico e sintático, há algumas diferenças encontradas em nosso *corpus* às quais Biderman (2001a) não faz referência no artigo citado. Trata-se de casos de sufixos diferentes ligados à mesma base (não só no caso do diminutivo), de prefixos diferentes ligados à mesma base, de gêneros diferentes, de divergências de número (singular/plural), de “determinação” (definido/indefinido) e de categorias de determinantes (artigo/pronome), além de mudanças na ordem das palavras na frase.

Foram 37 as modificações nos sufixos, o que corresponde a 6,5% das alterações feitas no nível morfológico-sintático. Como exemplos de sufixos diferentes ligados à mesma base, podemos citar os casos de “gaguez” > “gagueira” e “desenhador” > “desenhista”. Tanto “gaguez” quanto “desenhador” constam em dicionários brasileiros, porém remetem à outra forma adotada, sendo consideravelmente menos frequentes.

bégalement [begẽmã] *nm* fait de parler en répétant les syllabes

{br} - ~~gaguez~~ **gagueira** [ge'ge]f

dessinateur [desinatœʁ], **-trice** [-tris] *nmf* personne qui dessine

{br} - ~~desenhador/-ra~~ [dẽzeɲe'dor/-rẽ] **desenhista**

O uso de prefixos diferentes foi menos frequente, apenas seis ocorrências. Para exemplificar esses casos, podemos observar a entrada *informe*, que em PE é traduzida por “informe” e, em PB, corresponde a “disforme”. É interessante notar que, em PB, “informe”

remete mais ao substantivo “informação a respeito de algo” (AULETE) do que ao adjetivo, que também existe em nossa variante, sendo, no entanto, menos comum.

informe [ɛfɔʁm] *adj* 1 <sans forme précise> qui n'a pas de forme précise

{br} - ~~disforme~~ ~~informe~~ [i'fɔʁmɐ]

◇ *une silhouette informe*

{br} - *uma silhueta ~~informe~~ disforme*

2 [...]

Há ainda casos, não muito recorrentes (seis ocorrências), em que cada uma das variantes atribui um gênero diferente ao mesmo substantivo ou opta por um substantivo cuja única diferença na forma reside no gênero, como na situação de nosso exemplo abaixo: “jarro” (sm.) e “jarra” (sf.). Além desse par, tivemos também “pimento” > “pimenta”, “um toro de madeira” > “uma tora de madeira”, “uma crepe” > “um crepe”, “ser o décimo terceiro” > “ser a décima terceira” (com base no original em francês) e “um [bilhete de] ida e volta” > “uma [passagem de] ida e volta”.

pichet [piʃɛ] *nm* <réipient> réipient pour liquides

{br} - ~~bidão~~ ~~jarra~~ [bi'dẽw] *mf*

◇ *un pichet de vin*

{br} - ~~um jarro~~ *uma jarra de vinho* ←

Foram um pouco mais numerosas as unidades que, em PE, se usam no plural e, no PB, no singular, como no equivalente selecionado para *chasse-neige*, totalizando 22 ocorrências (3,8%).

chasse-neige [ʃasnɛʒ] *nm inv* véhicule qui enlève la neige sur les routes

{br} - ~~limpa-neves~~ ~~limpa-neve~~ [lĩpe'nevəʃ] *m*

Por outro lado, embora menos recorrente, também se verificou a existência da operação inversa. Foram 12 casos (2,1%) de trocas do singular, em PE, para o plural, em PB, dentre os quais o exemplo de “à segunda-feira” > “às segundas”, abaixo. Aqui, a manutenção do singular poderia gerar a interpretação errônea de que, em francês, estava-se referindo apenas a uma segunda-feira específica. Contudo, convém notar que muitas das modificações desse tipo foram feitas em função do original em francês e não necessariamente por diferenças intrínsecas ao uso das palavras nas duas variantes, como se nota na alteração “dor de cabeça” > “dores de cabeça”, feita apenas com base no original *maux* (pl.) *de tête*.

fermer [fɛʁme] vt 1 (...)

■ — vi 1 ne pas être ouvert

{br} - fechar

◇ *Le magasin ferme le lundi.*

{br} - *A loja fecha ~~a~~ 2^a ~~feira~~ às segundas.*

2 (...)

plaindre [plɛ̃dr] vt [...]

■ **se plaindre** [səplɛ̃dr] vpr 1 <gémir> exprimer sa peine, sa souffrance

{br} - queixar-se [kɛj'farsə]

◇ *se plaindre de maux de tête*

{br} - *queixar-se de ~~dor~~ dores de cabeça*

2 [...]

Também foram bastante frequentes os casos em que, nos exemplos, a versão portuguesa acabou optando por um nível de determinação diferente, com relação à frase ou ao sintagma em francês. Foram 44 casos (7,7%) de mudança de artigo definido para indefinido, sendo que 43 delas devem-se à construção do original em francês. Por exemplo, no verbete *aiguille*, copiado abaixo, todos os artigos indefinidos do francês foram transformados em definidos em PE.

aiguille [eguij] *nf* 1 [...]

3 {sur un cadran} tige mobile qui indique qqch **ponteiro** [põn'tejru] *m*

◇ *les aiguilles d'une montre*

os ponteiros ~~da~~ de um relógio

◇ *l'aiguille d'une boussole*

a agulha ~~da~~ de uma bússola

4 {sommets} sommet très fin

pináculo [pi'nakulu] *m*

◇ *l'aiguille d'un clocher*

o pináculo ~~da~~ de um campanário

5 [...]

Da mesma maneira, na versão lusitana, foram quase que regularmente modificados os exemplos em que originalmente havia um pronome possessivo, sendo esse trocado por um artigo definido, como se vê no exemplo da entrada *consoler*. Para a versão brasileira, retornamos do artigo ao pronome em 48 casos (8,4%), dos quais apenas dois não se tratavam de possessivos, mas de demonstrativos, como no exemplo da entrada *affliger*, mostrado mais acima, no início da seção 4.2.2.

consoler [kõsøle] *vt* soulager la peine de qqn

{br} - **consolar** [kõsu'lar]

◇ *Il console sa petite sœur.*

{br} - *Ele consola **sua** irmã mais nova.*

Houve ainda outras situações envolvendo determinantes, casos em que os artigos ou pronomes foram eliminados – 14 e cinco ocorrências, respectivamente (2,4% e 0,9%) – como se observa nos exemplos abaixo.

inspecteur [ɛspɛktœʁ], **-trice** [-tris] *nmf*(...)

◇ *un inspecteur de police*

{br} - *um **inspector** ~~da~~ **de** polícia*

malheureux [maløʁø], **-euse** [-øz] *adj* 1 <triste> qui a de la peine, qui est triste

{br} - infeliz [ɪfə'liʃ]

◇ *Il est malheureux depuis qu'elle est partie.*

{br} - *Ele está infeliz desde que ela se foi embora.*

2 (...)

E ocorreu também o inverso: casos em que não havia determinante e foi inserido um artigo ou um pronome – respectivamente, 39 e 18 ocorrências (6,8% e 3,1%). Vejamos alguns exemplos:

bébé [bebe] *nm* très jeune enfant

{br} - **bebê** [bɛ'bɛ] *m*

◆ **attendre un bébé** être enceinte

{br} - ~~estar à espera de bebé~~ **esperar um bebê**

bifurquer [bifyʁke] *vi* 1 <se diviser> se diviser en deux voies

{br} - **bifurcar** [bifur'kar]

◇ *route qui bifurque*

{br} - *estrada que se bifurca*

2 (...)

Também houve 11 ocorrências (1,9%) em que o pronome foi trocado por outro pronome, sobretudo nos casos relacionados ao uso dos pronomes possessivos de 3ª pessoa do singular. Conforme se observa no exemplo, em muitas destas situações, retornamos de um pronome possessivo bastante usual no PB, “dele”, para um pronome menos usual, “sua”, devido ao original em francês, que não permitia a identificação do gênero do possuidor, enquanto a forma escolhida pela equipe lusitana, sim.

changer [ʃɑ̃ʒe] *vt* 1 (...)

3 <modifier> rendre différent

{br} - **mudar**

◇ *changer sa coiffure*

{br} - *mudar de penteado*

◇ *Cela a changé sa vie.*

{br} - *Aquilo mudou sua vida dele.*

4 ◆ **changer qqch de place** (...)

Dentre as modificações, também foram feitas substituições de lexias simples por unidades fraseológicas e vice-versa, totalizando 43 ocorrências (7,5%), dentre as quais a mais frequente foi a passagem de um verbo em tempo simples a uma locução verbal ou verbo em tempo composto, como em “consternou-me” > “me deixou consternado”. Alguns exemplos com outras classes de palavras seriam: “invisual” > “deficiente visual”, “ordenado” > “em ordem”, “com calor” > “calorosamente”.

Dentre as modificações que concernem ao nível morfológico-sintático, houve ainda casos de mudança na ordem dos termos (17 ocorrências ou 3%), como no exemplo abaixo, em que “ter suficiente dinheiro” não soa tão usual como “ter dinheiro suficiente” ou “ter dinheiro o bastante”, que foi a opção tradutória escolhida.

assez [ase] *adv* **1** [...]
 ◇ *avoir assez d'argent*
 {br} - *ter* ~~suficiente~~ *dinheiro* *o bastante*
 [...]

Por fim, foram feitas sete modificações (1,2%) nos tempos verbais empregados, como em “ele pensava que podia partir” > “ele pensava que poderia partir”, e 22 outras modificações não se encaixaram nas demais classificações propostas para este nível.

4.2.3 Nível léxico-semântico

Sem dúvida, este é o nível em que é mais difícil fazer categorizações. Para tratar das modificações referentes ao léxico e à semântica, primeiramente, é preciso levar em consideração a distinção feita entre contrastes absolutos e preferenciais, na seção 3.2, *Classificação das diferenças ou contrastes*. Neste nível, as alterações mais recorrentes foram

agrupadas da seguinte forma: contrastes absolutos; equivalente existente em PB para o mesmo contexto, porém menos utilizado do que a nova proposta; uso de estrangeirismo em uma das variantes, enquanto a outra prefere unidade vernácula; diferenças na fraseologia; ausência de equivalente adequado nas duas variantes, em relação ao francês.

Começando pelos contrastes absolutos, convém destacar a dificuldade de sua determinação. Para decidir se se tratava ou não de um contraste desse tipo, como geralmente acontece, o primeiro crivo foi a estranheza causada pelo equivalente, ou seja, o próprio conhecimento linguístico do pesquisador. Evidentemente, tal conhecimento nunca é o bastante para determinar categoricamente o que pertence ou não à sua língua e, portanto, foi necessário recorrer a obras lexicográficas monolíngues. Contudo, deve-se lembrar que nem sempre os dicionários são totalmente seguros nesse aspecto, pois os critérios de atribuição de marcas de uso não costumam ser claramente definidos. Por exemplo, ao procurar *berlinde* no dicionário *Aulete* (que, de fato, foi o primeiro a ser consultado), não encontramos qualquer marca de uso; porém, ao consultar o mesmo verbete no dicionário *Aurélio*, encontramos a marca de uso que indica se tratar de um lusitanismo. Assim, quando o equivalente empregado não parecia existir na variante brasileira, para que pudéssemos classificar a modificação como contraste absoluto envolvendo palavras diferentes para um mesmo referente, consultamos as duas obras lexicográficas mencionadas acima e anotamos a modificação cujo equivalente, em PE, viesse acompanhado de marca de uso diatópica em pelo menos uma das duas obras.³⁶

Houve ainda outra forma de determinar se estávamos ou não diante de um contraste absoluto. Em vários casos, o equivalente proposto para a entrada era também adequado em PB, mas, dependendo do contexto em que foi empregado ao longo do verbete, precisou ser

³⁶ Diante de algumas modificações, no entanto, esse critério não pareceu muito satisfatório. Por exemplo, “barrar o pão com manteiga” e “rebuçado” (s.m.) não parecem nem um pouco frequentes na norma padrão brasileira, pelos meus conhecimentos como falante da língua e pelos de algumas pessoas com quem conversei, mas, em ambos os dicionários consultados, essas entradas não apresentavam nenhuma marca de uso diatópica nas acepções em questão. Todavia, para manter os critérios estabelecidos, tais modificações não foram marcadas como contrastes absolutos.

substituído. A entrada *article* ilustra bem o papel do contexto na escolha das palavras, já que o equivalente “artigo” é certamente utilizado no Brasil com o sentido de “texto curto que faz parte de uma obra”; entretanto, quando se fala de dicionários, os textos curtos que o compõem são muito mais frequentemente denominados “verbetes”, e não mais “artigos”. Como nos dicionários de PB consultados, na entrada “artigo”, não consta essa acepção,³⁷ esta modificação foi classificada também como contraste absoluto, uma vez que se encaixa em uma de suas nuances, conforme formuladas por Wittmann, Pêgo e Santos (1995, não paginado), a qual envolveria “palavras com pelo menos um significado diferente nas duas variantes, mas que também têm pelo menos um significado comum” (cf. seção 3.2). Logo, em situações desse tipo, o que caracteriza o contraste absoluto deixa de ser a marca de uso diatópica e passa a ser a ausência da acepção em questão nos dicionários da variante brasileira.

article [artil] *nm* 1 <texte> texte court qui fait partie d'un ouvrage
 {br} - artigo [er'tigu] *m*
 ◇ un article de journal
 {br} - um artigo de jornal
 ◇ les articles d'un dictionnaire
 {br} - os artigos verbetes de um dicionário
 2 [...]

Nessas situações em que a acepção buscada não foi encontrada nos dicionários de PB, foram consultados os dicionários de PE. Se a acepção também não fosse encontrada neles, a modificação era marcada como “erro”, como em “auxiliar” > “benfeitor”. Já nos casos em que se tratava de fato de um contraste absoluto desse tipo, foi possível observar as diferenças no tratamento dado a certos itens pelos dicionários de cada variante, como podemos verificar no par “sarapintado” > “muito colorido”, propostos como tradução para a entrada *bigarré*, cuja

³⁷ No dicionário Aurélio, consta uma remissão à entrada “verbetes” (3ª acepção), precedida da marca Ant. (antigo). Como tentamos observar as duas variantes partindo de um recorte sincrônico, optamos por considerar esse caso também como contraste absoluto.

definição, no dicionário da Kernerman, é “de cores variadas”. Procurando por “sarapintado” nos dicionários de PB, encontramos menção somente a pintas, como se vê nas definições do *Aurélio Século XXI*, “1. Que tem pintas variadas; pintalgado, mosqueado, sarapantão.”, e do *Aulete digital*, “1 Coberto de pintas (corpo sarapintado); PINTALGADO”. Passando aos dicionários de PE, para verificar se se tratava de algum problema de tradução, encontramos a seguinte definição, no *Priberam*, “[Informal] Com pintas de várias cores; pintalgado.”; enquanto na *Infopédia*, lê-se que “sarapintado” é o “particípio passado de *sarapintar*”, verbo cuja definição vem logo em seguida: “1. Mesclar de diversas cores” e “2. Mosquear; pintar às manchas”. Observa-se que, nos dicionários de variante lusitana, a menção às cores diversas é feita logo na primeira pesquisa. Nos dicionários de português do Brasil, para se chegar a essa informação, é preciso pensar em consultar o verbo “sarapintar”, em que a acepção que se refere a pintar de diversas cores vem em segundo lugar, ou então consultar o sinônimo de “sarapintado”, “pintalgado”, no dicionário *Aulete* apenas. Em vista disso, podemos imaginar que “sarapintado”, em PB, além de pouco frequente, não tenha tão forte a ideia das cores várias (ou que nossos dicionários não têm dado um tratamento adequado aos adjetivos participios).

bigarré, -ée	[bigare]	adj	de couleurs variées
{br}	– sarapintado	multicolorido/da	[serep̃tadu/–de] muito colorido, muito pintado

Ao todo, foram 127 modificações classificadas como contrastes absolutos. Parece-nos possível distinguir entre aquelas que, mesmo desconhecidas no Brasil, podem ser compreendidas pelos brasileiros (“transparentes”) e aquelas que, sem o auxílio da definição ou de um contexto elucidativo, não parecem compreensíveis (“opacas”). Esses últimos – dos quais “berlinde” > “bola de gude” é um exemplo – foram muito mais frequentes do que os primeiros, que apresentaram apenas três ocorrências. Abaixo, temos um caso interessante de

equivalente inexistente em PB, mas de certa forma compreensível em nossa variante (todavia, vale repetir que não se pode afirmar com certeza que, se utilizado em outro contexto menos evidente, nossa compreensão seria a mesma).

arrivant [arivã], **-ante** [-ãt] *nmf* personne qui arrive quelque part

{br} – aquele que chegou

◇ *les nouveaux arrivants*

{br} - os ~~novos vindos~~ recém-chegados

Em ambas as entradas abaixo, temos exemplos de estrangeirismos, os quais receberam uma dupla marcação durante a análise: primeiramente, foram marcados como uma mudança de unidade vernácula > estrangeirismo, ou o contrário, e em seguida, quanto ao tipo de contraste (absoluto ou preferencial). Na primeira entrada apresentada abaixo, vê-se que, em Portugal, usa-se um estrangeirismo, *puzzle*, enquanto, no Brasil, parecemos preferir uma unidade vernácula, “quebra-cabeça”.³⁸ Além desse, houve mais 16 casos do mesmo tipo.

assembler [asãble] *vt* réunir, mettre ensemble

{br} - juntar [ʒũ'tar]

◇ *assembler les pièces d'un puzzle*

{br} - juntar as peças de um ~~puzzle~~ quebra-cabeça

■ [...]

Já no verbete *camping*, dá-se o contrário. Enquanto, em PE, usa-se uma unidade vernácula, em PB, utilizamos um estrangeirismo. Da mesma forma que o anterior, foram 17 modificações ao todo.

³⁸ Embora na busca pelas ocorrências das ULs *puzzle* e “quebra-cabeça” na internet, a primeira tenha uma frequência mais alta (20 800 000 contra 3 360 000 resultados), quando se procuram as mesmas unidades acompanhadas de artigo, no caso o indefinido, percebemos que a relação se inverte (“um quebra-cabeça”, 825 mil ocorrências, “um puzzle”, 127 mil), indicando uma preferência por quebra-cabeça como substantivo comum. (consulta realizada em 16/6/2012, restrita a páginas do PB [site:br]) Se não usou a restrição, refaça a consulta p/ ver se está proporcional).

camping [kãpiŋ] *nm* 1 <activité> fait de s'installer en plein air

{br} - ~~campismo~~ [kẽ'pizmu] *f* **camping**

◇ *faire du camping*

{br} - ~~fazer campismo~~ **acampar**

2 <terrain> lieu aménagé pour camper

{br} - ~~parque de campismo~~ **camping** ['parkədəkẽ'pizmu]

◇ *camping municipal*

{br} - ~~parque de campismo~~ **camping municipal**

Passando aos contrastes preferenciais, determinados por uma diferença de frequência de significantes existentes nas duas variantes com o mesmo significado, na entrada *atterrissage*, temos um caso em que a primeira proposta de equivalente existe também na variante brasileira, mas é menos frequente do que a nova proposta. É importante repetir que, muitas vezes, pelos motivos expostos na seção “Procedimentos metodológicos”, o que determinou a diferença de frequência foi o conhecimento linguístico dos lexicógrafos enquanto falantes da língua, auxiliado por algumas buscas na internet.

atterrissage [aterisaʒ] *nm* fait d'arriver sur le sol

{br} - ~~aterragem~~ **atterrissagem** [etə'razẽj] *f*

◇ *atterrissage forcé d'un avion*

{br} - ~~aterragem~~ **atterrissagem** *forçada de um avião*

Por terem sua classificação em contrastes absolutos e preferenciais muito dificultada pela falta de meios de verificação, as unidades fraseológicas que não constavam nos dicionários de PB consultados, nem na macro nem na microestrutura, foram classificadas apenas como modificação envolvendo UFs. Além disso, deve-se dizer que só foram classificadas dessa forma a modificação cuja proposta inicial, em PE, causou algum tipo de estranhamento ou não pareceu ser um sinônimo tão comum em PB. Vejamos alguns exemplos: em “deitado de barriga para baixo” > “deitado de bruços” e “chegar pontualmente” > “chegar na hora”, ambas as traduções nos parecem adequadas em PB, tendo sido feitas por questões de frequência aparente. Entretanto, em “arranja-te” > “dê um jeito” e “há bastantes

hipóteses” > “há uma grande chance”, as primeiras propostas de tradução, no mínimo, soam um pouco estranho. Para citar mais alguns exemplos: “dar erros” > “cometer erros”, “dar escorregadelas” > “levar escorregões”, “estou-me completamente nas tintas” > “isso para mim tanto faz mesmo” ou “lançar uma boca a alguém” > “trocar farpas com alguém”. Receberam essa classificação de modificação envolvendo UF 134 ocorrências.

Oito ocorrências se referem à falta de equivalente nas duas línguas, em relação à unidade empregada em francês. Podemos citar o caso de *boulon*, “haste de ferro filetada, redonda ou prismática, contendo uma cabeça e uma porca e servindo para ligar entre elas peças de madeira ou de metal”,³⁹ traduzido como “parafuso”, em PE. Pela definição apresentada, no entanto, percebe-se que não se trata apenas do parafuso; ao empregar a unidade *boulon*, referimo-nos também à porca, o que torna a primeira tradução proposta pouco precisa, ainda que muito mais usual no contexto apresentado.⁴⁰

resserrer [ʀəsɛʀe] vt 1 (...)
 2 <de nouveau> serrer de nouveau
 {br} - apertar [ɛpɛr'tar]
 ◇ *resserrer un boulon*
 {br} - apertar um conjunto de porca e parafuso
 3 (...)

Outro exemplo, ligeiramente diferente, é a modificação da entrada *goutte-à-goutte*, de “gota a gota” para “aparelho para perfusão”, cuja presença na nomenclatura de um dicionário pedagógico pode ser questionada. Embora alguns termos técnicos sejam frequentes o suficiente para constar em dicionários de porte reduzido, como é o caso desta publicação da *K*

³⁹ Tradução nossa. “**B. —** Tige de fer filetée, ronde ou prismatique, comportant une tête et un écrou et servant à relier entre elles des pièces de bois ou de métal.” (TLFi)

⁴⁰ Se, em francês, as expressões “resserrer un boulon” e “resserrer une vis” têm frequências muito parecidas (4750 e 4650 resultados no *Google.fr*, respectivamente, em consulta realizada em 07/02/2012), o mesmo não ocorre em português, em que “apertar um parafuso” retorna 386 000 resultados, enquanto dentre as opções “apertar uma porca e um parafuso”, “apertar um parafuso e uma porca”, “apertar um conjunto de porca e parafuso” e “apertar um conjunto de parafuso e porca”, apenas a primeira apresenta resultados, com duas ocorrências.

Dictionaries, provavelmente haveria palavras mais comuns da vida cotidiana que se enquadrariam melhor no perfil dessa obra. Além disso, na pesquisa feita nas páginas da França, no *Google*, vemos que, apesar de “*un goutte-à-goutte*” ter 209 000 ocorrências, oito dos dez resultados da primeira página se referem a um método de irrigação para jardinagem. Quanto à tradução para o PE, não é usual, contando apenas 105 ocorrências, para “um gota a gota”, e quatro, para “uma gota a gota”,⁴¹ nas páginas de Portugal. Nas páginas brasileiras, “aparelho para perfusão” também não é frequente, mas nos pareceu mais transparente do que “gota a gota”.

goutte-à-goutte [gutagut] *nm inv* appareil permettant d'introduire un liquide dans le corps
{br} - ~~gota a gota~~ ~~conta-gotas~~ **aparelho para perfusão**

Muitas modificações não foram feitas pelos motivos expostos nos casos acima, mas sim por decisões dos lexicógrafos. Como no caso de “entristecer” > “desolar”, em que a modificação foi feita mais pela semelhança entre “desolar” e *désoler* e pela presença do par *attrister* e “entristecer” do que por uma questão de frequência em português.

désoler [dezole] *vt* rendre triste
{br} - ~~entristecer~~ ~~[êtriftɛ'ser]~~ **desolar**
 ◇ *Son comportement me désole.*
{br} - **O comportamento dele me deixa desolado** ~~desola~~ ~~entristece~~ ~~me.~~

Em outros casos, não vemos outro modo de justificar as modificações a não ser considerando-as como “erros”, quer da equipe europeia, quer da equipe brasileira, como se observa no exemplo retirado da entrada *asseoir*, em que *fauteuil*, que corresponde ao português “poltrona”, é traduzido por “cadeira”,⁴² que corresponde ao francês *chaise*.

⁴¹ Na versão portuguesa, não havia indicação do gênero, por isso a consulta foi feita com os dois artigos.

⁴² Constatação feita com base no dicionário impresso, pois no arquivo recebido só havia símbolos de @ como tradução do exemplo.

Recebeu a mesma classificação também a entrada *chaîne*, em que foi feita uma modificação em um dos exemplos a qual não fomos capazes de justificar segundo os critérios estabelecidos para a classificação das alterações no nível léxico-semântico. Quando terminamos a classificação das modificações, todas as entradas em que nos pareceu haver erros foram consultadas no dicionário impresso para verificar se não foram corrigidas e, nos casos em que não mais constavam da entrada, as modificações foram eliminadas da planilha. Assim, ao todo, classificamos 35 modificações como contendo algum tipo de erro.⁴³

chaîne [ʃɛn] *nf* **1** (...)
3 <de télévision> programme de télévision
{br} - canal [ke'nal] *m*
 ◇ *mettre la deuxième chaîne*
{br} - ~~pôr o segundo~~ **passar para o canal dois**
 ◇ (...)

4.2.4 Nível pragmático-cultural

O nível pragmático-cultural foi o que menos apresentou modificações, 45 ao todo. A maior parte dessas se referia a diferenças nos níveis institucionais e na organização social, com 21 ocorrências (46,7%), as demais estavam relacionadas à alimentação, à fauna, a palavras culturalmente marcadas e unidades de valor fático.

No primeiro tipo, encontramos modificações como a “Educação Nacional” > “o Ministério da Educação”, “subsídio de desemprego” > “seguro desemprego”, “quinta” > “fazenda”. Na parte da alimentação, dentre as quatro ocorrências (8,9%), podemos citar como exemplo a modificação de “borrego” em “cordeiro”. Quanto às palavras culturalmente marcadas, foram treze alterações (28,9%), das quais podemos mencionar, por exemplo,

⁴³ Evidentemente, os erros cometidos por nossa equipe serão comunicados ao editor, para correção.

“agricultor” > “fazendeiro”. Já as modificações de nomes de animais, no *corpus* selecionado, foram apenas duas (4,4%): “pega” > “gralha” e “galinha-da-índia” > “galinha-d’angola”.

Na subseção seguinte, sobre as *Principais dificuldades de tradução*, faremos mais considerações sobre essas modificações. Porém, gostaríamos de mencionar aqui as três modificações que acabamos por rotular de unidades de valor fático, nem tanto pelas modificações em si, já que duas delas só foram alteradas para se aproximarem mais do original em francês, mas sobretudo pela dificuldade de classificação: “está (lá)?” “sim?” > “alô?”, “é sim” > “mas é sim” e “não é não” > “mas não é não”.⁴⁴ Nas conhecidas funções da linguagem propostas por Jakobson (1969), tem-se que a função centrada no contato é a função fática. Logo, como a principal função dessas unidades nos pareceu ser iniciar ou manter a interação falante/ouvinte, acreditamos que essa denominação possa englobar essas modificações um tanto diferentes entre si.⁴⁵

mais [mɛ] conj 1 (...)

2 <pour insister> sert à insister

{br} - @@@@ mas, é mas é, mas não é

◇ mais si

{br} - mas é sim

◇ mais non

{br} - mas não é não

Considerando todas as modificações feitas no nível léxico-semântico e as poucas, mas significativas, alterações no nível pragmático-cultural, temos de discordar parcialmente da já citada afirmação de que, “quanto ao léxico, não são muito grandes e sensíveis os contrastes

⁴⁴ Devido às próprias contingências do trabalho lexicográfico realizado em equipe, foi decidido enviar assim as duas últimas traduções, mas acreditamos que, nestes casos em especial, outras traduções menos literais seriam possíveis, como, por exemplo, “claro que sim” e “claro que não”.

⁴⁵ Pensamos também no termo *marcadores discursivos*, pois, segundo Urbano (1993, apud ROST-SNICHELOTTO, 2008, p.110), estes “Amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal”, podendo articular valores “tanto de caráter textual – estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala”. Entretanto, não estávamos seguros de que *alô* se encaixasse perfeitamente nesta descrição e, por isso, optamos pela denominação mencionada.

com a língua falada no Brasil, nível de linguagem onde poderíamos esperar as maiores discrepâncias.” (BIDERMAN, 2001a, p. 970), pois, ainda que parte considerável das palavras que existem no PB exista também no PE, pelos dados apresentados neste trabalho, não podemos assumir que estas palavras se empreguem da mesma forma e nas mesmas situações nas duas variantes.

4.3 Principais dificuldades de tradução

Conforme já observamos na seção *Classificação das diferenças ou contrastes*, muitas das dificuldades de tradução se devem a questões culturais, como a falta de referente em uma das culturas e as diferenças nos níveis institucionais. Sobre o primeiro caso, afirmam Wittmann, Pêgo e Santos (1995, não paginado) que, “Em geral, são nomes vulgares (não científicos) de certas plantas, frutas ou animais não pertencentes à linguagem corrente da outra variante, embora não exista nenhum equivalente, como por exemplo *azinheira* (PE) ou *sapoti* (PB).” Esse parece ser o caso de “urze” e “azevinho”, plantas pouco conhecidas no Brasil e que, por conseguinte, não sofreram alterações por não terem outros nomes mais comuns com os quais se possa designá-las.

bruyère [bryjɛʀ] <i>nf</i> plante à fleurs violettes ou roses {br} - urze ['urzə] <i>f</i>

houx ['u] <i>nm</i> <arbuste à boules rouges> petit arbre à boules rouges {br} - azevinho [ezə'viɲu] <i>m</i>
--

Já a situação seguinte é um tanto diferente. O equivalente proposto para *bidonville*, “bairro de lata”, é pouco usual na variante brasileira, mas não pelo fato de seu referente ser

pouco comum em nossa realidade. Pelo contrário. No Brasil, esse tipo de conjunto de habitações teve um papel marcante em nosso desenvolvimento demográfico, enquanto que sua presença em Portugal teve razões históricas diversas e representa um papel diferente e particular em sua cultura, portanto, parece natural que não receba a mesma denominação nos dois países. Assim, o equivalente adequado para variante brasileira é “favela”, unidade muito mais frequente no Brasil.

bidonville [bidɔvil] *nm* groupe d'habitations où vivent des gens très pauvres
{br} - ~~bairro de lata~~ **favela** ['bajɾudə'latɐ] *mf*

Analogamente, o equivalente que havia sido proposto para *beignet* (“pastel”), no Brasil, refere-se a um tipo muito específico de massa frita e recheada. De fato, quando se procurou imagens desse alimento, verificou-se que, embora não sejam idênticos, se assemelha muito mais ao doce que conhecemos como “sonho” do que ao (geralmente) salgado que conhecemos como “pastel”.

beignet [bɛɲɛ] *nm* pâte frite et remplie de qqch
{br} - ~~pastel~~ **sonho** ~~bolinho~~ [peʃ'tɛl], ~~rissole~~ **rissole** [ri'sɔl] *m*
 ◇ *beignet aux pommes*
{br} - ~~pastel~~ **sonho** *com recheio de maçã*
 ◇ *beignet de crevettes*
{br} - ~~rissole~~ **rissole** *de camarão*

O nível pragmático-cultural apresentou muitas dificuldades como as descritas acima. Podemos ainda mencionar mais alguns exemplos bastante ilustrativos, como o caso de “aldeia” > “vilarejo”. Sabendo-se que a definição de *village*, palavra do exemplo a que se refere a modificação, é “grupo de habitações importante o suficiente para formar uma unidade

administrativa, religiosa ou, no mínimo, podendo ter uma vida própria”,⁴⁶ percebemos que a “aldeia”, conforme a imaginamos no Brasil, talvez possa se encaixar nessa acepção. Contudo, para os brasileiros, o grupo de habitações a que chamamos “aldeia” está intimamente relacionado às populações indígenas que habitam essas terras, ou seja, trata-se de uma unidade culturalmente marcada. Portanto, empregar a palavra “aldeia” na tradução de *village* seria restringir e direcionar os significados desta última numa situação em que isso não era o que se pretendia.

Outro exemplo de dificuldade de tradução que se deve a diferenças nas realidades dos dois (ou três) países, embora não envolva unidades culturalmente marcadas de forma explícita, é o caso de “quinta” > “fazenda”, que foram propostos como tradução para a palavra *ferme*. De acordo com a definição dada pelo dicionário da Kernerman, *ferme* seria uma “propriedade agrícola”, o que condiz com o TLFi, segundo o qual, *ferme* seria, por extensão, “toda [terra destinada à] exploração agrícola”.⁴⁷ Procurando pelas definições de “quinta”, encontramos, no dicionário *Aurélio*, a observação de que as acepções referentes a terreno de cultivo são pouco usadas no Brasil; enquanto, no dicionário *Aulete*, encontramos explícita a marca de uso *Lus.* na acepção de “propriedade rural”, indicando novamente que esse é um sentido utilizado em Portugal e não no Brasil – o que intuitivamente, como falantes da variante brasileira, já imaginávamos. Restava-nos, então, decidir qual das palavras empregadas para se referir a propriedades rurais, no Brasil, seria mais adequada para traduzir a ideia de *ferme*. Eram três as opções mais comuns que, em maior ou menor grau, envolvem a produção agrícola: “chácara”, “sítio” e “fazenda”. As diferenças entre a primeira e a segunda, pelo que se encontra nos dicionários, não são muito claras. Pessoalmente, visto que os dicionários não permitem uma distinção precisa, “chácara” parece ser um pouco menor do

⁴⁶ Tradução nossa. “**A. — 1.** Agglomération rurale; groupe d’habitations assez important pour former une unité administrative, religieuse ou tout au moins pouvant avoir une vie propre.” (TLFi)

⁴⁷ Tradução nossa. “**B. —** [P. méton. de A 2] **1.** Exploitation agricole qui a fait l’objet d’un bail à ferme; p. ext. toute exploitation agricole.”

que “sítio” e mais voltada ao lazer do que à produção agrícola; “sítio” seria o meio termo entre “chácara” e “fazenda”, tanto no que diz respeito a tamanho, quanto no que se refere à produção. Já no que concerne à ideia de “fazenda”, sua distinção das demais está bem definida, pois se trata de uma “Grande propriedade rural, de lavoura ou de criação de gado.” (AURÉLIO). Portanto, como está marcada em *ferme* a ideia da exploração agrícola, optamos por “fazenda”, que nos pareceu ter esse traço mais marcado, ainda que não estejamos seguros de que os referentes de *ferme* e “fazenda” sejam exatamente os mesmos.

ferme' [fɛrm] *nf* 1 (...)
 2 propriété agricole
 {br} – quinta fazenda
 ◇ travailler à la ferme
 {br} - trabalhar na quinta fazenda

Para ilustrar os casos de dificuldade de tradução relacionados a diferenças nos níveis institucionais, podemos citar o caso de “liceu”, que, apesar de existir em PB, é mais usado em nomes próprios de “estabelecimentos de ensino do segundo grau” do que como uma designação geral para os mesmos.

lycée [lise] *nm* <établissement scolaire> établissement scolaire du second degré
 {br} – liceu colégio *m* [li'sew], escola secundária de ensino médio *f* [əʃ'kolɛsəkũ'darʒɛ]

Por fim, em alguns verbetes, como foi o caso de *berlingot*, a dificuldade em encontrar o equivalente adequado não se deu apenas para a variante brasileira. Assim como no Brasil, em Portugal parece não ser muito comum esse tipo de bala de formato tetraédrico, nem a embalagem que imita sua forma, de modo que, em ambas as variantes, foi preciso recorrer a unidades lexicais menos específicas, como “bala” e “caixinha” (PB).

berlingot [bɛrlɛ̃ɡo] *nm* 1 bonbon

{br} - ~~rebuçado~~ [ʁəbu'sadu] *m* ~~bala, doce???~~

2 emballage

{br} - ~~embalagem~~ [ɛ̃be'laʒɛ̃] *f* ~~saquinho~~ *M*, ~~caixinha~~

◇ *berlingot de lait*

{br} - ~~embalagem~~ ~~saquinho~~ *de leite*



Figura 12 À esquerda, a bala *berlingot* e, à direita, a embalagem que recebe o mesmo nome.

Conforme se pôde observar nesta seção, apesar de pouco numerosas, as entradas em que se encontra algum tipo de dificuldade de tradução não costumam permitir o uso satisfatório de equivalentes. Portanto, acreditamos que a melhor solução nesses casos seria a utilização de uma definição mais explicativa, a fim de que o consultante tome consciência dos detalhes ocultos pelo simples emprego do equivalente e possa optar por suas próprias soluções tradutórias, se for o caso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve os seguintes objetivos principais: por meio da descrição da adaptação de um novo dicionário de francês para aprendizes brasileiros, propusemo-nos a avaliar essa obra e verificar as diferenças entre as principais variantes do português, a brasileira e a europeia.

Primeiramente, vimos que esse novo dicionário semibílingue francês-português brasileiro, como qualquer outro dicionário, tem suas falhas, como a falta de algumas poucas unidades que consideramos importantes ou de marcas de uso do registro não-padrão. Todavia, esse projeto continua uma importante iniciativa no reduzido contexto das obras lexicográficas pedagógicas envolvendo a língua francesa, no mercado editorial brasileiro – mercado em que línguas diferentes do inglês não são tão comuns. Isso se torna mais evidente diante do fato de que a maioria dos dicionários francês-português brasileiro apenas lista equivalentes e muitos trazem apenas transliterações da pronúncia, sem a aplicação do Alfabeto Fonético Internacional, especialmente desenvolvido para esse fim. No caso dessa coleção de dicionários, como já mencionado, há um grupo de linguistas que se dedicam às transcrições em PB.

Tivemos a oportunidade de discutir e observar, em alguns momentos, o papel do lexicógrafo enquanto tradutor nos dicionários bilíngues. Assim como os demais tradutores, o lexicógrafo está sempre diante de escolhas, e escolhas ainda mais difíceis dado o contexto reduzido que tem para orientar a leitura de seu consulente.

Também observamos, em nossa amostra, que não foram poucas as alterações feitas durante o processo de adaptação do dicionário, a fim de tornar equivalentes e exemplos mais usuais e naturais para os falantes de PB. Quantitativamente, notou-se que essas modificações

concentraram-se nos níveis léxico-semântico e morfológico-sintático, mas viu-se ainda que, qualitativamente, o nível pragmático-cultural também se mostrou bastante significativo.

Embora esteja sujeito a falhas na interpretação dos dados, que eram dos mais variados tipos, acreditamos que este trabalho representa uma contribuição à discussão sobre as divergências entre o PB e PE, visto que muitos, não só no meio acadêmico, têm suas opiniões a respeito, mas poucos têm dados quantitativos a oferecer.

Nossos dados, aliados à opinião de alguns importantes pesquisadores, mostram que as diferenças entre as duas variantes já não são tão restritas quanto se costuma afirmar, com base no argumento da intercompreensão entre os falantes. Enquanto observamos uma quantidade significativa de divergências no nível da norma, alguns dos autores citados, principalmente no Capítulo III, já apontam para diferenças também no nível do sistema.

Dessa forma, esperamos que nossos resultados possam fornecer material para a discussão das diferenças entre as duas principais variantes do português e possam sugerir novos pontos a investigar. Lembramos, porém, que a questão de como nomear nossa variante continua também uma questão política. Visto não haver limites linguisticamente definidos para a separação de línguas próximas, parece ainda não ser possível definir consensualmente se o português falado no Brasil já se caracteriza como outra língua em relação ao português falado na Europa, assim como é outra língua quando em oposição ao espanhol ou ao italiano, por exemplo.

Nas palavras de Castilho (2007),

Somente a realização de estudos simultâneos sobre as duas modalidades, fundamentados em princípios teóricos e metodológicos compatíveis, poderá constatar até que ponto as duas variedades se afastaram, ou se é verdade que ambas ainda integram uma grande unidade que não exclui a variedade. (CASTILHO, 2007, p. 269)

É importante também que, como sugere Mattos e Silva (2004, p. 146), esses novos estudos não se limitem ao interior da estrutura, na qual sem dúvida ainda há o que ser pesquisado, mas explorem igualmente os usos discursivos, conversacionais, pragmáticos e transfrásticos, para assim distinguir a interação linguística nos dois países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23> . Acesso em: 16 jun. 2012.

ACORDO Ortográfico da Língua Portuguesa. Lisboa, 1990. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/media/O%20Acordo%20Ortogr%C3%A1fico%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa_anexoI%20e%20II.pdf . Acesso em: 16 jun. 2012.

ALVES, I. M. *Neologismo: Criação Lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

ARROJO, R. *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

AUGÉ, H. et al. *Tout Va Bien! 1. Méthode de français. Livre de l'élève*. Paris : CLE International, 2005.

AULETE DIGITAL. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lexicon Editora Digital Ltda. Disponível em: <http://auletedigital.com.br/download.html>. Acesso em: 21 maio 2005.

AVOLIO, J. C.; FAURY, M. L. *MICHAELIS: Dicionário Escolar Francês: francês-português, português-francês*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/escolar/frances/index.php> Acesso em: 28 jun. 2012.

BAGNO, M. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.). *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1996.

BEZERRA, M. A.; DIAS, L. F. Gramática e dicionário. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Org.). *Introdução às ciências da linguagem – A palavra e a frase*. Campinas: Pontes Editores, 2006, p. 13-37.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998, p. 129-142.

_____. O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes. *Revue belge de philologie et d'histoire*. Langues et littératures modernes - Moderne taal- en letterkunde. v. 79, n. 3, p. 963-975, 2001a. Disponível em : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_2001_num_79_3_4556 Acesso em: 22 jun. 2011.

_____. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 185-200.

BINON, J. ; VERLINDE, S. ; SELVA, T. Influences internationales sur la lexicographie pédagogique du FLE. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 44(2) 173-294, p. 215-231, Jul/Dez, 2005.

BOGAARDS, P. *Le vocabulaire dans l'apprentissage des langues étrangères*. Paris : Didier-Hatier, 1994. Col. LAL - Langues et apprentissage des langues.

BOISSON, C. L'Antiquité et la variété des dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H. ; THOIRON, P. (Org.). *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve : Duculot, 1996, p. 17-30.

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

CASTILHO, A. T. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 237-269.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: _____. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral: cinco estudos*. Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979, p. 13-85.

CUNHA, C. Política e cultura do idioma. In: _____. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 11-36.

DAVIES, M.; PRETO-BAY, A. M. R. *A Frequency Dictionary of Portuguese*. Nova York: Routledge, 2007.

DIAS, L. F. *Os sentidos do idioma nacional: As bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO – *Século XXI*. Versão 3.0. Editora Nova Fronteira; Lexicon Informática Ltda. 1999.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. *On-line*. Priberam Informática S.A. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO>. Acesso em: 21 maio 2012.

DURAN, M. S. *Dicionários bilíngues pedagógicos: análise, reflexões e propostas*. 2004. 132f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2004.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Lexicografia Pedagógica: atores e interfaces. D.E.L.T.A. v. 23, n. 2, 2007, p. 203-222. Disponível em: www.scielo.br/pdf/delta/v23n2/a02v23n2.pdf Acesso em: 21 jun. 2012.

FERNANDES, H. Y. S.; XATARA, C. M. French-Portuguese dictionary: Adapting the translation from European Portuguese to Brazilian Portuguese. Tradução Francês-Inglês de Gabriel Giglio. *Kernerman Dictionary News*. Tel Aviv, 19, p. 6-9, julho 2011.

FISH, S. *Is there a text in this class?* The authority of interpretative communities. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

GRUPO de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. *Lexicografia*. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/lexicografia/lexicografia.asp> Acesso em: 10 ago. 2012.

HAENSCH, G. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid : Gredos, 1982b, p. 395-536.

HARTMANN, R. R. K. Case Study: the Exeter University Survey of Dictionary Use. In: ____ (Ed.). *Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries – Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three*, 1999, p. 36-52. Disponível em: <http://userpage.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.pdf>. Acesso em: 18 maio 2012.

HERNÁNDEZ, H. Crítica lexicográfica: métodos y perspectivas. *Lingüística Española Actual*. Madrid, vol XX/1, p. 5-28, 1998.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

HUMBLÉ, P. *Dictionaries and Language Learners*. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2001.

_____. Os estudos da tradução e os dicionários. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 44(2): 173-294, p. 233-246, Jul/Dez. 2005.

INFOPÉDIA. *Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*. Porto Editora. 2003-2012. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/>. Acesso em: 21 maio 2012.

INSTITUTO CAMÕES. *Fórum dos Linguistas: Unidade e diversidade da língua portuguesa*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/forum/index.html>. Acesso em: 30 abr. 2012.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da Tradução. In: _____. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 63-72.

KATO, M. A. Como, o que e por que escavar? In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português Brasileiro*. Uma viagem diacrônica. Campinas: Editora Unicamp, 1996, p. 13-30.

KRIEGER, M. G. et al. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 173-187, 2006.

LANCKRIET, N. (Coord.) *Dictionnaire Assimil Kernerman Portugais-Français Français-Portugais*. Chennevières-sur-Marne : Assimil, 2009.

LAROUSSE. Éditions Larousse 2009. Disponível em: <http://www.larousse.fr/>. Acesso em: 21 maio 2012.

LE PETIT ROBERT. *Dictionnaire de la langue française*: version électronique. Paris: Havas interactive, 1997. 1 CD-ROM. Versão 1.3.

LE sommet européen débouchera-t-il sur un compromis? *Le Monde*, Paris, 27 jun. 2012. Idées. Disponível em: http://www.lemonde.fr/idees/ensemble/2012/06/27/rencontre-hollande-merkel-compromis-ou-divergence_1725398_3232.html Acesso em: 28 jun. 2012.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Letramento. In: _____. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-43.

MARELLO, C. Les différents types de dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.). *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve : Duculot, 1996, p. 31-52.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. Dicionario del estudiante. 2005. Não paginado. Disponível em: www.martinezdesousa.net/dic.estudiante.pdf. Acesso em: 21 jun. 2012.

MATTOS e SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

ORLANDI, E. P. A língua brasileira. *Cienc. Cult.* [online], vol. 57, n. 2, p. 29-30, 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a16v57n2.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

PARREIRA DA SILVA, M. C. O dicionário bilingue na aprendizagem do léxico da língua francesa. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 4, 2000, Curitiba. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/086.htm> Acesso em: 15 jun. 2011.

_____. *Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português-francês*. 2002. 266f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

_____. O léxico básico da língua francesa nos dicionários bilíngues. In: SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 5, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Gráfica e editora Vieira, 2003, p. 272-278.

_____. Lexicografia bilíngüe: uma verificação dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües Francês-Português e Português-Francês. In: LONGO, B. N. de O.; SILVA, B. C. D. (Org.). *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006, p. 13-44.

_____. Reflexões sobre o verbete dos dicionários bilíngües para fins pedagógicos. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (Org.). *As Ciências do Léxico - Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Uberlândia: UFU, 2008, v. 4, p. 329-349.

REY, A. *La lexicologie: lectures*. Paris: Klincksieck, 1970.

RIVA, H. C. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. 2008. 311f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro : uma viagem diacrônica, homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1996.

RODRIGUES, C. C. *Tradução : Teorias e Contrastes*. 1988. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar*, v. 6, nº 6, p. 109-130, Jul/Dez. 2008. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_6/INTER6_Pg_109_130.pdf Acesso em: 02 fev. 2012.

SANDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1, p. 181-206.

SZENDE, T. Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilingues. In : BÉJOINT, H.; THOIRON, P. *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve, Duculot, 1996, p. 111-126.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I. KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma*

viagem diacrônica, homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996, p. 69-105.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>. Acesso em: 21 maio 2012.

TUFANO, D. *Guia Prático da Nova Ortografia*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

WELKER, H. A. Breve histórico da metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. 2006. Disponível em: http://www.let.unb.br/hawelker/metalex_Matraga.pdf. Acesso em: 9 mar. 2010.

WITTMANN, L. H.; PÊGO, T. R.; SANTOS, D. Português brasileiro e português de Portugal: algumas observações. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, 11, 1995, Lisboa. Não paginado. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/WittmannPegoSantosAPL95.pdf> Acesso em: 14 mar. 2010.

XATARA, C. M. A web para um levantamento de frequência. SIMPÓSIO NACIONAL E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 11, 2006, Uberlândia. *Múltiplas perspectivas em Lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 770-777. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_398.pdf Acesso em: 15 jun. 2011.

ZAVAGLIA, C. *Análise da homonímia no português: tratamento semântico com vistas a procedimentos computacionais*. 2002. v. 1. 359 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

ANEXOS

Tabela 1 Lista descritiva dos arquivos traduzidos

Arquivo nº	Inicial-final	entradas	modificadas	% modif.
1003	adoucissant-agression	104	55	52,9
1004	agressivité-allongé	92	52	56,5
1005	allonger-analphabète	102	44	43,1
1008	ardoise-assez	111	47	42,3
1009	assidu-aucun	107	52	48,6
1012	bancal-beaux-parents	104	55	52,9
1013	bébé-bimensuel	106	54	50,9
1016	brave-buter	105	53	50,5
1017	butin-canapé	113	57	50,4
1020	chagriner-chauve	106	49	46,2
1021	chauve-souris-circonstance	115	60	52,2
1024	comportement-connecter	109	53	48,6
1025	connexion-contrepartie	112	45	40,2
1028	critiquer-débattre	112	51	45,5
1029	débit-dédaigneux	104	56	53,8
1032	depuis-déstabiliser	105	55	52,4
1033	destin-différer	112	56	50,0
1036	durable-écuyer	115	64	55,7
1037	édifice-embaucher	106	52	49,1
1040	entracte-équinoxe	111	53	47,7
1041	équipage-étincelle	105	57	54,3
1044	fainéant-ferroviaire	102	49	48,0
1045	fertile-flirt	111	63	56,8
1048	fusible-générateur	110	64	58,2
1049	génération-gouverner	110	59	53,6
1052	hérisson-hurler	111	56	50,5
1053	hutte-impérieux	104	48	46,2
1056	informe-insurrection	113	58	51,3
1057	intact-irrégularité	112	50	44,6
1060	léger-lotissement	110	59	53,6
1061	loto-maman	122	60	49,2
1064	mesquin-mistral	106	42	39,6
1065	mite-mouchoir	114	60	52,6
1068	objectivité-ordre	112	59	52,7
1069	ordures-panser	114	47	41,2
1072	percée-phoque	107	48	44,9
1073	photo-plein	115	73	63,5
1076	prédécesseur-principauté	105	55	52,4
1077	principe-prosaïque	109	56	51,4

1080	rafraîchissant-ravaler	106	63	59,4
1081	ravi-reconvertir	111	63	56,8
1084	renverse-respectable	105	62	59,0
1085	respecter-revivre	95	64	67,4
1088	sanglot-séduction	108	54	50,0
1089	séduire-sigle	102	60	58,8
1092	spot-superficiel	112	65	58,0
1093	superflu-tambour	117	52	44,4
1096	toucher-travers	98	53	54,1
1097	traversée-tyran	106	57	53,8
1100	vieux-volontairement	111	57	51,4
1101	volonté-zoom	73	36	49,3
	Total	5487	2812	51,2

Tabela 2 Lista descritiva dos arquivos analisados

Arquivo	Entradas	modificadas	% modif.	modificações	F-O	% modif.	M-S	% modif.	L-S	% modif.	P-C	% modif.
1003	104	47	45,19	70	11	15,71429	24	34,28571	34	48,57143	1	1,428571
1004	92	49	53,26	82	11	13,41463	31	37,80488	33	40,2439	7	8,536585
1008	111	46	41,44	77	4	5,194805	26	33,76623	46	59,74026	1	1,298701
1013	106	52	49,06	77	12	15,58442	19	24,67532	43	55,84416	3	3,896104
1020	106	49	46,23	78	5	6,410256	22	28,20513	51	65,38462	0	0
1025	112	43	38,39	57	8	14,03509	19	33,33333	30	52,63158	0	0
1032	105	53	50,48	82	7	8,536585	16	19,5122	58	70,73171	1	1,219512
1037	106	50	47,17	82	15	18,29268	16	19,5122	49	59,7561	2	2,439024
1044	102	48	47,06	116	7	6,034483	42	36,2069	62	53,44828	5	4,310345
1049	110	60	54,55	101	10	9,90099	32	31,68317	57	56,43564	2	1,980198
1056	113	58	51,33	73	15	20,54795	30	41,09589	27	36,9863	1	1,369863
1061	122	59	48,36	88	8	9,090909	33	37,5	39	44,31818	8	9,090909
1068	112	57	50,89	83	14	16,86747	27	32,53012	40	48,19277	2	2,409639
1073	115	73	63,48	142	11	7,746479	44	30,98592	81	57,04225	6	4,225352
1080	106	62	58,49	116	7	6,034483	35	30,17241	73	62,93103	1	0,862069
1085	95	63	66,32	152	9	5,921053	69	45,39474	71	46,71053	3	1,973684
1092	112	65	58,04	112	18	16,07143	31	27,67857	62	55,35714	1	0,892857
1097	106	55	51,89	97	8	8,247423	31	31,95876	58	59,79381	0	0
1101	73	40	54,79	70	6	8,571429	25	35,71429	38	54,28571	1	1,428571
total	2008	1029	51,25	1755	186	10,59829	572	32,59259	952	54,24501	45	2,564103

Tabela 3 Vista parcial da planilha do nível fonético-ortográfico

Arquivo nº	Entrada	Modificada?	Acepção	Acréscimo	corte	Tipo de modificação	Observações	ct > t	cc > c	cç > ç	bt > t	pt > t	s > ss
						Fonética-ortográfica							
1003	adresse2	não				electrónico > eletrônico		x					
1003	adresser	não				directamente > diretamente		x					
1003	aérien	não				metro > metrô							
1003	affectation2	sim	0	afetação	afecção	afecção > afetação		x					
1003	affecté	sim	0	afetado	afectado	afectadas > afetadas		x					
1003	affecter2	sim	0	afetar	afectar	—		x					
1003	affectif	sim	0	afetivo	afectivo	afectiva > afetiva		x					
1003	affectueusement	sim	0	afetuosamente	afectuosamente	afectuosamente > afetuosamente		x					
1003	affectueux	sim	0	afetuoso	afectuoso	—		x					
1003	affluence	não				metro > metrô							
1003	agenda	não				electrónica > eletrônica		x					
1004	ahuri	sim	0	estupefato	estupefacto	estupefacto > estupefato		x					
1004	aiguiller	sim	1	encarrilhar	encarrilar	encarrilar > encarrilhar							
1004	aimant	sim	0	ímã	íman	—							
1004	ainé	sim	nmf	primogênito	primogénito	primogénito > primogênito							
1004	aire	não				rectângulo > retângulo		x					
1004	aisselle	não				rapar as axilas > raspar as axilas							

Tabela 4 Vista parcial da planilha do nível morfológico-sintático

Arquivo nº	Entrada	Modificada?	Acepção	Acréscimo	corte	Tipo de modificação	Observações	sufixo	prefixo	C.P.	tu > vc
						Morfológica-sintática					
1003	adoucissant	sim	0	amaciante	amaciador	—		x			
1003	adresser	não				dirige-se > se dirige				x	
1003	adresser	não				dirige-se sempre > sempre se dirige					
1003	affaire	não				trata > cuide					x
1003	affairer	não				a arrumar > arrumando					
1003	affilier	não				filiar-se em > filiar-se a					
1003	affiner	não				desde que faz desporto > desde que começou a praticar esportes					
1003	affinité	sim	0			ter afinidades > ter afinidade					
1003	affliger	não				a situação > essa situação					
1003	affliger	não				aflige-o > o aflige				x	
1003	affolement	não				se vai resolver > vai se resolver				x	
1003	affoler	não				afligires-te > se desesperar					x
1003	affoler	não				afligires-te > se desesperar				x	
1003	afin	não				a fim de nos vermos > a fim de ver vocês					
1003	afin	não				telefona-me > telefone-me					x
1003	afin	não				explicar-te > explicar para você					x
1003	agacer	não				ele irrita-me > ele me irrita				x	

Tabela 5 Vista parcial da planilha do nível léxico-semântico

Arquivo nº	Entrada	Modificada?	Acepção	Acréscimo	corte	Tipo de modificação	Observações	Contraste absoluto	Eq menos usual em PB	Est > Vern	Vern > Est
						Léxico-semântica					
1003	adresse1	sim	0	habilidade		destreza > habilidade			x		
1003	aération	não				conduta de ar > tubo de ar			x		
1003	aérer	não				uma sala > um cômodo			x		
1003	aérosol	não				tira-nódoas > tira-manchas			x		
1003	affaiblir	não				de dia para dia > de um dia para o outro					
1003	affaire	não				Trata > cuide			x		
1003	affaire	não				chave de parafusos > chave de fenda			x		
1003	affaire	sim	7			os negócios estrangeiros > as relações internacionais					
1003	affaissement	não				abatimento de terreno > abatimento de solo			x		
1003	affaïsser	sim	0	cair		abateu > afundou			x		
1003	affaïsser	não				sítios > pontos			x		
1003	affectation1	não				estrangeiro > exterior			x		
1003	affectation1	não				um organismo > uma organização			x		
1003	affection1	não				sentir afeição > ter afeição			x		
1003	affichage	não				painel de afixação > quadro de avisos			x		
1003	affiner	sim	2	afinar	adelgaçar	adelgaçar > afinar			x		

Tabela 6 Vista parcial da planilha do nível pragmático-cultural

Arquivo nº	Entrada	Modificada?	Acepção	Acréscimo	corte	Tipo de modificação	Observações	org.soc.	aliment	cultura
						Pragmática-cultural				
1003	agneau	sim	2	cordeiro		costoletas de borrego > costoletas de cordeiro			x	
1004	agrume	sim	0			citrino > fruta cítrica				
1004	alentours	não				arredores da aldeia > arredores do vilarejo				x
1004	aller1	não				aldeia > vilarejo				x
1004	allô	sim	0	alô	está?	está? Está lá? Sim? > alô	confirmar			
1004	allocation	sim	0	auxílio		subsídio de alojamento > auxílio-moradia		x		
1004	allocation	sim	0	seguro		subsídio de desemprego > seguro desemprego		x		
1004	allocation	sim	0	bolsa		abono de família > bolsa família		x		
1008	arrondissement	sim	0	circunscrição	bairro	bairros > circunscrições		x		
1013	beignet	sim	0	sonho	pastel	pastel > sonho			x	
1013	BECP	sim	0	exame prestado ao fim do 9º ano de escolaridade	exame correspondente ao 9º ano de escolaridade	passar o exame correspondente ao 9º ano > prestar o exame ao fim do 9º ano		x		

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 3 de agosto de 2012.

Helena Yuriko Sakano Fernandes